

dos algarves

revista da **ESGHT / UALG**

O TURISMO RESIDENCIAL E OS *RESORTS* INTEGRADOS NO PÓLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO OESTE: ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO
Mafalda Patuleia

TURISMO NAS ILHAS CAYMAN: OS EFEITOS DA OCORRÊNCIA DE FURACÕES NA ATIVIDADE TURÍSTICA LOCAL
Lucas Rebello de Oliveira • Eduardo Ferraz Martins • Raffaella Martins Medeiros • João Carlos Soares de Mello

GESTIÓN FINANCEIRA DE UN NEGOCIO: EL PARTICULAR CASO DE LA EMPRESA FAMILIAR EXTREMEÑA
Remedios Hernández-Linares • Cristina Barriuso • Ascensión Barroso • Tomás M. Bañegil

DIAGNÓSTICO DO NÍVEL DE COMPETÊNCIAS DE LÍNGUA INGLESA E PERCEPÇÕES DE CONHECIMENTOS DE UM GRUPO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS
Ana Paula Correia • Filipa Perdigão Ribeiro

EROTICIZATION OF THE RELIGIOUS IN THE POETRY OF FLORBELA ESPANCA
Maria da Conceição Lopes Gordon

O INTÉRPRETE ESTÚPIDO
Rui Lopes

ÍNDICE

O TURISMO RESIDENCIAL E OS *RESORTS* INTEGRADOS NO PÓLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO OESTE: ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO

Mafalda Patuleia

4 - 22

TURISMO NAS ILHAS CAYMAN: OS EFEITOS DA OCORRÊNCIA DE FURACÕES NA ATIVIDADE TURÍSTICA LOCAL

Lucas Rebello de Oliveira • Eduardo Ferraz Martins • Raffaella Martins Medeiros • João Carlos Soares de Mello

23 - 47

GESTIÓN FINANCEIRA DE UN NEGOCIO: EL PARTICULAR CASO DE LA EMPRESA FAMILIAR EXTREMEÑA

Remedios Hernández-Linares • Cristina Barriuso • Ascensión Barroso • Tomás M. Bañegil

48 - 63

DIAGNÓSTICO DO NÍVEL DE COMPETÊNCIAS DE LÍNGUA INGLESA E PERCEPÇÕES DE CONHECIMENTOS DE UM GRUPO DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Ana Paula Correia • Filipa Perdigão Ribeiro

64 - 83

EROTICIZATION OF THE RELIGIOUS IN THE POETRY OF FLORBELA ESPANCA

Maria da Conceição Lopes Gordon

84 - 100

O INTÉRPRETE ESTÚPIDO

Rui Lopes

101 - 121

REDACÇÃO Nº 20 / EDITORIAL BOARD NO 20

DIRECTORA / EDITOR:

Filipa Perdigão

SUBDIRECTORA / CO-EDITOR:

Rita Baleiro

REDACÇÃO / EDITORIAL BOARD

Cristina Gonçalves • Ana Paula Correia

REVISORES LINGUÍSTICOS / LANGUAGE REVIEWERS

Ana Paula Correia • Olívia Hernandez • Cristina Firmino

CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO SITE / WEB DESIGN

Carlos Sousa • Pedro Cascada

ESGHT / UALG

Universidade do Algarve

Campus da Penha

8000 FARO

Tel. +351 289 800 100

<http://www.esght.ualg/>

<http://dosalgarves.com>

ISSN: 0873-7347

INDEXAÇÃO / ABSTRACTING

DOAJ – Directory of Open Access Journals <http://doaj.org/>

O turismo residencial e os *resorts* integrados no pólo de desenvolvimento turístico do oeste: estratégias de desenvolvimento

Mafalda Patuleia

Doutoranda FE - Universidade do Algarve • Instituto Superior de Novas Profissões
mafaldapatuleia@inp.pt

Resumo

Quanto maior for o conhecimento estratégico sobre os mercados, produtos e serviços, processos e procedimentos, competências e legislação aplicável, mais fácil será a tomada de decisões nas actividades diárias por parte das organizações responsáveis. No caso do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste tem-se verificado uma orientação estratégica assente no desenvolvimento do fenómeno do turismo residencial e dos *resorts* integrados associados à implementação de produtos como o golfe, o *touring* cultural, a animação, entre outros, como uma forma de resposta aos problemas impostos pela sazonalidade. No sentido de averiguar estes pressupostos, o presente artigo pretende através de técnicas qualitativas baseadas na recolha documental e na análise de conteúdo de vários planos de orientação estratégica, verificar a visão organizacional desta entidade regional relativamente à implementação de uma oferta diversificada e diferenciada neste destino turístico.

Palavras-chave: segundas residências; turismo residencial; *resorts* integrados e orientações estratégicas.

Abstract

The greater the strategic knowledge is on markets, products, services, processes and procedures, responsibilities and applicable legislation, the easier it will be for local authorities and businesses to make decisions on their own daily activities. In the case of the West Tourism Region there has been a strategic direction based on the development of the phenomenon of the second homes and residential resorts associated with the implementation of integrated products such as golf, cultural touring, entertainment, among others, as a response to the problems posed by seasonality. Through content analysis, the aim of the present article is to examine the organizational vision of this regional authority and, based on the strategic regional guideline plans, to offer a structured implementation of other types of tourism destination products.

Keywords: second homes; holiday homes; residential tourism; residential resorts; strategic regional guideline plans.

Introdução

Nos últimos anos, a actividade turística tem sofrido um conjunto de alterações que a tornam num fenómeno cada vez mais complexo de analisar e de investigar. Estas alterações podem estar relacionadas com as alterações de paradigma que se verificam por parte da oferta ao se adequar a uma procura cada vez mais diversificada.

Assiste-se a uma clara heterogeneidade nas motivações dos indivíduos nas sociedades emissoras que se traduzem num verdadeiro “mosaico” de comportamentos e de atitudes onde, muitas vezes se verificam implícitos valores de ética e de sustentabilidade. Escolhe-se o rural, o verde, o ecoturismo, o turismo ético, os passeios ao ar livre, o contacto com a natureza, as artes tradicionais, as festas e outras expressões culturais tradicionais, o exotismo e a autenticidade (Cavaco, 2008). Paralelamente existe uma consciencialização generalizada de que é necessário recuperar os valores e os costumes perdidos em consequência do progresso, marcado pelo consumismo e pelas consequências negativas que afectam a saúde de cada um, assistindo-se a uma intensificação da procura de produtos e serviços que promovam o bem-estar individual inerente a novos estilos de vida. A resposta a esta procura tem sido colmatada com o crescente desenvolvimento de produtos, como a segunda habitação, que se apresenta como uma possível resposta a este tipo de necessidade. Para Huete (2009), o turismo residencial tornou-se num elemento básico que engloba um colectivo de indivíduos interessados em alcançar valores que lhes transmitam bem-estar e qualidade de vida.

Por outro lado, a globalização e o processo de unificação da Europa através da implementação da circulação da moeda única facilitou as transacções comerciais e turísticas, assim como o incremento da oferta de residências para uso turístico e como consequência um aumento da concorrência dos receptores de turismo residencial. Ou seja, tudo pode apontar para um aumento das pessoas que vão optar pela compra de uma segunda residência, sobretudo em lugares

onde percebam que existem mais atractivos para o seu bem-estar (*ibidem*). Esta mobilidade inter-residências é cada vez mais heterogénea na forma como se apresenta, perante uma diversidade de motivações que a caracteriza. Estamos a falar, por exemplo, de utilizadores nacionais, internacionais, activos ou reformados, que utilizam estas residências em espaços como os *resorts* integrados, onde existe uma gestão integrada de hotelaria, atracções, desporto, entre outros.

No caso do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste as orientações estratégicas para o desenvolvimento do turismo residencial em espaços como os *resorts* integrados surgem associadas ao desenvolvimento de produtos turísticos, como o golfe, o *touring* cultural, a animação, entre outros, como uma forma de resposta aos problemas da sazonalidade.

1. Considerações sobre a segunda residência

A utilização da segunda residência como prática turística não é um fenómeno recente (Cravidão, 1988). Há muito que a existência de casas de campo ou de praia fazem parte da paisagem que nos rodeia. Possivelmente cada um de nós, enquanto criança, tem no seu imaginário a casa onde outrora, na companhia dos pais e/ou dos avós, se deslocava de “armas e bagagens” durante longos meses de veraneio. Esses meses transformavam-se em tempos singulares e particulares que se quereriam ausentes de práticas regulares vividas no dia-a-dia.

O desenvolvimento da segunda residência foi acompanhado pelo amadurecimento das práticas de lazer e de turismo, que só a partir dos anos 60 do século XX foram expressão de análise pelo volume atingido tornando-se num alvo de estudo e reflexão pela aceitação que tiveram nas várias camadas sociais. Vários são os factores que contribuíram para este desenvolvimento: o crescimento económico que se registava em alguns países da Europa do Norte, a institucionalização das férias pagas, o desenvolvimento dos transportes e das vias

de comunicação, o aumento da esperança de vida aliado, por um lado ao envelhecimento da população nos países mais desenvolvidos e por outro, ao seu poder de compra (Almeida, 2009).

Um dos primeiros obstáculos que se encontra ao estudar este fenómeno diz respeito à definição que lhe devemos atribuir. Isto porque, quando se pensa na prática turística em segundas residências pensa-se numa prática que, para alguns, está no limiar do conceito de turismo. Por exemplo, Cohen (1974) conclui que os proprietários de segunda habitação são considerados turistas marginais devido à sua forma de procedimento e à sua falta de inovação no seu perfil de viajante. No entanto, vários argumentos contrariam esta questão, justificados com base na importância que o mesmo constitui para o crescimento do turismo interno/doméstico, ou seja, se o ignorarmos significa negligenciar também dados importantes para justificar os comportamentos dos turistas e as infra-estruturas turísticas (Jaakson, 1986; Coppock, 1977).

Constata-se também, que a apresentação das várias reflexões sobre este fenómeno espelha diferentes variáveis, que se encontram imbricadas nas características do próprio conceito, como por exemplo: (1) o tipo de regime de propriedade da habitação se é própria ou alugada; (2) o tipo de actividade que é desenvolvida neste tipo de alojamento, uma vez que à partida estas casas se destinam especialmente ao lazer e ao ócio, e o facto de aí se desenvolverem actividades profissionais possibilita ou não classificá-las como residências secundárias; (3) a distância a que fica da residência habitual; (4) o tempo de permanência, ou seja, se é apenas para utilização de fim-de-semana ou mesmo *short break* ou então, por um período mais lato como o período de férias; (5) e por último se o tipo de alojamento móveis e/ou amóveis fazem parte ou não desta classificação (Jaakson, 1986; Coppock, 1977; Mazón et al., 2008; Huete, 2009; Almeida, 2009).

O termo turismo residencial encerra em si alguma complexidade, existindo autores que o denominam como casa de férias, casa de verão, casa de campo, casa de fim-de-semana, segunda residência, residência secundária, turismo

residencial, semi-migração, migração de verão, suburbanização sazonal, segunda habitação, entre outros. No entanto podemos referir que este é um segmento onde o turista utiliza durante a sua estada uma segunda residência, que pode estar inserida num edifício ou condomínio privados ou então num conjunto turístico (*resort*) (Almeida, 2009).

2. O turismo residencial e os *resorts* integrados

No estudo do turismo residencial, a primeira constatação reside no problema conceptual do significado do mesmo dado às novas formas de mobilidade nas sociedades modernas que se situam entre a mobilidade temporal e a migração permanente (Bell e Ward, 2000; Williams e Hall, 2000). Se a definição de turismo já imbrica um problema conceptual difícil de esclarecer, o entendimento da questão semântica do turismo residencial é ainda bem mais complexo (Santos e Costa, 2009). Se não vejamos, logo à partida a própria expressão em si é contraditória porque se pressupõe que o alojamento turístico seja por si próprio um alojamento temporário, e o alojamento residencial, por regra permanente. Outros autores acrescentam que esta conjugação de palavras, que na sua natureza apresenta alguma controvérsia, tornou-se generalizada e utilizada como marca comercial ao serviço dos interesses dos promotores imobiliários e dos organismos estatais, fazendo com que se qualifique como actividade turística, a mera venda imobiliária de imóveis a não residentes (Mazón et al., 2008). No caso da literatura anglo-saxónica a utilização da expressão “turismo residencial” é muito escassa, sendo vulgarmente substituída pela expressão “second home tourism” (Huete, 2009).

Em Portugal, nos últimos anos, a expansão da segunda residência deu lugar ao conceito de turismo residencial que é actualmente analisado como um novo paradigma no mercado imobiliário turístico (Almeida, 2009). A ideia é colocada, pela primeira vez em Portugal, no Plano Estratégico Nacional de Turismo em

2007. O turismo residencial e os *resorts* integrados surgem, entre outros produtos estratégicos, como um novo produto turístico, que pelo seu estudo diferenciado, irá verificar-se que são dois universos de alojamento distintos na forma como se apresentam.

Temos por um lado a utilização de segundas residências situadas em zonas urbanas e/ou rurais, no litoral e/ou interior, como forma de turismo e de lazer, e noutra perspectiva o universo dos *resorts* integrados que consiste em segundas residências localizadas em empreendimentos turísticos que promovem um variado conjunto de actividades e experiências com características específicas, situados em espaços com continuidade territorial, planeados e submetidos a uma gestão integrada (TP, 2007). Na tabela seguinte apresentam-se as principais características de um *resort* integrado.

Tabela 1: Caracterização dos Resorts Integrados

Dimensão	O alojamento normalmente ultrapassa as 2.000 camas podendo atingir as 20.000.
Motivações	Os <i>resorts</i> integrados destinam-se, normalmente, a segmentos de mercado com motivações pelos desportos náuticos, golfe, <i>mice</i> , gastronomia, entre outros.
Proprietários	O alojamento pode ser utilizado de forma exclusiva ou então para investimento, colocando-o no mercado de arrendamento através de empresas especializadas.
Experiência	Os <i>resorts</i> integrados oferecem uma panóplia de actividades que vão desde o lazer, a estética e a animação. Estão inseridos num contexto onde predomina a qualidade, o respeito ambiental, a segurança, a sensação de exclusividade, novas experiências e estados emocionais positivos.
Condições estruturais	Os <i>resorts</i> integrados devem garantir todas as condições de segurança, vistas panorâmicas, eventos, paisagens variadas, oferta de lazer e serviços de restauração e serviço personalizado.
Ambiente envolvente	Encontram-se em ambiente urbano, periurbano, praia, rural, montanha, entre outros.
Alojamento	Diversidade na tipologia, na categoria e no tipo de propriedade do alojamento.

Fonte: Elaboração própria a partir de PENT (TP, 2007), Huete (2009) e Almeida (2009).

Este plano estratégico acrescenta que Portugal tem um elevado potencial para se desenvolver enquanto receptor do turismo residencial principalmente em regiões como Alentejo, Algarve e Oeste. Assim o principal objectivo de Portugal deverá ser focado num crescimento com qualidade e não em quantidade, não

devendo por isso o turismo residencial ser confundido com negócio imobiliário. O seu desenvolvimento deverá ter como base a qualificação e competitividade da oferta, a excelência ambiental e urbanística, a formação dos recursos humanos, e a dinâmica e modernização empresarial (TP, 2007).

Por outro lado, estes espaços turísticos devem reunir esforços para acrescentar valor aos seus produtos, com base num sistema de experiências inovadoras que envolvam a variedade, a singularidade, a qualidade, a sofisticação e a simbologia aos clientes, mas sempre definido cuidadosamente tendo em conta os segmentos de mercado a que se dirigem.

3. Os *resorts* integrados no pólo de desenvolvimento turístico do oeste

A região do Oeste conhecida como “a terra de vinhedos e de mar” situada entre o Oceano Atlântico e o maciço que se estende para Norte desde a serra do Montejunto é, segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento do Oeste (2008), “uma região de extrema beleza natural delimitada, a Oeste, por uma extensa linha de costa banhada pelo vigoroso oceano Atlântico, onde pontuam bonitas praias de areia fina, imponentes e escarpadas arribas e locais de inigualável beleza como as Berlengas, única reserva marítima do país, ou a Lagoa de Óbidos”.

É um território com identidade geográfica e socio-económica própria, que abrange uma extensão de 2 220 Km² caracterizada pela sua ruralidade assim como pela singularidade das suas praias e termas e pela riqueza patrimonial dos seus principais núcleos históricos.

Actualmente esta região é circunscrita pela NUT III Oeste e tem a nomeação de Entidade Regional de Turismo do Oeste (ERTO), assim como a designação de Turismo do Oeste abrangendo, actualmente, doze municípios são eles: Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Óbidos, Peniche, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Alcobaça e Nazaré (ver mapa

capazes de surpreender e de satisfazer as expectativas inerentes à qualidade, à diferenciação e à afirmação da vertente do único (Cavaco, 2008).

Para Roca e Leitão (2008) a região do Oeste é o principal destino, depois do Algarve, para quem quer ter uma segunda residência. Neste sentido é explicável a existência desta oferta através dos complexos turísticos que já existem e que estão projectados. Torna-se cada vez mais evidente que, de acordo com o aumento e com a diversificação da procura implícita nas práticas turísticas é necessária uma correcta planificação de futuras acções baseadas no real conhecimento do comportamento e no perfil deste tipo de turista residencial quer nacional quer estrangeiro, e na identificação das motivações que lhe estão subjacentes. Os autores acrescentam, que boa parte do investimento em *resorts* integrados é estrangeiro bem como o mercado de potenciais proprietários de segundas residências nesses empreendimentos (*ibidem*).

Segundo o artigo publicado por Rowat (2010), a região do Oeste, ainda apelidada pelos mercados externos como região da Costa de Prata, tem vindo a ser apreciada pela beleza das suas praias e da sua natureza. Actualmente, existe uma preferência pela compra de imóveis nesta região por pessoas que fogem da massificação que atingiu, nos últimos anos, quase toda a região algarvia. Segundo o autor existem dez motivos que contribuem para a compra de propriedades na região do Oeste, são eles: (1) menor massificação no que respeita ao desenvolvimento turístico, sendo que a compra é realizada com base num destino onde estejam asseguradas as condições para um desenvolvimento sustentável da região; (2) acessibilidades asseguradas pela construção da auto-estrada A8 que garante uma boa mobilidade inter-regional; (3) binómio tradicional/modernidade que se verifica pelas modernas construções que se criam na região, como hospitais, bancos, comércio mantendo-se ao mesmo tempo o espírito tradicional que a região sempre proporcionou a quem a visita; (4) diversidade cultural assente na variedade de eventos que se realizam na região; (5) viabilidade económica através da solidez do investimento; (6) existência de opções na região que dão continuidade do investimento apesar do aumento da

procura; (7) grande variedade de escolhas que dizem respeito à animação/recreação com base em *outdoor activities*, como surf, pesca, golfe e equitação; (8) diversificação e qualidade em produtos como a gastronomia e a produção vitivinícola; (9) clima temperado com temperaturas que tornam agradáveis os dias de Verão, contrariando as altas temperaturas que se fazem sentir no sul do país; (10) por último, praias que conseguem manter a sua naturalidade e a sua originalidade.

Perante a crescente implementação de projectos (ver tabela 1) torna-se cada vez mais importante disponibilizar aos responsáveis, instrumentos que coadjuvem as acções no sentido de planificar e orientar, de forma a evitar situações de saturação como as que se vivem em Espanha, na região valenciana. De acordo com Huete (2009) é imprescindível a planificação de futuras actuações imobiliárias de forma racional e sustentável, assim como a implementação de soluções que atenuem os problemas de integração e a relação dos turistas com os autóctones desta região.

4. Orientações e planos estratégicos

De acordo com os estatutos enunciados no Diário da República, nº 4º da Portaria Nº 1153/2008, de 13 de Outubro (PCM, 2008) cabe à entidade, cujo nome se designa por Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste, definir e implementar a estratégia para o desenvolvimento turístico desta região. Esta estratégia está assente em cinco planos estratégicos: (a) Plano Estratégico Nacional de Turismo (TP, 2007); (b) Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo (CCDRLVT: 2009); (c) Programa Territorial de Desenvolvimento do Oeste (AMO, 2008a); (d) Programa de Acção para os Municípios do Oeste e Municípios da Lezíria do Tejo (AMO, 2008b); (e) Programa do Quadro de Referência Estratégico Nacional - Centro (CE, 2007). Todos estes planos citam a importância do fomento de actividades associadas ao

turismo residencial e ao seu enquadramento territorial, assim como os respectivos impactes.

Depois da verificação dos planos, a primeira referência que deve ser feita prende-se com a abrangência territorial dos mesmos, ou seja, a maioria não se dedica apenas à região em análise, mas também à região do Vale do Tejo. São duas regiões contíguas com características próprias e individuais, mas que totalizam um conjunto semelhante de estratégias devido ao seu estado de desenvolvimento. Referimo-nos ao Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo (CCDRLVT, 2009), ao Programa de Acção para os Municípios do Oeste e Municípios da Lezíria do Tejo (AMO, 2008b) e ao Programa do Quadro de Referência Estratégico Nacional – Centro (CE, 2007).

Na perspectiva destes documentos estratégicos está implícita a ideia que a região tem beneficiado com a expansão e valorização da agricultura, com o reforço das actividades de armazenagem e logística, bem como das acessibilidades, pela proximidade ao pólo de consumo e actividade económica da capital. Por outro lado, na vertente do lazer, o Oeste e Vale do Tejo são regiões com um forte potencial de procura que garante o desenvolvimento de produtos turísticos e de lazer, de qualidade e muito diversificados assentes em recursos regionais e nas identidades territoriais, marcadas pelas diferenciações históricas, culturais e paisagísticas.

Este modelo territorial é sustentado pelo facto da região do Oeste estar referida como Pólo de Desenvolvimento Turístico no PENT (TP, 2007). Esta consagração traduz o reconhecimento inequívoco do potencial da região e da intenção política em valorizar o conjunto de recursos existentes que a posicionam como uma das regiões do país mais atractivas ao nível dos investimentos turísticos (AMO, 2008a). Deste modo, salienta-se a importância de salvaguardar a região das possíveis “tensões” que a possam afectar no decorrer do seu desenvolvimento.

Os planos estratégicos PENT (TP, 2007), PROT OVT (CCDRLVT, 2009) e PTDO (AMO, 2008a) referem o turismo residencial, os *resorts* integrados e as

actividades que lhe estão associadas, como produtos estratégicos sob a égide de orientações e critérios que possam coligir exigências de integração e qualificação territorial e ambiental, com uma ajustada flexibilização das localidades espaciais. Para reforçar esta ideia, sublinha-se também a importância do *touring* cultural, com base na diversidade dos centros históricos e monumentais da região, onde em associação com a elaboração de rotas turísticas poderá ser valorizado o conhecimento e o aproveitamento dos recursos existentes de forma a transformá-los em atracções turísticas. Estas podem ser naturais, criadas pelo homem sem a intenção de atrair visitantes, criadas com o fim de atrair visitantes (artificiais) ou eventos especiais e mega eventos (Swarbrooke, 1995).

Para além dos produtos estratégicos como os *resorts* integrados e o *touring* cultural e paisagístico, o produto golfe deve ser entendido como uma forma de resposta a problemas de sazonalidade e a sua oferta deve concentrar-se na região do litoral Oeste em conformidade com a implementação da oferta de *resorts* integrados. Na tabela 2 pode verificar-se essa conjugação estratégica que existe actualmente entre a criação de campos de golfe e os empreendimentos de *resorts* integrados.

O turismo de golfe está associado a fluxos de turistas de valor acrescentado em função do seu nível de rendimento, permitindo alcançar taxas de receita *per capita* superiores à média. No que diz respeito à procura na Área Promocional de Lisboa, onde se inclui a região do Oeste, apesar de o ano de 2002 ter tido um crescimento no número de voltas realizadas, a taxa de ocupação dos campos de golfe é inferior a 40%. A partir de 2004, a receita média por volta estagnou e iniciou-se um processo descendente até aos dias de hoje (Moital e Dias, 2009). Esta performance revela alguma preocupação com o crescimento do sector. Se a expansão da procura é feita através do efeito do passa-a-palavra, torna-se cada vez mais importante que os turistas se sintam satisfeitos com a experiência vivida (*ibidem*). Neste sentido, retoma-se a ideia da necessidade de apresentar um sistema sofisticado de actividades e experiências relacionadas com serviços

complementares à prática em si mesma (e.g. escolas de desportos náuticos, centros de *wellness*, academias de golfe, entre outros).

Tabela 2: Inventariação do Golfe *Resorts* na Região do Oeste

Nome do <i>Resort</i> Integrado	Localidade	Inauguração	Nº Buracos/ Golfe	Imobiliário residencial	Cadeia Hoteleira
Bom Sucesso	Óbidos	2008	18	<input checked="" type="checkbox"/>	Hilton Bom Sucesso
Praia D'el Rey	Óbidos	1997	18	<input checked="" type="checkbox"/>	Mariott Hotel
Club de Golf do Botado	Peniche	1996	9	Previsão de construção	Previsão de construção
Golden Eagle	Rio Maior	1994	36	<input checked="" type="checkbox"/>	Previsão de construção
Campo Real I e II	Torres Vedras	2005	27	<input checked="" type="checkbox"/>	Campo Real Hotel – Orizon
Vimeiro	Torres Vedras	1963	18	Previsão de construção	Previsão de construção
Outros <i>resorts</i> integrados projectados					
Quinta de Abrigada	Alenquer	-	18		Previsão de construção
Royal Golf & Spa	Óbidos	-	18		Previsão de construção
Quintas de Óbidos	Óbidos	-	-		-
Pérola da Lagoa	Óbidos	-	9		Previsão de construção
Pinhal Atlântico Golfe	Alcobaça	-	18		-
Rainha Golf & Spa	Caldas da Rainha	-	18		Previsão de construção
Falésia D'El Rey	Óbidos	-	18		Previsão de construção
Sizandro Village Resort	Torres Vedras	-	18		Previsão de construção
Quinta da Charneca	Torres Vedras	-	18		-

Fonte: Elaboração própria a partir de elementos cedidos pela Entidade Regional de Turismo do Oeste (2009), Federação Portuguesa de Golfe (2010), Associação de Turismo de Lisboa (2010) e PENT (TP, 2007).

De acordo com a oferta de campos de golfe que existe actualmente no Oeste o PENT (2007) refere que, se existe uma forte dependência entre os mesmos (um

turista joga, em média, 3 a 4 campos por viagem), eles devem ser pontos de informação e de venda dos outros campos que compõem a região, ou seja, estamos perante as chamadas “cortesias” entre os campos de golfe de forma que a oferta se torne fiável e consistente. Neste sentido, o Programa Territorial de Desenvolvimento do Oeste (AMO, 2008a), elaborado pela Associação de Municípios do Oeste e pelos seus municípios associados, refere que o produto turismo residencial e *resorts* integrados são produtos estratégicos de interesse para a região, mas deve estar sempre agregado ao turismo de golfe. Este turista revela um poder de compra acima da média, os seus picos manifestam-se fora do período de verão, combatem a sazonalidade, e arrastam um conjunto alargado de actividades económicas como a restauração, a hotelaria, o turismo ou o imobiliário.

Para este plano, o crescimento que se pretende para a região só pode ser positivo se os efeitos forem assumidos e sentidos pela globalidade da região, ou seja, quanto mais os *resorts* assumirem o modelo “aberto” maior é a circulação de turistas (*ibidem*). Estas questões relacionadas com a mobilidade e o consumo conduzem-nos ao efeito multiplicador que a actividade turística desencadeia. O termo multiplicador é um dos conceitos económicos mais citados no estudo do turismo. Baseia-se na noção de interdependência das empresas dentro de uma determinada economia local, sendo que qualquer mudança que ocorra ao nível da procura afectará não somente a empresa que produz esse bem/serviço, mas também outros sectores que fornecem bens/serviços para a actividade, bem como os fornecedores (Cooper et al., 2007).

Na análise do Programa Territorial de Desenvolvimento do Oeste (AMO, 2008a) constata-se que sua orientação se pauta por uma visão futurista e global da realidade intermunicipal com base em reflexões e discussões aprofundadas. É delineada a estratégia “Oeste 2020” assente num efectivo espaço de oportunidades endógenas e duradouras, estruturadas pela dimensão crítica, a qualidade, o equilíbrio social e territorial e a sustentabilidade das mudanças em curso. É reconhecida a existência de uma panóplia de recursos como a paisagem,

a gastronomia, os vinhos, o património natural e cultural, entre outros. Mas não obstante esta enorme valorização potencial do turismo, este plano considera que “o sector apresenta ainda um peso consideravelmente baixo face ao que já assume no país, embora seja evidente o crescimento sustentável do sector guiado pelo aumento da procura turística” (AMO, 2008: 13). As razões apresentadas prendem-se, à luz do que acontece em outros destinos portugueses, com a fraca internacionalização desta região enquanto destino turístico, com a forte concentração nas origens (dependência de certos mercados emissores) e com a forte concentração nas atracções turísticas (muito ligadas ao turismo de sol e mar).

Em termos gerais o Programa de Acção para os Municípios do Oeste e Municípios da Lezíria do Tejo para os anos de 2008-2017 (AMO, 2008b), não propõe especificamente nenhuma área estratégica na actividade turística. Em termos gerais valoriza-se o aproveitamento do espaço enquanto espaço de valorização do património natural, histórico e arquitectónico, e enquanto novo pólo emergente para a construção de uma estratégia nacional de actividade turística. São referidos apenas os projectos estruturantes que servem de base ao desenvolvimento da região e que estão interligados com o crescimento do turismo.

Estas orientações surgem com o intuito de atenuar as consequências que advêm da deslocalização do Novo Aeroporto de Lisboa (NAL) para o actual Campo de Tiro de Alcochete. Como refere este programa de acção, resultante da colaboração entre a Administração Central e Local, a principal motivação e a sua implementação está relacionada com a vontade de encontrar sinergias que promovam o encontro entre as políticas de ordenamento do território, de desenvolvimento regional e de mobilidade e transportes, de forma a assegurar uma coerência e racionalidade para a tomada de decisões, garantindo o aumento da competitividade e da coesão do território em causa. Pretende-se que seja delineado um conjunto de projectos estruturantes capazes de promover a maximização dos investimentos já realizados na região devido à localização do

novo aeroporto na Ota. Refira-se que, do ponto de vista turístico, o PENT (TP, 2007) desvaloriza esta deslocalização do novo Aeroporto ao referir que “caso o novo aeroporto se venha a instalar na Ota, ou em Alcochete, o pólo beneficiará turisticamente; por outro lado, o seu desenvolvimento não está condicionado à sua construção porque o pólo se encontra a uma distância relativamente curta do aeroporto da Portela” (PENT, 2007: 13).

O turismo residencial e os *resorts* integrados caracteriza-se entre outras razões, pela procura de destinos onde existam boas acessibilidades terrestres e aéreas (Mazón et al., 2008) Se por um lado, é um segmento de mercado que assume actualmente um papel importante para muitos destinos, porque originam fluxos de procura durante todo o ano, não só permitindo uma sustentação de rotas das companhias aéreas, assim como uma redução dos índices de sazonalidade (Almeida, 2009), do ponto de vista das acessibilidades terrestres “o Oeste tem a A8 como principal via de acesso, o que torna fácil chegar à região, contudo a mobilidade intra-regional encontra-se comprometida pela insuficiência de eixos transversais” (AMO, 2008: 10). Neste sentido temos uma complementaridade entre as acessibilidades aéreas e terrestres que tornam o destino propício à visita e à estada.

Por último é importante referir o Programa do Quadro de Referência Estratégico Nacional – QREN 2007-2013 aprovado pela Comissão Europeia em 09/10/2007 pela Decisão C(2007) 4693. Este programa serve como apoio às estratégias enunciadas nos outros planos de orientação estratégica revelando uma sintonia na estrutura e no cumprimento de objectivos do mesmo com base no financiamento elegível para a região do Centro.

Conclusão

A realização deste artigo tem como objectivo reflectir sobre a forma como se quer desenvolver o turismo residencial e os *resorts* integrados na região do Oeste

através de estratégias que se querem concertadas na actividade turística, de forma a evitar situações que decorreram do desenvolvimento das segundas residências e da sua extraordinária expansão, provocando em determinados destinos, resultados menos positivos nos espaços litorais e rurais.

Muitas destas regiões debatem-se actualmente com problemas relacionados com a degradação de carácter social, ambiental e económico, que ao se relacionarem provocam resultados de carácter bastante complexo. Se por um lado, a vivência da população local é alterada com a chegada de novos residentes, por outro lado a excessiva dependência das economias locais, nomeadamente o sector imobiliário, provoca a subvalorização do preço das habitações e o deficit orçamental das comunidades locais.

As segundas residências dão origem a uma ocupação temporária e pouco rotativa, ocorrendo apenas em períodos de férias, fins-de-semana e pontes, fazendo com que, na maior parte do tempo os apartamentos se encontrem desocupados não gerando qualquer contributo para o pressuposto efeito multiplicador do turismo nas economias locais. Este pressuposto verifica-se pela interdependência que existe entre as empresas locais e qualquer mudança que se verifique nas despesas turísticas que produzirá uma mudança ao nível de produção, rendimento familiar, emprego, receitas do governo e fluxos de moeda estrangeira da economia. “Essas mudanças podem ser maiores, iguais ou menores em relação ao valor da mudança nas despesas turísticas que as causou” (Cooper et al.: 2003: 166). O desenvolvimento turístico deve ser mais racional onde a construção residencial-turística deve ser acompanhada de oferta hoteleira, mais dinâmica, geradora de riqueza e postos de trabalho durante todo o ano (Mazón et al, 2008). Se analisarmos as zonas turísticas do mediterrâneo verificamos que existe um desequilíbrio entre o alojamento hoteleiro e extra-hoteleiro, chegando o primeiro a ter uma presença muito reduzida (*ibidem*). É o que alguns autores apelidam de “triunfo do sector imobiliário turístico sobre o *stricto sensu* do turismo” (Bote et al., 1999 in Mazón et al., 2008: 103). Neste sentido e através da percepção do que correu mal noutros destinos turísticos, onde este produto

turístico foi desenvolvido, é importante que este crescimento assente em estratégias bem definidas e concertadas entre todos os intervenientes. Entende-se que é um produto a ser desenvolvido nesta região, mas ao mesmo devem ser desenvolvidas outras actividades complementares como o golfe, os itinerários turísticos, a animação, entre outros.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, C. (2009). *Aeroportos e Turismo Residencial. Do conhecimento às Estratégias*, Tese de Doutoramento em Turismo no Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.
- AMO (2008a). *Programa Territorial de Desenvolvimento do Oeste 2008-2013*, Óbidos: Associação de Municípios do Oeste.
- AMO (2008b). *Programa de Acção para os Municípios do Oeste e Municípios da Lezíria do Tejo 2008-2017*, Óbidos: Associação de Municípios do Oeste.
- BELL, M. e WARD, G. (2000). “Comparing temporary mobility with permanent migration”, in *Tourism Geographies*, nº 2 (1).
- CAVACO, C. (2008). “Turismo de Saúde e Bem-estar” in *Actas do I Seminário sobre Turismo e Planeamento do Território*, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pp.19-64.
- CCDRLVT (2009). *Programa Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo 2008-2013*, Lisboa: Comissão Territorial de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo.
- CE (2007). *Programa do Quadro de Referência Estratégico Nacional – QREN 2007-2013*, aprovado pela Comissão Europeia em 09/10/2007 pela Decisão C(2007) 4693.
- COHEN, E. (1974). “Who is a Tourist? A Conceptual Clarification” in *Sociological Review*, 22 (4), 527-555.
- COOPER, C., FLETCHER, J., WANHILL, S., GILBERT, D. e SHEPHERD, R. (2003). *Turismo, Princípios e Práticas*, 2ª Edição, São Paulo: Bookman.
- COOPER, C., FLETCHER, J., WANHILL, S., GILBERT, D. e SHEPHERD, R. (2007). *Turismo, Princípios e Práticas*, 3ª Edição, São Paulo: Bookman.
- COPPOCK, J.T. (1977). “Social Implications of Second Homes in Mid-and North Wales”, in *Second Homes: curse or blessing?*, J.T. Coppock (ed.), Oxford: Pergamon, pp.147-154.
- CORBÍN A. (2001). *História dos tempos livres*, Lisboa: Editorial Teorema.
- CRAVIDÃO, F. D. (1988). *A residência secundária da burguesia de Coimbra*, Prova Complementar de Doutoramento em Geografia Humana, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- HUETE, R. (2009). *Turistas que llegan para quedarse – Motivos para el traslado residencial en el Mediterráneo español*, Dissertação de Doutoramento na Universidade de Alicante, Departamento de Sociología I y Teoría de la Educación.
- JAAKSON, R. (1986). “Second-home domestic tourism”, in *Annals of Tourism Research*, nº 13, pp. 357-391.
- MAZÓN, T., HUETE, R. e MANTECÓN, A. (2008). “De qué hablamos cuando hablamos de turismo residencial?” in *Cuadernos de Turismo da Universidade de Alicante*, nº22, pp.101-121.

- MOITAL, M. e DIAS, R. (2009). Determinantes da satisfação do turista de golfe em Lisboa: uma comparação entre britânicos e nórdicos, in III *Congresso Internacional de Turismo de Leiria e Oeste*, no Instituto Politécnico de Leiria.
- PCM (2008). “Estatutos da entidade regional de turismo do pólo de desenvolvimento turístico do oeste”, in *Diário da República*, nº 4º da Portaria Nº 1153/2008, de 13 de Outubro.
- M. e LEITÃO, N. (2008). *Segundas residências em meio rural: o caso da região Oeste, Portugal*, <http://tercud.ulusofona.pt/Publicacoes/2008/com-P2-07.pdf> (consultado a 07.09.2010).
- ROWAT D. (2010). Top ten reasons to purchase property in the silver coast region in *Newsregion*, www.newsregion.com, (consultado a 06.01.2010).
- SANTOS R. e COSTA C. (2009). La segunda residencia y su relación com el alojamiento turístico en Portugal, in T. Mazón, R. Huete e A. Mantecón (eds) *Turismo, urbanización y estilos de vida: Las nuevas formas de movilidad residencial*. Barcelona: Icaria, pp. 79-96.
- SWARBROOKE, J. (1995). *The Development and Management of Visitor Attractions*, Oxford: Butterworth-Heinemann.
- TURISMO DO OESTE (2010). *Municípios do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste*, www.rt-oeste.pt, (consultado a 29.09.2010).
- TURISMO DE PORTUGAL (2007). *Plano Estratégico Nacional de Turismo*, Lisboa: MEI.
- WILLIAMS, A. e HALL, M. (2000). “Tourism and migration: new relationships between production and consumption” in *Tourism Geographies*, nº 2, pp.5-27.

MAFALDA DE ALMEIDA SERRA PATULEIA é docente no Instituto de Novas Profissões (INP), onde lecciona Estudos Turísticos e Sociologia do Turismo e do Lazer. É coordenadora da Licenciatura em Turismo no INP, da Licenciatura em Gestão Hoteleira no ISCAD e é membro do Conselho Pedagógico do INP. Licenciou-se em Turismo no INP e é mestre pelo ISCTE – IUL em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. É actualmente doutoranda em Turismo na UALG.

Submetido: Setembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011

Turismo nas Ilhas Cayman: os efeitos da ocorrência de furacões na atividade turística local

Lucas Rebello de Oliveira • Eduardo Ferraz Martins • Raffaella Martins Medeiros • João Carlos Soares de Mello
UFF, Universidade Federal Fluminense
lucasrebello.indg@gmail.com • eduardoferrazuff@yahoo.com.br •
raffaelamartins@yahoo.com.br • jcsmello@pq.cnpq.br

Resumo

Este artigo faz uma abordagem acerca do desenvolvimento e dos impactos naturais que influenciam a indústria do turismo, especificamente sobre as atividades turísticas nas Ilhas Cayman. Foi realizada uma pesquisa literária nas principais publicações sobre o tema, e os dados mais relevantes estão apresentados na forma de gráficos e tabelas que demonstram evoluções, desde o ano 2000, no comportamento de dados relacionados à ocupação das ilhas, disponibilidade de leitos, e tipos de chegada à região.

Em paralelo, foi feita uma análise sobre a ocorrência de furacões na região, e os efeitos destes sobre as atividades turísticas. São apresentadas diversas análises sobre as conseqüências de tais fenômenos naturais sobre as taxas de chegada ao local, e especialmente, a associação entre os graus de intensidade dos furacões e os diferentes impactos sobre toda a região alvo desta pesquisa.

Palavras-chave: turismo; Ilhas Cayman; furacão.

Abstract

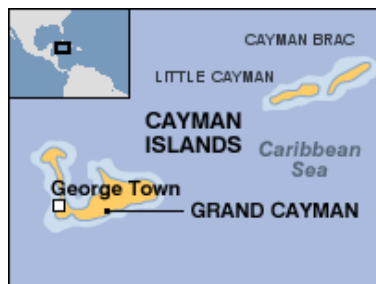
This paper elaborates an approach about the development and the natural impacts that affect the tourism industry, specifically in the Cayman Islands. The literature review is based in major publications on the subject, and the most relevant data are presented as graphs and tables that show developments, since 2000, the behavior of data related to the occupation of the islands, bed availability, and types arrival to the region. In parallel, an analysis was made on the occurrence of hurricanes in the region and their effect on tourism activities. Are given several analysis on the consequences of such natural phenomena on the rates of arrival on site, and especially, the association between the degree of intensity of hurricanes and the different impacts on the entire target region of this research.

Keywords: tourism; Cayman Islands; hurricane.

1. Introdução¹

Ao longo das décadas, o turismo tem experimentado um crescimento contínuo e de profunda diversificação tornando-se um dos setores com crescimento econômico mais acelerado em todo o mundo. Esta propagação global do turismo em países industrializados e desenvolvidos tem produzido benefícios relacionados à economia e empregabilidade em diversos outros setores, desde construção e agricultura a telecomunicações (WTO, 2010). Entre os anos de 1950 e 2005, as chegadas turísticas internacionais aumentaram a uma taxa anual de 6,5%, crescendo de 25 a 806 milhões de viajantes. Além disso, enquanto em 1950 os 15 melhores destinos absorviam 88% das chegadas internacionais, em 1970 a proporção era de 75%, diminuindo para 57% em 2005, o que reflete a emergência de novos destinos, muitos deles em países em desenvolvimento. Em 2020, estima-se que as chegadas internacionais irão superar 1,5 bilhões de pessoas (WTO, 2010). Nesse contexto, percebe-se que algumas nações já definiram o turismo como uma prioridade há alguns anos, entre as quais se destacam países mediterrâneos, países caribenhos, México e EUA. Dessa forma, nota-se uma transformação significativa, através da qual o mundo como um todo começa a visualizar a importância do turismo como meio de desenvolvimento econômico e inclusão social (CAMPOS, 2005). Nesses locais, movidos pela indústria de turismo, o custo de ignorar a mudança climática pode ser mais alto do que o de combatê-la. Esse é o caso das Ilhas Cayman, que tem no turismo a principal fonte de receita, compondo cerca de 70% do Produto Interno Bruto (PIB). Reconhecida por ter sido um paraíso fiscal, as Ilhas Cayman fazem parte do Reino Unido, estando localizadas entre Cuba e Jamaica, e sendo composta por hotéis de luxo e praias intocadas.

¹ A redação deste artigo obedece à variedade do Português do Brasil.

Figura 1: Localização das Ilhas Cayman

Fonte: www.worldlicenseplates.com/world/CA_CAYM.html

Esse conjunto, que reúne as ilhas Grand Cayman, Cayman Brac e Little Cayman, com aproximadamente 260 km² de extensão, possui as maiores fontes de renda relacionadas aos serviços financeiros e de turismo, sendo este último iniciado por volta de 1957, sob o pioneirismo da indústria de mergulho no Caribe. Com o passar dos anos, a atividade turística foi intensificada e atualmente, cerca de 2 milhões de visitantes chegam anualmente ao local. O resultado dessa crescente atividade é a pedra angular da transformação do território, altamente dependente da atividade pesqueira, no destino de turismo luxuoso e centro bancário sofisticado, onde a população apresenta a mais elevada renda per capita da região. Em meio ao cenário exposto, este trabalho tem por objetivo a realização de um estudo sobre o impacto de furacões na indústria do turismo nas Ilhas Cayman, e análise de índices e indicadores referente à atividade turística na região.

2. Referencial teórico

2.1. A influência dos fenômenos naturais na atividade turística

Atualmente existe uma série de dificuldades à realização da atividade turística. Dentre elas destacam-se o terrorismo, conforme estudo realizado por Sönmez (1999), eventos climáticos e oscilações na economia mundial. Burrus Jr

(2002) discute como furacões de baixa categoria afetam operações dos mais variados seguimentos. Dwyer et al. (2004) aborda como o turismo deve ser avaliado sob a ótica de atividade econômica, o que muitas vezes é de difícil mensuração.

Quando se trata de uma área turística sujeita a fenômenos naturais, muitos fatores devem ser discutidos para que se obtenha uma compreensão racional dos problemas. Especificamente para as Ilhas Cayman, Fankhauser et al. (1999) e Keeney e McDaniels (2001), recomendam a incorporação de ativos de risco climático para o planejamento e estratégias de desenvolvimento, gestão de planos de crescimento para equilibrar a conservação ambiental e o desenvolvimento econômico, proteção do ambiente natural de degradação; planos de contingência global no caso de catástrofes naturais e artificiais, a adoção de abordagens de mitigação de desastres.

Tompkins (2005) analisou como deve ser a distribuição de responsabilidades entre governo e população em momentos de crise, de modo a minimizar o impacto de eventos naturais de grande porte, concluindo que o gerenciamento dos riscos do clima é um desafio para todas as ilhas de pequeno porte e que o papel do governo na gestão dos riscos é, em parte, para conduzir as mudanças através do comando, mas principalmente para incentivar ou apoiar o comportamento adaptativo dos membros individuais da sociedade e do setor privado

Para Pelling e Uitto (2001), existe uma inter-relação íntima do crescimento econômico e a saúde do ecossistema em pequenas ilhas, o que significa que altos níveis de incerteza sobre a direção das ondas e do nível do mar, as taxas de precipitação e tempestades possam ter consequências significativas para a economia e o meio ambiente.

2.2. Abordagem sobre características e intensidade dos furacões

O estudo dos furacões ocorre desde o final do século XIV. De acordo com a definição do INPE, um furacão é um ciclone tropical que se tornou muito intenso com ventos girando no sentido horário no Hemisfério Sul e em sentido anti-horário no Hemisfério Norte ao redor de um centro de baixa pressão. Normalmente, bem no centro do furacão há uma região sem nuvens e com ventos calmos, chamada de olho do furacão. Nesta região, há movimentos de ar descendentes, ao lado de uma grande área circular de centenas de quilômetros com vigorosos movimentos ascendentes do ar, o que provoca formação de nuvens e muita chuva.

Além disso, há também várias outras formas de ciclones, como os ciclones extra-tropicais, onde também os ventos giram em torno de um centro de baixa pressão, mas os processos físicos de formação e manutenção são muito distintos daqueles que atuam no furacão. Normalmente, os ciclones tropicais se formam quando um centro de baixa pressão viajando sobre oceanos tropicais encontra águas com temperaturas acima de 26°C. Nesse ponto, aumenta a evaporação da superfície do oceano e o ar úmido ascendendo próximo ao centro esfria e formam-se nuvens com mais de 8 a 10 km de altura.

Quando o vapor d'água se condensa nas gotículas de chuva, libera o calor latente de condensação devido à mudança de fase da água. Esse calor liberado aquece o ar, que sobe ainda mais e faz com que a pressão atmosférica baixe mais no centro do sistema. Com a diminuição da pressão, mais ar circundante é deslocado em direção ao centro do sistema e o sistema se realimenta disso para continuar a se intensificar. Quanto mais baixa a pressão em seu centro, mais fortes serão os ventos ao seu redor, tendo que estar acima de 119 km/hora para ser classificado como furacão.

Em seu trabalho, Dias (2006) apresenta uma descrição um pouco mais detalhada para cada categoria de furacão:

O furacão F0, também classificável como tempestade tropical, possui velocidades de 65 a 120 km/h. Pode causar danos leves: problemas em chaminés, galhos e árvores quebrados, árvores de raízes rasas são arrancadas, danos em cartazes. Já o furacão F1 possui velocidades entre 120 e 180 km/h, e pode causar danos moderados: o limite inferior é a velocidade em que ocorrem destelhamentos, e veículos grandes, como caminhões, são derrubados; automóveis em movimento são desviados para fora das estradas.

Os furacões F2 apresentam velocidades de 180 a 250 km/h, causam danos consideráveis como o destelhamento completo de casas, queda de grandes árvores, e fazem com que objetos leves se transformam potencialmente perigosos podendo ser lançados a grandes distâncias. O furacão F3 apresenta velocidades de 250 a 330 km/h, e já causa danos severos como derrubada de telhados e paredes; trens descarrilados e tombados, maioria das árvores arrancadas, carros pesados levantados do chão e atirados; o segundo mais devastador é o F4, cujas velocidades variam de 330 a 420 km/h, e seus danos são devastadores: casas totalmente demolidas, estruturas com fundações frágeis atiradas a alguma distância, carros atirados, grandes objetos “transformados em mísseis”. Todavia, ainda há um tipo mais impactante, o F5, no qual as velocidades encontram-se acima de 420 km/h. Os danos causados por eventos deste tipo são catastróficos: casas arrancadas de suas fundações e atiradas a distâncias consideráveis, carros transformados em mísseis e atirados a distâncias superiores a 100 m, árvores arrasadas, ocorrência de fenômenos incríveis.

Devido a possibilidade de tais eventos ocorrerem uma série de modelos foram criados, na busca de aumentar a previsibilidade tanto para a indústria, quanto para a população poder evacuar a área de forma ordenada. Para Prideaux (2003), os atuais modelos de previsão não são robustos o suficiente para evitar catástrofes, devendo-se então focar em novos modelos, que usem parâmetros mais adequados para que a previsibilidade dos eventos seja maior e que áreas dependentes deste tipo de informação sejam menos afetadas. Para Dias (2006), no caso do furacão, a possibilidade de previsão é bem maior e já há considerável

habilidade em prever a transição de ciclones para furacão assim como da trajetória seguida por esses sistemas.

No entanto, o autor ressalta que as incertezas na trajetória ainda são da ordem de 50 a 100 quilômetros para previsões com antecedência de 48 horas, o que ainda é considerado grande: significa que os ventos extremos podem atingir uma ou outra região com impactos muito localizados. A ocorrência de furacões pode ser inicialmente identificada com antecedência de vários dias, até uma semana.

Outro exemplo de utilização de modelos para avaliação de furacões foi apresentado por Aguirre (1991), no qual foi avaliada a evacuação de hotéis em Cancun durante o furacão Gilbert. No entanto, não foi encontrado um estudo que buscasse relacionar a quantidade de turistas com a quantidade e a categoria de furacões na região do Caribe.

3. Análise de dados

O Caribe insular é uma das principais regiões no mundo que mais depende do turismo, com uma contribuição na economia estimada em 14,8% do PIB da região e contribuindo para aproximadamente 2,4 milhões de empregos. Segundo estudo do ECLAC (2005), o turismo no Caribe possui três componentes principais: em Terra onde turistas passam a noite em terra; (2) Turismo Desportivo, onde os turistas passam a noite em um iate, e (3) Embarcação de Turismo de Cruzeiro, onde o turista permanece em um navio de cruzeiro.

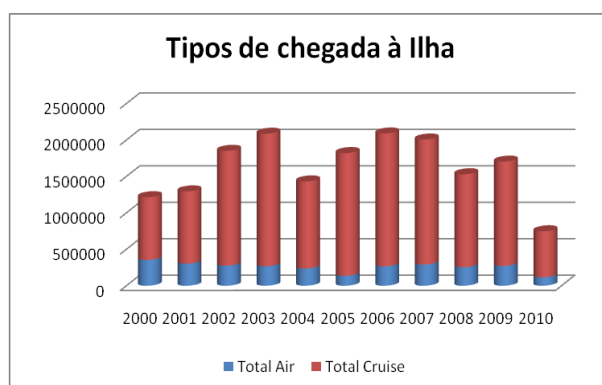
Nas Ilhas Cayman, foram observadas ocorrências especialmente dos tipos (1) e (3), sendo que, nos últimos anos a representatividade da entrada através de cruzeiros apresentou um aumento de cerca de 15% em relação ao ano 2000. Além disso, esse tipo de atividade turística tem demonstrado certa robustez e crescimento, dado que o primeiro quadrimestre de 2010 já apresenta valores referentes a 44% dos registrados em 2009.

Tabela 1: Quantidade anual de chegada de turistas em Cayman

Tipo de meio de transporte	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Aéreo	354.087	302.562	276.643	268.074	235.728	135.924	267.257	291.503	255.008	271.958
Cruzeiro	861.756	992.835	1.574.750	1.818.979	1.196.430	1.685.122	1.822.626	1.715.666	1.275.270	1.431.623

Foi percebido que o turismo gerado pelos cruzeiros tem se mostrado bastante significativo, e representa em média, desde o ano 2000, cerca de 84% de todas as chegadas, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Tipos de chegada em Cayman



Nesse estudo, serão feitas duas análises distintas de dados referentes ao turismo local, conforme mostrado a seguir:

(a) Impacto dos Furacões na Quantidade de Turistas

- i. Furacões em Cayman;
- ii. Furacões em áreas próximas;
- iii. Estimativa do impacto dos furacões.

(b) Ocupação da Região

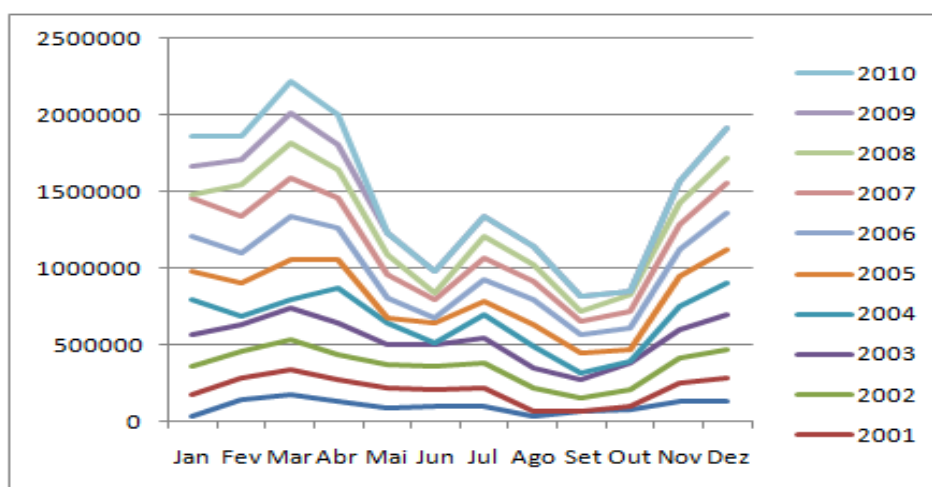
- i. Disponibilidade de Vagas;

- ii. Ocupação dos hotéis/apartamentos;
- iii. Duração da estadia.

3.1. Análise do impacto dos furacões na entrada de turistas em Cayman

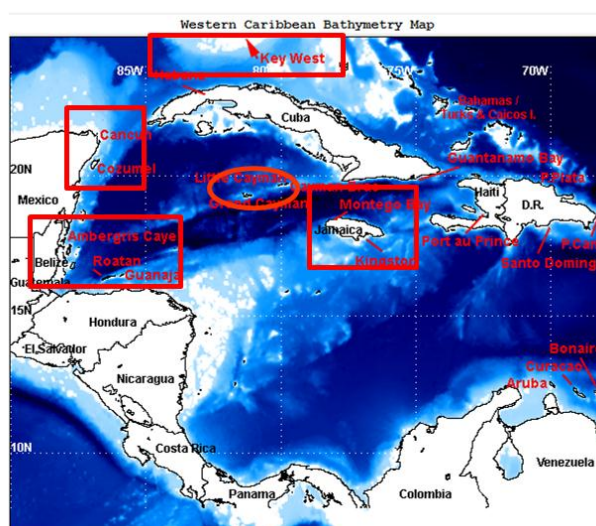
O fluxo de turismo na região apresenta similaridade ao longo dos anos. E observa-se que o período compreendido entre Novembro e Maio é marcado pela grande presença de turistas. Um fato a ser destacado é que apesar deste período não abranger a época de verão do hemisfério norte (abrange o fim da primavera, inverno e outono), o maior movimento no período se deve basicamente a dois fatores: o primeiro é devido ao comportamento, principalmente do turista americano, que busca fugir do inverno extremamente rigoroso de seu país movendo-se para regiões de temperatura moderada, e a segunda causa é a temporada de furacões que se concentra no período de julho a novembro. Tais fatos podem ser analisados no gráfico 2, que demonstra a evolução do turismo ao longo dos anos e meses.

Gráfico 2: Entrada de turistas em Cayman



Para o aprofundamento do estudo foram identificados os furacões ocorridos nas Ilhas Cayman e em áreas próximas que compõe a rota dos cruzeiros que levam turistas a ilha. A figura abaixo permite visualizar o mapa do Caribe e visualizar os locais analisados além das Ilhas Cayman. Para determinar estes locais foram avaliados quais são os cruzeiros disponíveis no ano de 2010 e as rotas que a maior parte deles segue, sendo as áreas assinaladas as que mais têm suas rotas relacionadas a paradas em Cayman.

Figura 2: Áreas do Caribe analisadas



Fonte: http://stormcarib.com/climatology/WCAR_map_bathy.htm

As Ilhas Cayman, assinaladas ao centro tiveram um total de 7 furacões na última década. Esses furacões são apresentados na tabela 3, na qual podem ser vistos também informações como nome, ano em que ocorreu, mês, ilha atingida, e categoria.

Na tabela 2 é apresentada a legenda de cores utilizada para efetuar a marcação dos furacões tanto nas tabelas seguintes, quanto nas figuras e apoio a análise. Na tabela 4 são apresentados os dados referentes à quantidade de turistas que visitaram as ilhas, estando assinalados com uma linha simples os meses em

que houve um furacão ou com linha dupla os meses em que houve 2 ou mais eventos.

Tabela 2: Categorização dos furacões

Legenda	Categoria
TS	
F1	
F2	
F3	
F4	
F5	

Tabela 3: Furacões ocorridos em Cayman no período de 2000 a 2009

Ano	Mês	Dia	Local Afetado	Nome do furacão	Categoria
2002	Sep	19	Little Cayman	Isidore	TS
2002	Sep	19	Grand Cayman	Isidore	TS
2002	Sep	19	Cayman Brac	Isidore	TS
2002	Sep	30	Cayman Brac	Lili	F1
2002	Oct	1	Little Cayman	Lili	F1
2004	Aug	12	Little Cayman	Charley	F1
2004	Aug	12	Grand Cayman	Charley	F1
2004	Aug	12	Cayman Brac	Charley	F1
2004	Sep	12	Grand Cayman	Ivan	F5
2008	Aug	17	Cayman Brac	Fay	TS
2008	Aug	30	Grand Cayman	Gustav	F2
2008	Aug	30	Little Cayman	Gustav	F2
2008	Aug	30	Cayman Brac	Gustav	F2
2008	Nov	8	Cayman Brac	Paloma	F4
2008	Nov	8	Little Cayman	Paloma	F4
2008	Nov	8	Grand Cayman	Paloma	F3

Como esperado, percebe-se que a quantidade de furacões de categoria 4 e 5 são menores do que a dos demais furacões. No entanto, uma vez que ocorrem, tais eventos causam um impacto muito grande conforme será percebido através da leitura da tabela abaixo.

Tabela 4: Quantidade de turistas em Cayman no período de 2000 a 2009

Rótulos de Linha	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan	37.493	138.718	180.916	205.642	233.100	180.562	231.841	248.606	27.087	185.061
Fev	145.914	141.471	171.171	174.675	51.306	214.963	205.679	231.681	206.534	163.291
Mar	174.782	161.310	197.534	206.050	60.332	254.467	285.318	252.836	221.047	198.612
Abr	129.195	141.718	170.417	206.056	224.534	181.712	211.251	197.242	183.027	166.849
Mai	93.428	125.614	150.654	132.554	144.016	24.714	133.546	153.982	127.034	140.767
Jun	98.253	115.514	148.318	140.954	15.528	124.641	35.470	121.803	37.283	147.012
Jul	95.332	124.130	166.586	159.424	156.085	88.200	139.739	136.091	138.522	134.669
Ago	33.112	35.507	150.604	134.297	142.558	134.479	162.243	119.234	109.010	118.442
Set	62.565	7.683	80.661	124.594	46.578	126.961	121.126	81.259	70.405	99.006
Out	79.333	24.325	104.479	178.468	1.968	76.755	143.388	109.690	106.837	22.879
Nov	137.133	119.802	154.016	186.700	153.671	191.566	182.649	162.461	136.952	138.906
Dez	129.303	159.605	176.037	237.639	202.482	222.026	237.633	192.284	166.540	188.087
Total geral	1.215.843	1.295.397	1.851.393	2.087.053	1.432.158	1.821.046	2.089.883	2.007.169	1.530.278	1.703.581

No mês de setembro de 2002 houve uma redução significativa em relação à quantidade média de turistas devido ao fato de terem ocorrido tanto uma tempestade tropical (TS), também denominado furacão F0, e um furacão de categoria 1, sendo que este último, por ter ocorrido no dia 30 do mês em questão em uma ilha e no dia 1º de outubro em outra, aparentemente causou impacto na quantidade de turistas de ambos os meses.

O ano de 2004 foi o mais marcante para a ilha devido ao furacão Ivan. Este furacão de categoria 5, afetou a maior parte de Grand Cayman. Como consequência ocorreu um forte declínio na quantidade de turistas em setembro e outubro. Alguns estragos foram observados como, por exemplo, o fechamento do porto, fazendo com a quantidade de turista fosse inferior aos 2 mil visitantes em outubro.

Em 2008, os meses mais afetados foram agosto e novembro. Em agosto houve uma tempestade tropical, denominada Fay e o Furacão Gustav no final do mês, que gerou uma redução na atividade turística em setembro. Em novembro houve o furacão Paloma, com categoria 4 em Little Cayman e Cayman Brac e categoria 3 em Grand Cayman. Por não ter atingido Grand Cayman com a mesma intensidade das outras ilhas, o impacto percebido não foi tão grande, embora possa ser percebido um decréscimo na quantidade de turistas. Além disso, vale ressaltar o impacto que este evento teve em Cayman Brac, que teve sua quantidade de hotéis e apartamentos disponíveis para atividade turística reduzidas a zero.

A partir desses dados, como era esperado, foi possível perceber que nos anos nos quais não ocorreram grandes tempestades, a quantidade de turistas apresentou um resultado superior ao dos demais, e que nos anos em que houve furacões de categoria 4 ou 5, a média de turistas diminuiu em mais de 500 mil, o que é um dado de grande representatividade.

Na tabela 5 são apresentados os mesmos dados apresentados na tabela 3, porém referentes as demais localidades analisadas mencionadas na figura 2.

Tabela 5: Furacões ocorridos em áreas próximas a Cayman no período de 2000 a 2009

Ano	Mês	Dia	Local Afetado	Nome do furacão	Categoria
2000	Oct	1	Ambegris Caye	Keith	F4
2001	Aug	21	Ambegris Caye	Chantal	TS
2001	Oct	7	Kingstone	Iris	F1
2002	Sep	18	Montego Bay	Isidore	TS
2002	Sep	21	Cancun	Isidore	F3
2002	Sep	29	Kingstone	Lili	TS
2002	Sep	30	Montego Bay	Lili	TS
2003	Jul	11	Cancun	Claudette	TS
2003	Jul	11	Cozumel	Claudette	TS
2004	Aug	12	Montego Bay	Charley	F1
2004	Sep	11	Montego Bay	Ivan	F4
2004	Sep	11	Kingstone	Ivan	F5
2005	Jul	7	Kingstone	Dennis	F3
2005	Jul	18	Cozumel	Emily	F4
2005	Jul	18	Cancun	Emily	F4
2005	Aug	26	Key West	Katrina	F2
2005	Sep	21	Key West	Rita	F2
2005	Oct	2	Cozumel	Stan	TS
2005	Oct	21	Cancun	Wilma	F4
2005	Oct	21	Cozumel	Wilma	F4
2007	Aug	19	Kingstone	Dean	F4
2007	Aug	20	Montego Bay	Dean	F4
2007	Aug	21	Ambegris Caye	Dean	F5
2008	May	31	Ambegris Caye	Arthur	TS
2008	Jul	21	Cancun	Dolly	TS
2008	Jul	21	Cozumel	Dolly	TS
2008	Aug	19	Key West	Fay	TS
2008	Aug	29	Montego Bay	Gustav	TS
2008	Aug	28	Kingstone	Gustav	TS

Tabela 6: Quantidade de turistas em áreas próximas à Cayman no período de 2000 a 2009

Rótulos de Linha	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan	37.493	138.718	180.916	205.642	233.100	180.562	231.841	248.606	27.087	185.061
Fev	145.914	141.471	171.171	174.675	51.306	214.963	205.679	231.681	206.534	163.291
Mar	174.782	161.310	197.534	206.050	60.332	254.467	285.318	252.836	221.047	198.612
Abr	129.195	141.718	170.417	206.056	224.534	181.712	211.251	197.242	183.027	166.849
Mai	93.428	125.614	150.654	132.554	144.016	24.714	133.546	153.982	127.034	140.767
Jun	98.253	115.514	148.318	140.954	15.528	124.641	35.470	121.803	37.283	147.012
Jul	95.332	124.130	166.586	159.424	156.085	88.200	139.739	136.091	138.522	134.669
Ago	33.112	35.507	150.604	134.297	142.558	134.479	162.243	119.234	109.010	118.442
Set	62.565	7.683	80.661	124.594	46.578	126.961	121.126	81.259	70.405	99.006
Out	79.333	24.325	104.479	178.468	1.968	76.755	143.388	109.690	106.837	22.879
Nov	137.133	119.802	154.016	186.700	153.671	191.566	182.649	162.461	136.952	138.906
Dez	129.303	159.605	176.037	237.639	202.482	222.026	237.633	192.284	166.540	188.087
Total geral	1.215.843	1.295.397	1.851.393	2.087.053	1.432.158	1.821.046	2.089.883	2.007.169	1.530.278	1.703.581

No ano 2000 houve apenas um furacão em áreas próximas a Cayman, porém o comportamento neste ano apresentava resultados ruins, por isso não foi possível avaliar se a quantidade de turistas em outubro foi baixa devido ao furacão Keith, de categoria 4. Em 2001, os meses de agosto, setembro e outubro apresentaram um resultado ruim, no entanto somente o de agosto pode ser relacionado a eventos climáticos, pois a queda abrupta de setembro e outubro, possivelmente é devida ao ataque sofrido em 11 de setembro, o qual criou sensação de insegurança na população americana, que é a maior fonte de turismo para as Ilhas.

Com único furacão assinalado em 2002, o fato da tempestade Isidore ter atingido Cancun como um furacão de categoria 3 possivelmente afetou o fluxo de cruzeiros, por ser Cancun um dos pontos anteriores ao de Grand Cayman. Já a tempestade Claudette, ocorrida em julho de 2003, aparentemente não impactou a atividade turística em Cayman, conforme pode ser visto na tabela acima. Em 2004 houve impacto dos mesmos furacões que arrasaram Cayman, com destaque para o Ivan.

Com os dados do ano de 2005 é possível avaliar o impacto que tempestades tropicais em áreas próximas a Cayman podem ter na atividade turística da ilha. Neste ano, o mês de julho foi marcado por dois furacões, o Dennis e o Emily, de categorias 3 e 4, respectivamente. O fato dos furacões terem ocorrido na região, a

qual é o ponto de destino anterior a Grand Cayman, possivelmente contribuiu para a baixa quantidade de turistas no período .

Já as tempestades ocorridas em agosto e setembro, Rita e Katrina respectivamente, aparentemente não causaram grandes impactos no turismo em Cayman, embora se saiba que o último causou danos de grandes proporções em Nova Orleans, nos Estados Unidos. Ainda em 2005, a tempestade Wilma atingiu Cancun e Cozumel com categoria 4, e possivelmente foi a causa da baixa quantidade de turistas no mês de outubro.

Em 2007 o único evento identificado foi o furacão Dean, de categoria 5, ocorrido no dia 21 de agosto. Devido a sua ocorrência ter se dado no fim do mês, o impacto maior foi percebido em setembro, porém a diminuição de turistas não foi tão grande devido ao fato de Ambegris Caye ser rota de uma pequena quantidade de cruzeiros. Em 2008 ocorreram diversos eventos, porém todos foram classificados como tempestade tropical (TS), o que não deveria ter causado grande impacto no turismo. Porém percebe-se que a tempestade Arthur, ocorrida em 31 de maio, parece ter causado impacto no mês de junho, o qual também pode ter sido afetado pela ocorrência da Copa do Mundo na Alemanha. Em julho, a tempestade Dolly aparentemente não causou impacto na quantidade de turistas, que se manteve linear com o mesmo período dos anos anteriores. Já o mês de agosto foi marcado por dois eventos que também ocorreram em Cayman, o Fay e o Gustav, sendo que este último, por ter ocorrido no fim do mês, aparentemente afetou a média de turismo de setembro.

Observa-se ainda que de Novembro a Junho não é comum a presença de furacões nesta região. E que, onde ocorreram os eventos houve em grande parte diminuição do número de turistas quando se compara o mesmo mês em outros anos.

Tabela 7: Entrada de turistas e ocorrências de furacões em Cayman e áreas próximas

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan	37.493	138.718	180.916	205.642	233.100	180.562	231.841	248.606	27.087	185.061
Fev	145.914	141.471	171.171	174.675	51.306	214.963	205.679	231.681	206.534	163.291
Mar	174.782	161.310	197.534	206.050	60.332	254.467	285.318	252.836	221.047	198.612
Abr	129.195	141.718	170.417	206.056	224.534	181.712	211.251	197.242	183.027	166.849
Mai	93.428	125.614	150.654	132.554	144.016	24.714	133.546	153.982	127.034	140.767
Jun	98.253	115.514	148.318	140.954	15.528	124.641	35.470	121.803	37.283	147.012
Jul	95.332	124.130	166.586	159.424	156.085	88.200	139.739	136.091	138.522	134.669
Ago	33.112	35.507	150.604	134.297	142.558	134.479	162.243	119.234	109.010	118.442
Set	62.565	7.683	80.661	124.594	46.578	126.961	121.126	81.259	70.405	99.006
Out	79.333	24.325	104.479	178.468	1.968	76.755	143.388	109.690	106.837	22.879
Nov	137.133	119.802	154.016	186.700	153.671	191.566	182.649	162.461	136.952	138.906
Dez	129.303	159.605	176.037	237.639	202.482	222.026	237.633	192.284	166.540	188.087
Total geral	1.215.843	1.295.397	1.851.393	2.087.053	1.432.158	1.821.046	2.089.883	2.007.169	1.530.278	1.703.581

Para quantificação do impacto dos furacões, foram realizadas também regressões lineares para estimar qual teria sido o fluxo de turistas se não tivessem ocorrido os eventos. Segundo Werkema e Aguiar (1996) a análise de regressão pode ser utilizada para descrever, prever, controlar ou estimar fatos. Montgomery (2003) destaca que a regressão linear simples um único regressor ou preditor X e uma variável dependente Y.

No presente caso, as variáveis X foram os 12 meses anteriores ao da ocorrência de um furacão para analisar o comportamento turístico considerando também sazonalidades existentes e a variável Y a quantidade de turistas. Nos meses em que não houve furacão, mas que foram afetados por eventos do mês anterior, também foi estimado o valor, utilizando-se o valor projetado do mês em que houve furacão causador do impacto. Após a previsão, foi calculada a diferença desta projeção com o valor real de turistas na região para refletir assim o impacto dos furacões. Esta diferença entre o projetado com a regressão e o valor real pode ser observada na tabela 8. Os dados da regressão linear permitiram projetar a perda ocorrida devido aos furacões.

Tabela 8: Diferença entre o valor projetado e o valor real de turistas nos meses e anos que ocorrerão furacões em Cayman

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Jan	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fev	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Abr	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mai	-	-	-	-	-	-	-	-	52.907	-
Jun	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jul	-	-	-	22.242	-	74.074	-	-	52	-
Ago	-	-	-	-	62.777	13.740	-	60.802	31.741	-
Set	-	-	136.799	-	61.323	22.846	-	73.424	11.023	-
Out	18.321	90.897	101.054	-	68.122	52.142	-	-	-	-
Nov	-	-	-	-	-	-	-	-	28.086	-
Dez	-	-	29.496	-	-	-	-	-	-	-

Na Tabela 9 é apresentado o resultado obtido a partir da diferença entre a média dos valores obtidos pela regressão linear e o dado real, por categoria de furacão, na entrada de turistas em Cayman. Destaca-se também que, dependendo do período do ano, o impacto pode ser diferente devido à sazonalidade. Observa-se, por exemplo, que um furacão F5 pode gerar uma diminuição no fluxo de entrada de turistas de aproximadamente 130.000 pessoas.

Tabela 9: Valor estimado de impacto por categorização dos furacões na entrada de turistas em Cayman

TS	F1	F2	F3	F4	F5
25.067	81.916	26.450	136.799	51.434	131.836

Com esta análise observou-se que, devido ao fato dos furacões F3 sempre ocorrerem junto a outros furacões, não foi possível avaliar se o valor obtido é aceitável ou não, embora o valor do impacto, superior ao do F5, indique que esta categoria necessitaria de uma abordagem distinta. O mesmo problema foi enfrentado na estimativa do F1, que foi afetada pelo comportamento dos furacões ocorridos no mês de novembro, um período de maior atividade turística. Uma possível conclusão acerca das tempestades de menor categoria (até F2) é que elas

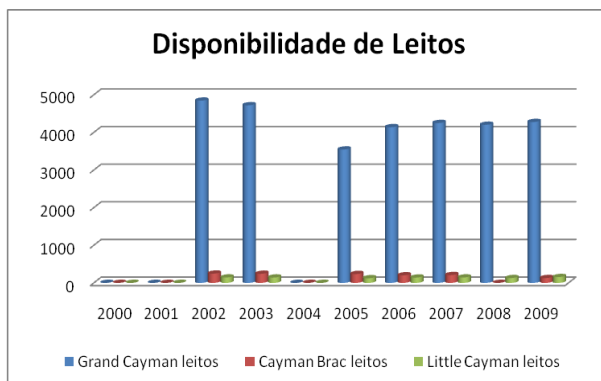
podem eventualmente prejudicar o turismo de forma similar, e aumentariam gradativamente a partir do furacão F3.

3.2. Ocupação da Região

A ocupação da região está relacionada à atratividade de infra-estrutura e aos serviços turísticos oferecidos por cada uma das ilhas. Os turistas que impactam nesta análise são os oriundos de transporte aéreo, devido ao fato de que turistas de cruzeiros apresentam a peculiaridade de desembarcar de manhã e embarcar no fim da tarde do mesmo dia, ou seja, não utilizam a rede hoteleira da região. A maior parte da procura se dá em Grand Cayman, a maior das três ilhas, considerada a cidade capital com muitas atividades turísticas, estrutura moderna e passeios históricos. As demais procuras são por Cayman Brac e Little Cayman, sendo a primeira uma comunidade marítima tradicional, com paisagens naturais e variedades de fauna e flora; e a última, a menos desenvolvida da região, em grande parte desabitada.

As características das ilhas, relatadas acima, são reflexo direto na disponibilidade de cada uma para o acolhimento dos turistas. Conforme o gráfico abaixo, se observa na disponibilidade de leitos, que Grand Cayman é responsável por 93% da ocupação da ilha. No entanto, a partir desse gráfico é possível analisar também dois fatos que se relacionam diretamente a disponibilidade de leitos a categoria do furacão: o ano de 2004 foi encerrado sem uma informação oficial de leitos disponíveis devido ao impacto causado pela Ivan, e o ano de 2008, no qual a rede hoteleira de Cayman Brac foi reduzida a zero devido à passagem do Paloma na ilha.

Gráfico 3: Disponibilidade de leitos nas três ilhas



Também foi realizada uma análise do tempo de estada na região, e observou-se que há uma diferença significativa entre os turistas que se hospedam em hotéis, ficando em média cinco dias, e os turistas que alugam apartamentos para dispor de mais tempo de viagem, em média 11 dias. Outro fato observado, pela análise dos gráficos 4 e 5 é que o tempo de estadia na ilha não costuma sofrer impacto de ocorrência de fenômenos naturais de proporções pequenas e médias ou fatos históricos, ou seja, a média de dias em que os turistas permanecem na ilha tende a se manter constante, variando apenas de acordo com o tipo de hospedagem escolhida.

Gráfico 4: Tempo médio de estada nas ilhas

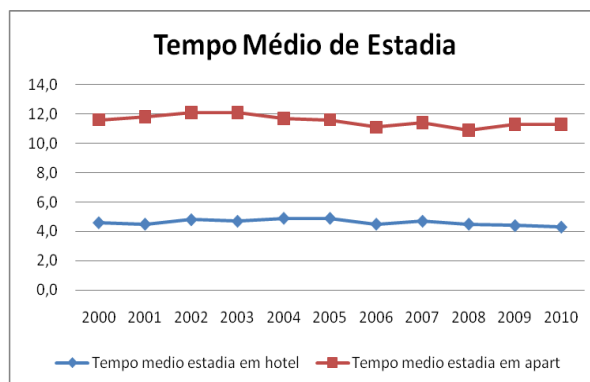
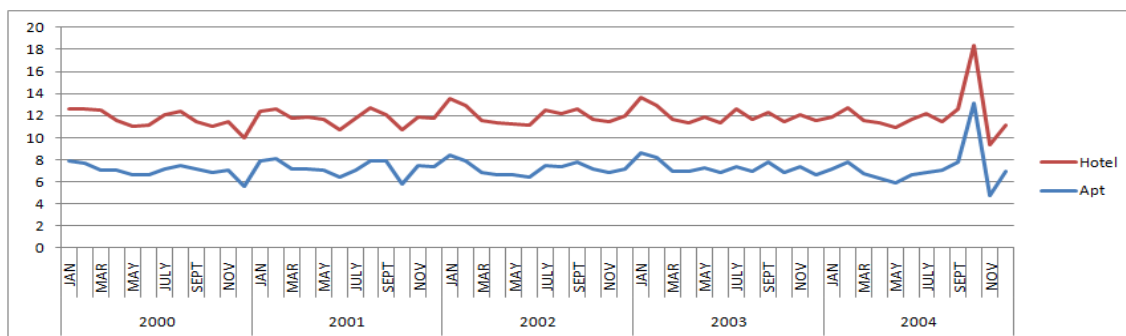
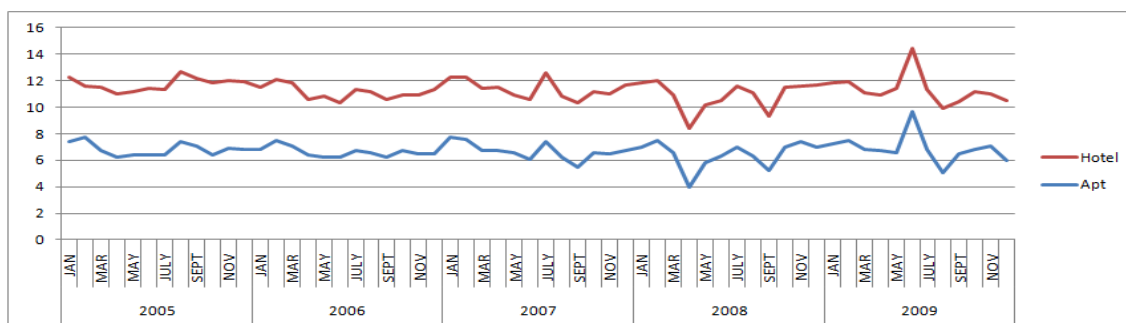


Gráfico 5: Tempo médio mensal de estada nas ilhas entre 2000 e 2004



No gráfico 6 foi possível observar que o comportamento até o ano de 2004 mostrava-se sazonal, sem relacionar-se fortemente com eventos climáticos, exceto pelos dados de setembro e outubro de 2004, quando a devastação causada pelo furacão Ivan provavelmente impediu que os turistas tivessem atividades na ilha.

Gráfico 6: Tempo médio mensal de estada nas ilhas entre 2005 e 2009



Os anos de 2005 e 2006 apresentaram comportamento similar ao dos períodos analisados no gráfico 5, exceto ao último quadrimestre de 2004. A partir do meio de 2007 alguns meses apresentam comportamento anômalo, porém sem apresentar relação com furacões.

Em complemento à análise anterior, foram pesquisados dados referentes à ocupação dos hotéis e apartamentos, ano a ano, desde 2000. Como resultado,

pode-se observar que os hotéis são mais procurados pelos turistas. Este fato pode estar associado ao custo elevado referente aos alugueis de apartamentos, para um período curto de permanência na ilha.

Nesse contexto, podemos observar que a demanda por hotéis sofre uma influência maior de impactos externos, já que é mais procurada que os apartamentos, que possuem demanda praticamente estável pelos seus serviços. Dessa forma, pode-se atribuir às quedas de ocupação de 2001, o acontecimento de 11 de setembro, com reflexos bastante intensos no ano seguinte.

Gráfico 7: Percentual de ocupação de hotéis e apartamentos da ilha

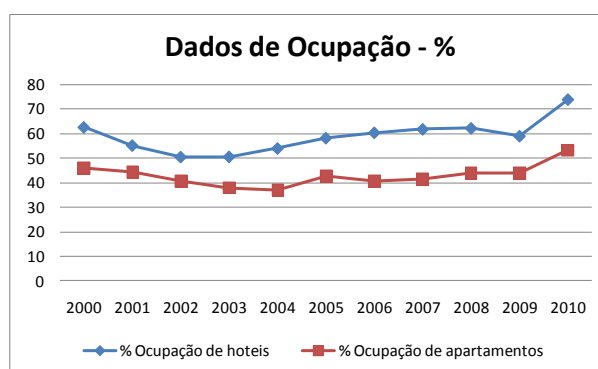
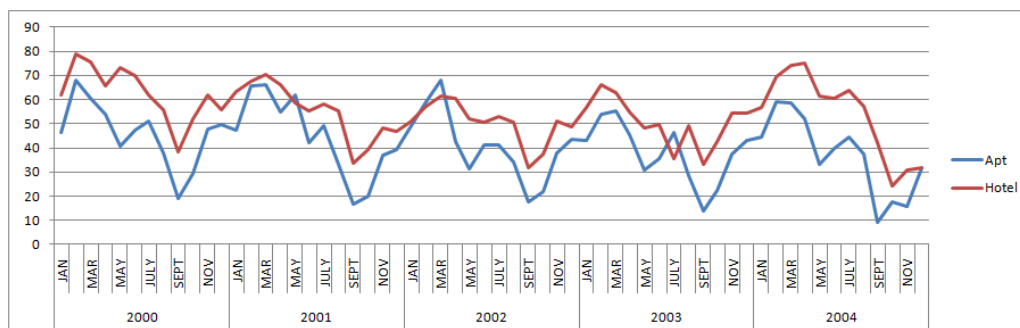
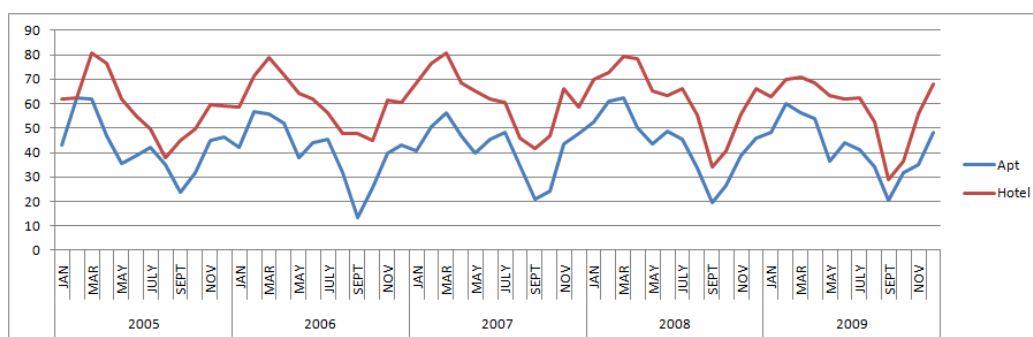


Gráfico 8: Percentual Mensal de ocupação de hotéis e apartamentos da ilha de 2000 à 2004



A taxa média de ocupação mensal apresenta um comportamento sazonal, porém constante dentro da sua sazonalidade. Assim, como na análise do tempo médio de estadia, a única variação percebida possível de ser relacionada com furacões se deu no último quadrimestre de 2004, pois trata-se de um período de crescimento da taxa de ocupação e no referido ano, nos meses de outubro e novembro, apresentou um resultado decrescente em relação a setembro.

Gráfico 9: Percentual Mensal de ocupação de hotéis e apartamentos da ilha de 2005 à 2009



O gráfico 9, que apresenta os dados para o período de 2005 a 2009 não apresentou grandes mudanças no comportamento apresentado no período anterior, o que reforça a idéia de que apenas grandes eventos climáticos afetam este indicador.

Numa análise macro, percebe-se que a partir de 2003 ocorre uma recuperação lenta, com crescimento moderado até 2008, acompanhado de uma suave queda em 2009. Essa queda pode ser associada ao Furacão Paloma, de intensidade h4, que ocorreu em novembro de 2008, gerando reflexos no ano seguinte. Nota-se, porém, um crescimento acentuado no primeiro quadrimestre de 2010 nos dados referentes à região.

4. Conclusão

Conclui-se que o objetivo do desenvolvimento de um estudo sobre o impacto de fenômenos climáticos no desenvolvimento turístico nas Ilhas Cayman, especialmente sobre a ocorrência de furacões, e suas conseqüências sobre o setor foi alcançado e apresentou uma contribuição importante para compreender os efeitos na região.

Destaca-se também a importância da análise dos indicadores e índices referente à atividade que deram suporte ao desenvolvimento do trabalho. Uma das contribuições significativas foi a relação da classificação dos furacões com o impacto no fluxo de entrada de turistas, refletindo a diminuição de turistas na região na ocorrência de fenômenos climáticos.

Para mensurar este impacto foi necessário o rastreamento dos furacões na região, bem como o levantamento da entrada de turistas desde o período do ano 2000. Com os dados, foram realizadas regressões lineares para projetar o fluxo turístico sem a ocorrência de fenômeno climático. Após a previsão, comparou-se com o valor real de entrada de turistas no período dos eventos e foi possível diagnosticar uma relação do impacto no turismo local com as classificações dos furacões.

A regressão múltipla seria uma sugestão de pesquisa futura para compreender o efeito de outras variáveis no fluxo de turistas em Cayman. Outras variáveis foram utilizadas, porém com análises gráficas e de forma qualitativa. Este tipo de regressão permitiria uma compreensão mais complexa e quantitativa de diferentes variáveis no turismo local.

O tema abordado no presente trabalho exigiu conhecimento de assuntos como turismo, estatística, engenharia e economia. Para análise do caso foi importante o conhecimento de análise gráfica, sobre ferramentas de gestão e visão sistêmica do fluxo de turismo e dos impactos na região. Estes fatores justificam a escolha do tema para o estudo no curso de mestrado de Engenharia de Produção que, além de identificar a problemática, contribuiu com o entendimento dos impactos dos eventos climáticos no turismo da região.

Referências

- Aguirre, B.E. (1991). Evacuation in Cancun during Hurricane Gilbert. *International Journal of Mass Emergencies and Disasters*.
- Burrus, R.; Dumas, C; Farrell, C.; Hall, W. (2002). Impact of Low-Intensity Hurricanes on Regional Economic Activity. *Natural Hazards Review* / August.
- Campos, M. A. (2005). Importância do Turismo Internacional Para Economia Mundial. *Etur*, disponível em: <http://www.etur.com.br>.
- Dwyler L., Forsyth P., Spurr, F. (2004). Evaluating tourism's economic effects: new and old approaches. *Tourism Management* 25 (3), 307-31.
- Dias, M. (2006). Furacões e Tornados: um espetáculo de Rotação na Atmosfera Terrestre. *Revista USP*, São Paulo, n.72, p. 44-53. Dezembro/Fevereiro 2006-2007.
- ECLAC – Economic Commission for Latin America and the Caribbean, 2005.
- Fankhauser, S., Smith, J.B., Tol, R.S.J. (1999). Weathering climate change: some simple rules to guide adaptation decisions. *Ecological Economics* 30, 67–78.
- Government of the Cayman Islands (2000). Cayman Islands Compendium of Statistics. Statistics Office, Government of the Cayman Islands. Grand Cayman, George Town. 2000.
- Keeney, R.L., Mcdaniels, T.L. (2001). A framework to guide thinking and analysis regarding climate change policies. *Risk Analysis* 21, 989–1000.
- Landsea C. (1993). A Climatology of Intense (or Major) Atlantic Hurricane. American Meteorological Society.
- Montgomery, D.C., Runger, G. C. (2003). *Estatística Aplicada e Probabilidade para Engenheiros*, Segunda Edição; Editora LTC.
- Pelling, M., Uitto, J.I. (2001). Small island developing states: natural disaster vulnerability and global change. *Environmental Hazards* 3, 49–62.
- Pittock, A.B., Jones, R.N., Mitchell, C.D. (2001). Probabilities will help us plan for climate change—without estimates, engineers and planners will have to delay decisions or take a gamble. *Nature*, 413, 249.
- Prideaux, B., Law, S. B. E., Faulkner, B. (2003). Events in Indonesia: exploring the limits to formal tourism trends forecasting methods in complex crisis situations. *Tourism Management* 24, 475–487.
- Sonmez S. (1999). Tourism in Crisis: Managing the Effects of Terrorism. *Journal of Travel Research*, 38, 1, 13-18.
- Tompkins E. (2005). Planning for climate change in small islands: Insights from national hurricane preparedness in the Cayman Islands. *Global Environmental Change*.
- Werkema, C., Aguiar, S. (1996). *Análise de Regressão: como entender o relacionamento entre as variáveis de um processo*; Editora Werkema.

Sites consultados:

- http://www.cptec.inpe.br/glossario/gloss_prin.shtml#19 > acessado em 24 de junho de 2010.
- <http://www.eclac.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/5/23825/P23825.xml&xsl=/portofspain/tpl-i/p9f.xsl&base=/portofspain/tpl/top-bottom.xslt> > acessado em 25 de junho de 2010.
- http://stormcarib.com/climatology/WCAR_map_bathy.htm > acessado em 18 de junho de 2010.
- <http://www.caymanislands.ky/statistics/default.aspx> > acessado em 19 de junho de 2010.
- <http://www.unwto.org/aboutwto/why/en/why.php?op=1> > acessado em 23 de junho de 2010.
- www.worldlicenseplates.com/world/CA_CAYM.html > acessado em 17 de junho de 2010, as 14:20.

LUCAS REBELLO DE OLIVEIRA: Engenheiro de Produção formado pela UFF (2007) e bolsista do Mestrado em Engenharia de Produção da UFF. Possui experiência como consultor nas áreas de Gestão Estratégica, Planejamento Estratégico, Gestão de Operações e Sustentabilidade. Possui interesse de publicação nos temas anteriores e em gestão de turismo.

EDUARDO FERRAZ MARTINS: Engenheiro de Produção formado pela UFF (2008) e bolsista do Mestrado em Engenharia de Produção da UFF. Possui experiência como consultor nas áreas de Gestão Estratégica, Planejamento Estratégico, Gestão de Operações e Sustentabilidade. Possui interesse de publicação nos temas anteriores e em gestão de turismo.

RAFFAELA MARTINS MEDEIROS: Engenheira de Produção, graduada pela Universidade Federal Fluminense em 2007, e mestranda pelo Departamento de Engenharia de Produção da mesma instituição, tendo como áreas de interesse a Gestão Estratégica, Sustentabilidade e diálogo com *stakeholders*. Possui experiências como consultora em gestão e planejamento de engenharia.

JOÃO CARLOS SOARES DE MELLO: Licenciatura Engenharia Mecânica pela Universidade Federal Fluminense (1981), Mestrado em Matemática pela Universidade Federal Fluminense (1987) e Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Realizou estágio pós doutoral na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra em 2006. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal Fluminense, departamento de Engenharia de Produção.

Submetido: Setembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011

Gestión financiera de un negocio: el particular caso de la empresa familiar extremeña

Remedios Hernández-Linares • Cristina Barriuso • Ascensión Barroso • Tomás M. Bañegil

Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales, Universidad de Extremadura
remedioshl@unex.es • barriuso@unex.es • abarrosom@unex.es • tbanegil@unex.es

Resumen

Numerosos estudios han recogido las características singulares de la empresa familiar, derivadas de interrelación empresa-familia. Nuestra intención es conocer la particular actitud de este tipo de negocios en relación a sus estrategias de financiación ya que, según la literatura, la concentración de la propiedad típica de la empresa familiar permite eliminar costes de agencia, la intención de transmitir un legado a los descendientes lleva a que sus balances y cuentas de pérdidas y ganancias no tengan la necesidad de ofrecer una imagen adecuada frente a terceros, y su horizonte de inversión a largo plazo constituye una importante restricción financiera. Así, tras la investigación empírica realizada, podemos concluir que en los negocios familiares extremeños existe una elevada concentración de la propiedad, y que convendría buscar un equilibrio entre los distintos sistemas que conforman la empresa familiar para que ésta no tenga que renunciar a las oportunidades que le brinda el mercado.

Palabras Clave: empresa familiar; gestión financiera; estrategias de financiación; concentración de la propiedad; nivel de apalancamiento; empresas extremeñas.

Abstract

Many studies have shown that family business has unique characteristics derived from the confluence of two systems: the company and the family. The objective of this research is to understand the unique behaviour of family businesses in relation to financing strategies, since, according to the literature, the concentration of ownership that characterizes these companies enables them to eliminate costs agency, the interest in transmitting a heritage to descendants enables that their sheets and profit and loss accounts do not have to provide a suitable image and their horizon of long-term investment is an important financial restriction. Thus, after the empirical study, we can draw several conclusions: there is a high concentration of ownership among family businesses in Extremadura, and it is necessary to seek a balance between the two systems of the company (family and business) in order to allow the company to take advantage opportunities offered by the market.

Keywords: family business; financial management; concentration of ownership; leverage; extremaduran companies.

1. Introducción y objetivos

A pesar de que los negocios familiares han sido la columna vertebral de la actividad económica desde épocas y civilizaciones antiguas, la empresa familiar es un campo de estudio relativamente nuevo, que comenzó a recibir la atención que merecía hace sólo unas décadas, ya que los estudios anteriores a 1975 eran bastante limitados (Handler, 1989). Así su nacimiento como disciplina de estudio puede datarse en la segunda mitad de la década de los setenta (Wortman, 1994), si bien su consolidación no se producirá hasta la década de los noventa, momento a partir del cual el mundo empresarial e institucional comienza a adquirir plena conciencia de la importancia económica que posee esta tipología de negocios. Prueba de ello son la aparición de la publicación *Family Business Review* en 1988, y la creación del *Family Business Network* en 1997, así como la proliferación de estudios científicos, libros, artículos y seminarios sobre el tema.

El punto de partida de muchas de las investigaciones realizadas sobre las empresas familiares ha sido tratar de conocer si éstas son diferentes de las de cualquier otra naturaleza, y si efectivamente lo son en qué manera y por qué razones. Y gran parte de los estudios efectuados al respecto ha demostrado que efectivamente son diferentes, y adolecen de características propias derivadas de la confluencia de dos realidades complejas y dinámicas: empresa y familia. Una de estas diferencias se basa en que el asumido solapamiento de familia y negocio puede producir actitudes particulares en relación a las estrategias de financiación seguidas por las empresas familiares, tal y como afirman López-Gracia y Sánchez-Andújar (2007). Por ello, durante los últimos años, las investigaciones sobre los asuntos financieros de la empresa están adquiriendo una notable preeminencia. En la línea de estos estudios científicos, y bajo el amparo de la Cátedra de Empresa Familiar de la Universidad de Extremadura, nace este trabajo de investigación, cuyo objetivo principal es esbozar los principales rasgos que caracterizan la gestión financiera de este tipo de negocios en Extremadura.

2. La empresa familiar: definición e importancia

La mayor parte de la riqueza del mundo es generada por las empresas familiares (Craig y Dibrell, 2006), y los estudios e investigaciones llevados a cabo hasta el momento confirman que el panorama económico de la mayoría de los países se encuentra dominado por empresas familiares (Astrachan y Schanker, 2003; Morck y Yeung, 2004; Déniz y Cabrera, 2005). Y los datos confirman este importante peso de las empresas familiares dentro de las diferentes economías. Según los datos del Instituto de la Empresa Familiar, en Estados Unidos las organizaciones empresariales de carácter familiar constituyen el 80% del total de empresas, y generan el 50% del empleo (no del empleo privado, sino del empleo total, generado tanto por instituciones públicas como privadas) del país; y en Europa, hay 17 millones de empresas familiares (que generan cien millones de puestos de trabajo), lo cual supone el 60% del tejido empresarial de la Unión. No obstante hay que resaltar que su peso difiere significativamente entre las distintas economías europeas, como demuestra el estudio llevado a cabo por *Gallup Europa* y el *Family Business Network International*¹ en ocho países europeos (Alemania, España, Finlandia, Francia, Holanda, Italia, Reino Unido y Suecia), según el cual la importancia relativa de las empresas familiares fluctúa entre el 61% de Holanda y el 91% de Finlandia.

En España, según datos del Instituto de la Empresa Familiar, se estima que hay más de 2.950.000 organizaciones empresariales de carácter familiar, lo cual supone el 85% del total de empresas. Y según esta misma fuente, dichas empresas generan el 75% del empleo privado y facturan el 70% del Producto Interior Bruto del país, realizando el 59% de las exportaciones de nuestra economía; y aunque representan el 30% de la capitalización bursátil, el 50% de las empresas españolas que cotizan en bolsa son familiares.

¹ Estudio: *Family Business International Monitor*.

Sin embargo, al comparar estos resultados hay que tener en cuenta la problemática de la circunscripción del término originada por la falta de unanimidad sobre la definición del concepto empresa familiar, ya que a pesar de que la historia de la investigación sobre este tema se extiende a lo largo de más de treinta y cinco años, no hay acuerdo sobre la definición del concepto empresa familiar (Litz, 1995; Astrachan, Klein y Smyrniotis, 2002).

Encontrar una delimitación conceptual del término empresa familiar es el primer requisito para poder construir un marco teórico sólido (Pérez et al., 2007). Sin embargo, articular una definición precisa del concepto es una tarea no exenta de complicaciones (Lansberg, Perrow y Rogolsky, 1988). Por esta razón, una parte significativa de la literatura existente sobre este tema se ha centrado en la búsqueda de una definición que permita identificar claramente a las empresas familiares diferenciándolas de las de cualquier otra tipología. Dicha pesquisa ha dado lugar a numerosas definiciones establecidas en función de diferentes criterios, siendo los más generalmente empleados los de propiedad y gestión.

En el caso de la propiedad existe cierto consenso a la hora de considerar necesaria la posesión mayoritaria del capital (Barnes y Hershon, 1976; Lansberg, Perrow y Rogolsky, 1988), si bien hay otros autores (Donckels y Fröhlich, 1991) que establecen unos límites más restrictivos.

En el caso de la gestión el debate es aún más intenso. Daily y Dollinger (1993), entre otros, consideran que para definir una empresa como familiar sería imprescindible que dicha organización estuviera gestionada por la familia, mientras que para los investigadores Graves y Thomas (2006) es suficiente con que uno de los miembros de la familia forme parte del equipo de gestión.

A pesar del asenso generalizado sobre la utilización de estos dos criterios, muchas delimitaciones conceptuales recurren también a otras dimensiones como el número de generaciones de la familia propietaria, la influencia de la familia en la empresa, el compromiso de la primera en el negocio o la vocación de continuidad del mismo, entre otros.

Nosotros, en la búsqueda de una definición operativa y funcional que se limite a identificar las características observables y medibles que diferencian a este tipo de negocios del resto, apostamos por basar el estudio empírico en la definición propuesta por Graves y Thomas, quienes consideran que una empresa familiar es “aquella en la que la mayoría de la propiedad pertenece a la familia y al menos uno de los familiares propietarios pertenece al equipo de gestión.” (2006: 208).

3. La empresa familiar: su gestión financiera

Las empresas familiares son consideradas una forma de negocio sumamente compleja. A ello contribuyen tanto temas operacionales y estratégicos relativos a la propiedad como el habitual solapamiento entre gestión y control (Craig y Moores, 2006), solapamiento que generalmente se traduce en que los dueños y los gestores son los mismos individuos o representan a la misma familia propietaria (Naldi et al., 2007).

Pero, sin duda, una de las características más definitorias de este tipo de compañías es su preocupación por mantener el control de la empresa dentro del núcleo familiar. Tradicionalmente se han presentado argumentos antropológicos para explicar esta decisión de mantener una empresa bajo el control de miembros de la familia. De hecho autores como Solari (1971) defienden que el hecho de mantener una empresa como familiar responde a factores culturales. Sin embargo, otros investigadores (Jensen y Meckling, 1976) abogan a razones más puramente económicas, y sostienen que una estructura de propiedad más concentrada facilita la alineación de objetivos de directivos y propietarios. En esta misma línea, Pertusa y Rienda (2003) afirman que cuando tenemos una empresa familiar y los roles de propietario y directivo recaen sobre la misma persona se eliminan costes debido a la supresión de las relaciones de agencia, lo cual permite obtener una serie de ventajas que no poseen el resto de empresas no familiares. En idéntico sentido se manifiestan también Vilaseca (2002), López-

Gracia y Sánchez-Andújar (2007), o Carrasco-Hernández y Sánchez-Marín (2007).

No obstante, aún a pesar de que los costes de agencia se asocian en numerosas ocasiones a empresas con gran dispersión del capital, es preciso insistir en que si bien la relación principal-agente puede verse favorecida por el aumento de la participación de los gestores en la propiedad, llega un determinado momento, un punto de inflexión, a partir del cual la concentración de una gran parte de la propiedad en manos del gestor conlleva la disminución de la eficacia de los incentivos al desempeño, y de los mecanismos de control de gestión. Este efecto negativo puede ser más importante que los resultados parcialmente positivos del aumento de la participación en el capital por parte de los gestores (Morck y Yeung, 2003), pudiendo adquirir dicha consecuencia contradictoria una relevancia aún mayor en el caso de las empresas familiares (Chrisman, Chua y Sharma, 2005), debido a que en ellas es más difícil implantar (y resultan menos efectivos) tanto los mecanismos de control de gestión, como los sistemas de compensación e incentivos.

Además hay que tener en cuenta que los líderes de las empresas familiares están motivados por construir un legado duradero para sus hijos (Kellermans et al., 2008) y que la motivación por transmitirlo a los descendientes se refleja incluso en los balances y en las cuentas de pérdidas y ganancias de la organización, ya que en las empresas familiares, a diferencia de lo que ocurre con sus equivalentes de otras tipologías, estos “no se encuentran tan mediatizados por la necesidad de ofrecer una imagen adecuada frente a los accionistas y en general frente a terceros.” (Corona, 2005: 461).

Y a ello hay que añadir que la visión a largo plazo propia de las organizaciones empresariales de carácter familiar tiene consecuencias directas sobre la asunción de riesgos por parte de los inversores. Según Zellweger (2007), dicha asunción de riesgos guarda una estrecha relación con su horizonte temporal, y el horizonte de inversión a largo plazo constituye, en su opinión, una fuente de ventaja para las empresas familiares. Sin embargo, para otros autores

esta visión a largo plazo puede generar otros efectos menos positivos como el establecimiento de importantes restricciones financieras, sobre todo cuando el patrimonio familiar se encuentra comprometido en la empresa (Galve y Salas, 2003). Usar una estructura de propiedad con alto nivel de apalancamiento o limitar el crecimiento permite a la empresa familiar mantener el control y perseguir objetivos complejos (Wu, Chua, y Chrisman, 2007).

4. Diseño y metodología de la investigación empírica

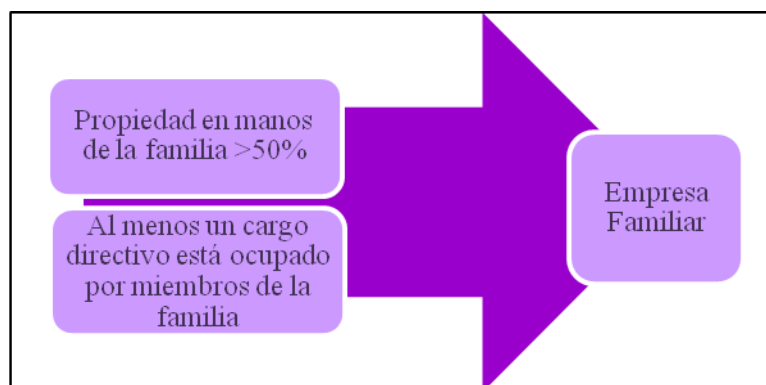
El diseño de esta investigación empírica trata de establecer los procedimientos de un plan de acción con el fin de obtener la información que nos permita satisfacer el objetivo que nos hemos planteado al abordar la realización de este trabajo. Para ello, y siguiendo la lógica investigadora, hay tres cuestiones que resultan fundamentales: la unidad de análisis, las fuentes de información, y el instrumento de recogida de dicha información (Tadeo y Pérez, 2005).

En cuanto a la unidad de análisis resulta obvio que ésta es la empresa familiar, y en concreto la empresa familiar extremeña, puesto que como hemos dicho anteriormente, esta investigación nace en el seno de la Cátedra de Empresa Familiar de la Universidad de Extremadura. Pero ante la carencia de estudios previos al respecto en nuestra comunidad autónoma, y ante la dificultad de disponer de información específica sobre las empresas familiares (Daily y Dollinger, 1993; Claver, Rienda y Quer, 2007), nos vimos obligados a partir de una base de datos genérica que agrupa y recoge los datos de las organizaciones empresariales con forma societaria y sede social en Extremadura, si bien limitamos nuestro objeto de estudio sólo a aquellas empresas con más de cinco empleados, lo cual nos proporcionó una población de 3.767 empresas.

Así, en la primera fase de la investigación, gracias a un pre-test inicial telefónico dirigido a los propietarios o directivos de la sociedad (y realizado a 941 empresas), y partiendo de la consabida definición de Graves y Thomas

(2006), conseguimos definir como familiares a un importante número de empresas extremeñas.

Figura 1: Dimensiones para definir a una empresa como familiar



Fuente: Elaboración propia

Del conjunto de empresas familiares extremeñas, a 180 se les aplicó, de manera personal, el cuestionario definitivo elaborado a partir de un análisis Delphi², cuyo panel de expertos está conformado por un total de 12 profesores y catedráticos procedentes de distintas universidades españolas³, la mayoría miembros de la Red de Cátedras del Instituto de la Empresa Familiar. Consideramos que un panel de 12 expertos nos permitía contar con un grupo lo suficientemente heterogéneo como para enriquecer las discusiones del grupo, aportando diferentes puntos de vista, y evitando los problemas que podría conllevar un panel formado por un número de miembros más elevado (falta de respuesta, dificultad para efectuar el análisis de los resultados, etc.).

² El método Delphi es un proceso sistemático e iterativo encaminado hacia la obtención de las opiniones, y si es posible del consenso, de un grupo de expertos. Para evitar las influencias negativas de los miembros dominantes del grupo se mantiene el anonimato de sus participantes, garantizando así que todas las opiniones individuales sean tomadas en consideración con el resultado final del grupo (Landeta, 1999).

³ Universidad de Alicante, Universidad de Cádiz, Universidad de Cantabria, Universidad Carlos III de Madrid, Universidad de Córdoba, Universidad de Extremadura, Universidad de Girona, Universidad de La Rioja, Universidad de Las Palmas, Universidad Miguel Hernández de Elche, Universidad de Oviedo y Universidad de Sevilla.

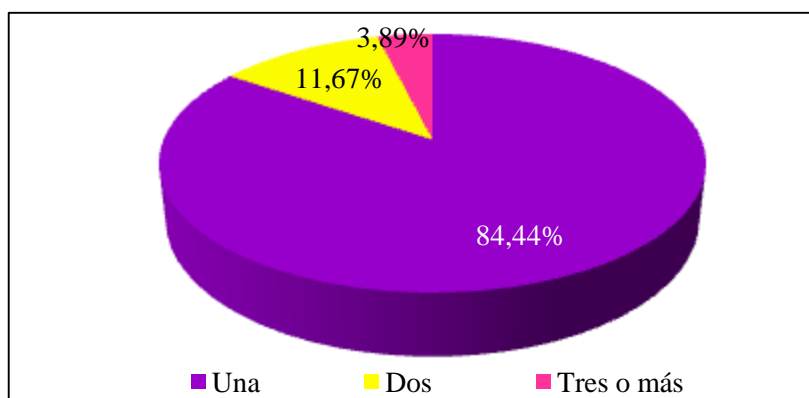
Como resultado de la metodología Delphi obtuvimos una serie de atributos que han constituido el soporte fundamental del cuestionario final, aplicado por miembros de la Cátedra de Empresa Familiar durante los meses de mayo y junio de 2009, en plena recesión económica.

5. Resultados

Tras el análisis de la información extraída de dichas encuestas personales, en este apartado recogemos y discutimos los resultados referentes al comportamiento financiero de las empresas familiares extremeñas que a nuestro entender resultan más significativos.

En cuanto a la concentración de la propiedad, hemos de decir que en el conjunto de España ésta es un fenómeno frecuente entre las empresas familiares. Los resultados que arroja nuestro estudio confirman este fenómeno dentro de la realidad empresarial de la región extremeña, puesto que según nuestros datos en más del 84% de de las empresas familiares extremeñas la propiedad se encuentra en manos de una misma familia.

Gráfico 1: ¿Cuántas familias distintas son propietarias de la empresa?

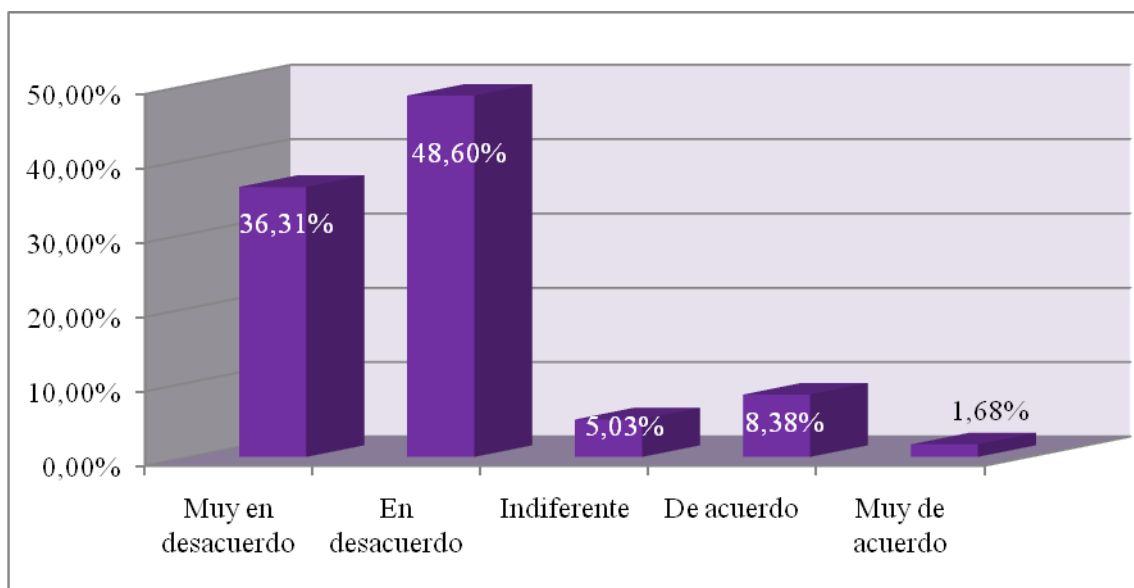


Fuente: Elaboración propia.

Por tanto, en una amplia mayoría (84,44%) de las empresas familiares extremeñas no hay ningún socio o accionista que no pertenezca al grupo familiar, es decir, el núcleo familiar controla el 100% de la propiedad. En el 11,67% de estos negocios hay dos familias propietarias. Y sólo en el 3,89% el capital de la empresa es controlado por tres o más de tres núcleos familiares.

En cuanto al solapamiento entre propiedad y gestión, éste también es un fenómeno frecuente en las empresas familiares, tal y como recoge la literatura sobre el tema. En determinadas ocasiones este solapamiento conlleva consecuencias positivas, como la reducción de los costes de agencia. Sin embargo, en otros casos, las consecuencias son más cuestionables, como ocurre cuando se confunde los bolsillos de empresa y familia. Por ello, preguntamos a los entrevistados acerca de su grado de acuerdo o desacuerdo con la utilización de los recursos financieros de la empresa para necesidades particulares de la familia y viceversa.

Gráfico 2: Es recomendable utilizar los recursos financieros de la empresa para necesidades particulares de la familia

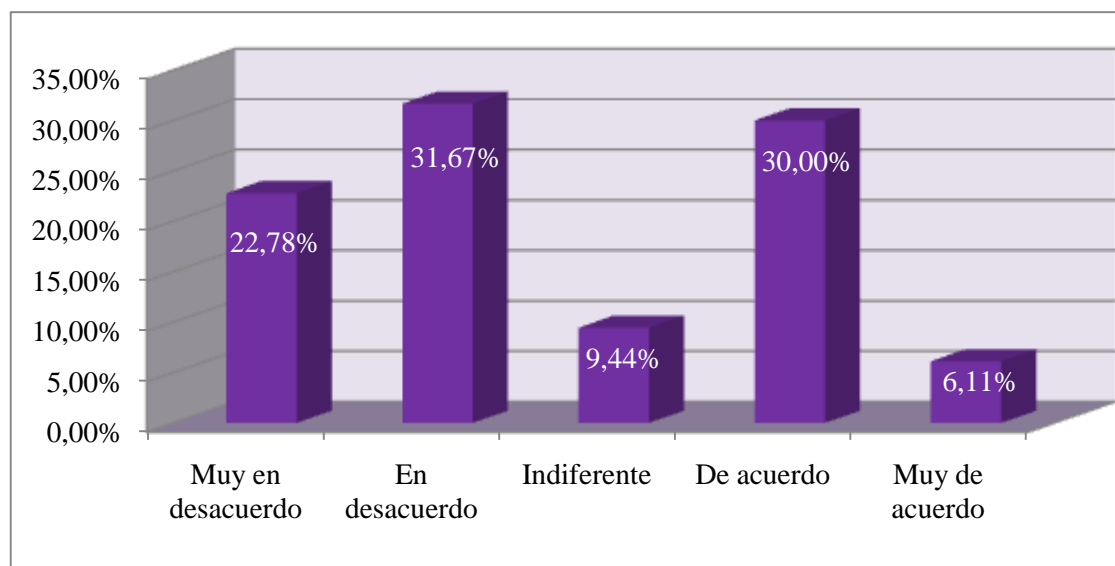


Fuente: Elaboración propia.

En lo que respecta a la primera de estas preguntas, los resultados que se recogen en el gráfico anterior resultan bastante concluyentes, ya que el 48,60% y el 36,31% de los encuestados manifiestan estar en desacuerdo o muy en desacuerdo respectivamente con la utilización de los recursos financieros de la empresa para necesidades particulares de la familia, y sólo un reducido 10% manifiesta estar de acuerdo o muy de acuerdo con la utilización particular de los recursos empresariales.

En relación a la segunda de estas cuestiones, la conveniencia de utilizar los recursos financieros de la familia para las necesidades particulares de la empresa, más de la mitad de los encuestados (54,45%) se manifiestan en desacuerdo o muy en desacuerdo con dicha práctica, mientras que el 30% se manifiesta de acuerdo con la misma, y el 6,11% muy de acuerdo.

Gráfico 3: Es recomendable utilizar los recursos financieros de la familia para necesidades particulares de la empresa

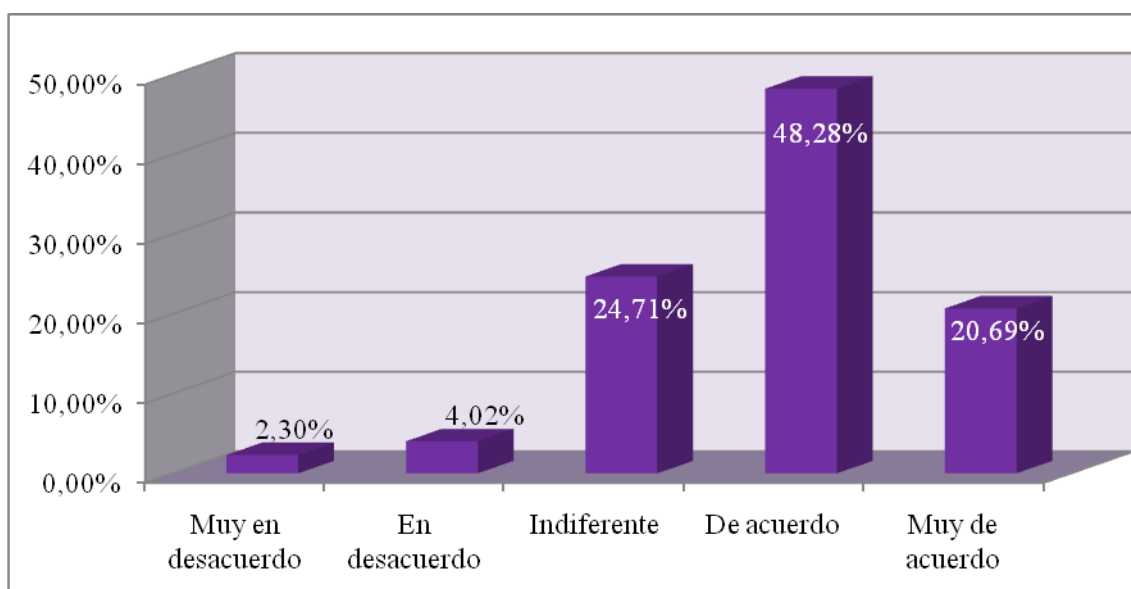


Fuente: Elaboración propia

En cuanto a la preocupación y el interés por transmitir el legado empresarial a los descendientes, un porcentaje muy elevado (68,97%) manifiesta estar de acuerdo o muy de acuerdo (48,28% y 20,69% respectivamente) con la idea de que es importante que la empresa continúe en el futuro en manos de sus

descendientes u otros miembros de la familia; un 24,71% manifiesta su indiferencia y alrededor de un 5,32% indica estar en desacuerdo o muy en desacuerdo, no considerando importante este hecho. En algunos casos, la indiferencia o incluso el desacuerdo, es fruto de situaciones particulares en las que no existe un sucesor familiar o la empresa se encuentra con graves problemas de sucesión.

Gráfico 4. Importancia de que la empresa continúe en el futuro en manos de sus descendientes u otros miembros de la familia



Fuente: Elaboración propia

6. Conclusiones

Esta investigación constituye el primer estudio empírico sobre la empresa familiar realizado en Extremadura, contribuyendo así al reconocimiento de su importancia como figura empresarial dominante dentro del tejido empresarial de nuestra región. A pesar de que se trata de una investigación más amplia, en este trabajo nos hemos centrado en estudiar el comportamiento financiero de la

empresa familiar extremeña, ya que el carácter familiar de un negocio es un factor determinante en su estructura de capital (López-Gracia y Sánchez-Andújar, 2007), y probablemente en su forma de afrontar la gestión financiera.

Nuestro estudio nos ha permitido confirmar que en las empresas familiares extremeñas hay una notable preocupación por mantener el control del negocio dentro de la órbita familiar, con las limitaciones financieras y de capital que de ello se derivan, y que en determinadas ocasiones restringe o frena el crecimiento y/o la velocidad de expansión del negocio.

De igual manera, los resultados de nuestro trabajo de investigación revelan que la amplia mayoría de los empresarios familiares encuestados muestran su desacuerdo con la utilización de los recursos financieros del negocio para necesidades particulares de la familia. También es mayoritaria la proporción de encuestados que no está de acuerdo con utilizar los recursos financieros de la familia para necesidades particulares de la empresa. Sin embargo, el rechazo de esta práctica no se manifiesta de una forma tan taxativa como en el caso anterior.

Estos resultados nos permiten concluir que el empresariado familiar extremeño es consciente de la importancia de mantener separados los recursos financieros y el patrimonio empresarial del patrimonio y los recursos familiares. No obstante, en general, hallamos una mayor flexibilidad a la hora de incorporar el patrimonio familiar al negocio que en ante la idea de cubrir las necesidades familiares con los recursos de la empresa, situación ante la que encontramos una rotunda oposición.

Por último, hemos podido verificar que para los encuestados es importante que sus empresas continúen en el futuro bajo el control de sus descendientes u otros familiares, mostrando así la clara vocación de continuidad que caracteriza a las empresas familiares. Esta vocación de continuidad en manos de la familia contribuye también a explicar el elevado nivel de apalancamiento de su estructura de propiedad.

Es importante, por tanto, que las decisiones de financiación de una empresa familiar traten de buscar un equilibrio entre el control de la empresa por la

familia, por un lado, y la posibilidad de aprovechar las oportunidades de crecimiento existentes, por otro.

Referencias bibliográficas

- Astrachan, J.H. y Schanker, M.C. (2003). Family businesses' contribution to the U.S. economy: a closer look. *Family Business Review*, 16 (3), 211-219.
- Astrachan, J.H.; Klein; S. B.; Smyrnios, K.X. (2002). The F-PEC scale of family influence: A proposal for solving the family business definition setting. *Journal of Business Venturing*, 18, 553-558.
- Barnes, L. B. y Hershon, S. A. (1976). Transferring power in the family business. *Family Business Review*, 8 (2), 131-155.
- Carrasco-Hernández, A. y Sánchez-Marín, G. (2007). The determinants of employee compensation in family firms: empirical evidence. *Family Business Review*, 20 (3), 215-228.
- Chrisman, J.J.; Chua, J. H.; Sharma, P. (2005). Trends and directions in the development of strategic management theory of the family firms. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29, 555-575.
- Claver, E.; Rienda, L.; Quer, D. (2007). ¿Incide el carácter familiar en el compromiso internacional de las empresas españolas? *Investigaciones Europeas de Dirección y Economía de la Empresa*, 13 (3), 13-32.
- Corona, J. (2005). *Manual de la Empresa Familiar*, Barcelona: Ediciones Deusto.
- Craig, J. B. y Dibrell, C. (2006). The natural environment, innovation, and firm performance: a comparative study. *Family Business Review*, 19 (4), 275-288.
- Craig, J. B. y Moores, K. J. (2006). A 10-year longitudinal investigation of strategy, systems, and environment on innovation in family firms. *Family Business Review*, 19(1), 1-10.
- Cromie, S.; Stephenson, B.; Monteith, D. (1995). The management of family firms: An empirical investigation", *Family Business Review*, 13 (4), 11-34.
- Daily, C. M. y Dollinger, M. J. (1993). Alternative methodologies for identifying family-versus nonfamily-managed business. *Journal of Small Business Management*, 31 (2), 79-90.
- Déniz, M. C. y Cabrera, M. K. (2005). Corporate Social Responsibility and Family Business in Spain. *Journal of Business Ethics*, 56, 27-41.
- Donckels, R. y Fröhlich, E. (1991). Are Family Business really different? European Experience from STRATOS. *Family Business Review*, 4 (2), 149-160.
- Gallup Europa y Family Business Network International (2008). *Family Business International Monitor*. Disponible en: [http://www.fbn-i.org/fbn/web.nsf/LibraryLU2/AA3786AA36C250F9872575210070073E/\\$file/Monitor2008.pdf](http://www.fbn-i.org/fbn/web.nsf/LibraryLU2/AA3786AA36C250F9872575210070073E/$file/Monitor2008.pdf)
- Galve, C. y Salas, V. (2003). *La empresa familiar en España. Fundamentos económicos y resultados*, Bilbao: Fundación BBVA.
- Graves, C. y Thomas, J. (2006). Internationalization of Australian Family Business: A Managerial Capabilities Perspective. *Family Business Review*, 19 (3), 207-224.
- Handler, W. C. (1989). Methodological issues and considerations in studying family business. *Family Business Review*, 2 (3), 257-276.
- Jensen, M. C.; Meckling, W. H. (1976). Theory of the firm: managerial behavior, agency cost and ownership structure. *Journal of Financial Economics*, 13 (2), 324-340.
- Kellermans, F.W.; Eddleston, K.A.; Barnett, T.; Pearson, A. (2008). An exploratory study of family member characteristics and involvement: Effects on entrepreneurial behavior in the family firm. *Family Business Review*, 21 (1), 1-14.

- Landeta, J. (1999). *El método Delphi. Una técnica de previsión para la incertidumbre*, Barcelona: Editorial Ariel.
- Lansberg, I. S.; Perrow, E. L.; Rogolsky, S. (1988). Family business as an emerging field. *Family Business Review*, 1 (1), 1-8.
- Litz, R. A. (1995). The family business: Toward definitional clarity. *Family Business Review*, 8 (2), 71-81.
- López-Gracia, J. y Sánchez-Andújar, S. (2007). Financial structure of the family business: evidence from a group of small Spanish firms. *Family Business Review*, 20 (4), 269-287.
- Morck, R. y Yeung, B. (2004). Family control and the rent seeking society. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 28, 391-409.
- Morck, R. y Yeung, B. (2003). Agency problems in large family business groups. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, summer, 367-382.
- Naldi, L.; Nordqvist, M.; Sjöberg, K.; Wiklund, J. (2007). Entrepreneurial orientation, risk taking, and performance in family firms. *Family Business Review*, 20 (1), 33-47.
- Pérez, M. J.; Basco, R.; García-Tenorio, J.; Giménez, J.; Sánchez, I. (2007). *Fundamentos en la Dirección de la Empresa Familiar. Emprendedor, empresa y familia*, Madrid: Editorial Thomson.
- Pertusa, E.M. y Rienda, L. (2003). Las relaciones de agencia y la gestión de la empresa familiar: revisión teórica de su eficacia y eficiencia frente a empresas no familiares. *Revista de Economía y Empresa*, 49, 67-78.
- Sharma, P.; Chrisman, J. J.; Chua, J. H. (2003). Predictors of satisfaction with the succession process in family firms. *Journal of Business Venturing*, 18, 667-687.
- Solari, A. E. (1971). *Teoría, acción social y desarrollo en América Latina*, México: Siglo XXI Editores.
- Tadeo, R. J. y Pérez, M. J. (2005). *Comportamientos en la dirección y gobierno de la empresa familiar. Análisis empírico de la profesionalización como garantía de continuidad*. Tesis Doctoral, Universidad Complutense, Madrid.
- Vilaseca, A. (2002). Conflict of interests and objectives between non-employed shareholders and top management team. *Family Business Review*, 15 (5), 299-320.
- Ward, J. L. (1997). Growing the family business: special challenges and best practices. *Family Business Review*, 10 (4), 323-337.
- Wortman, M. S. (1994). Theoretical foundations for family –owned business: a conceptual and research based paradigm. *Family Business Review*, 7 (1), 3-27.
- Wu, Z.; Chua, J. H.; Chrisman, J. J. (2007). Effects of family ownership and management on small business equity financing. *Journal of Business Venturing*, 22, 875-895.
- Zellweger, T. (2007). Time horizon, cost of equity capital, and generic investment strategies of firms. *Family Business Review*, 20 (1), 1-15.

REMEDIOS HERNÁNDEZ-LINARES. Máster en Marketing, Máster en Enseñanza e Investigación de las Ciencias Sociales, Experimentales y Matemáticas, Licenciada en Administración y Dirección de Empresas, Licenciada en Investigación y Técnicas de Mercado. Doctoranda y profesora sustituta en la Universidad de Extremadura.

CRISTINA BARRIUSO IGLESIAS. Profesora colaboradora del Departamento de Dirección de Empresas y Sociología (área de Organización de Empresas), de la Universidad de Extremadura. Máster en Administración de Negocios en Internet y Comercio Electrónico por la Universidad Politécnica de Madrid.

ASCENSIÓN BARROSO MARTÍNEZ. Licenciada en Administración y Dirección de Empresas. Doctoranda y Becaria de Investigación del Departamento de Dirección de Empresas y Sociología de la Universidad de Extremadura.

TOMÁS M. BAÑEGIL PALACIOS. Catedrático de Universidad. Doctor en Ciencias Económicas por la Universidad Autónoma de Madrid. Director del Departamento de Dirección de Empresas y Sociología y Director de la Cátedra de Empresa Familiar de la Universidad de Extremadura.

Las líneas de investigación de todos los autores giran principalmente en torno a la empresa familiar, la gestión del conocimiento y la responsabilidad social.

Submetido: Setembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011

Diagnóstico do nível de competências de língua inglesa e percepções de conhecimentos de um grupo de alunos universitários

Ana Paula Correia • Filipa Perdigão Ribeiro
ESGHT, Universidade do Algarve
apcorre@ualg.pt • fperdig@ualg.pt

Resumo

Este estudo tem como objectivo aferir o nível de domínio linguístico da língua inglesa de 22 alunos de Inglês I para Turismo. Surge na sequência da crescente heterogeneidade dos conhecimentos e competências dos alunos e visa consciencializá-los dos seus conhecimentos reais, implicando-os na participação deste diagnóstico e fornecer ao professor pontos de referência em relação às áreas/competências que devem ser reforçadas. Pretendemos destacar a relevância i) da aferição/diagnóstico de competências, ii) da motivação para o sucesso na aprendizagem de língua estrangeira e iii) do desenvolvimento do trabalho autónomo. A metodologia do estudo baseia-se na utilização do sistema de avaliação de língua –Dialang – e na aplicação de um questionário. Os dados obtidos pelos alunos a pós aplicação dos testes – leitura, escrita, vocabulário e gramática – foram comparados com as respostas ao questionário que apresentavam a auto percepção dos alunos face ao seu próprio domínio de língua. Embora a amostra fosse demasiado reduzida para ser representativa, a análise quantitativa simples dos resultados permite indicar claramente os pontos fortes e fracos dos participantes relativamente à língua inglesa. O estudo oferece um instrumento válido e fiável para os aconselhar e motivar quanto à forma de melhorar essas competências linguísticas de forma autónoma.

Palavras-chave: ensino língua inglesa; competências linguísticas; diagnóstico; motivação; autonomia de aprendizagem.

Abstract

This pilot study aims to assess the level of linguistic competencies in English of 22 students attending English I for Tourism. This study stems from the increasing heterogeneity of language skills and language levels of our students; it aims to spur students' self-awareness of their *de facto* language level and at the same time tries to guide teachers in relation to the skills/fields of language knowledge that should be covered in class. Finally, the study also aims to involve students in their self-assessment. We wish to make salient i) assessment of skills, ii) motivation as an important means of succeeding in learning a foreign language and iii) learner-centred teaching and learners' autonomy. Our methodology is based on the assessment system Dialang. Data collected from tests' overall results were compared with questionnaires' answers which portrayed students' self-perception in relation to their own language skills and levels. Even though the sample was not large enough to be representative, a simple quantitative analysis of results clearly indicates strengths and weaknesses of these language users; additionally, these results seem to point the way to a reliable and valid instrument to council, guide and motivate students for improving their language skills autonomously.

Keywords: TEFL; language skills; assessment; motivation; learning autonomy.

1. Introdução

O estudo apresentado neste artigo tem como objectivo aferir o nível de domínio linguístico da língua inglesa de vinte e dois alunos que frequentaram a disciplina de Inglês I para Turismo do 1.º ano da Licenciatura em Turismo da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (ESGHT), da Universidade do Algarve (2009-2010). O estudo visa, por um lado, promover a consciencialização, por parte dos alunos, dos seus conhecimentos reais de forma a criar um ponto de partida para uma aprendizagem mais autónoma, autocrítica e motivada e, por outro lado, fornecer ao professor um ponto de referência em relação às áreas que devem ser substancialmente reforçadas e trabalhadas em sala de aula (Alderson, 2005:4). Embora este estudo se apresente como um estudo de caso dos alunos da ESGHT, é importante realçar que a metodologia e resultados aqui apresentados poderão servir como estudo exploratório para a sua replicação noutros contextos semelhantes e na avaliação de outras línguas estrangeiras, dentro do contexto mais alargado dos objectivos do Conselho da Europa, para promover o multilinguismo e o multiculturalismo.

Como ferramenta de diagnóstico do nível das competências linguísticas, seleccionámos o Dialang - sistema de avaliação da língua. Este sistema é um *software* de acesso livre na *Internet* que permite aferir os níveis de compreensão oral, compreensão escrita, expressão escrita, vocabulário e estruturas gramaticais em catorze línguas europeias.¹

De forma a compreender em maior profundidade as competências dos alunos e a sua autopercepção decidimos também aplicar um questionário curto para poder enquadrar melhor cada aluno e comparar os resultados obtidos com o percurso de aprendizagem do inglês dos alunos.

O presente artigo é constituído por cinco partes. Num primeiro momento, faz-se a contextualização do estudo, a identificação do problema e a apresentação dos objectivos. Segue-se a apresentação e descrição do sistema de avaliação

¹ Para mais informações sobre este programa consultar 'About Dialang' <http://www.lancs.ac.uk/researchenterprise/dialang/about>. consultado em 12.12.2010.

Dialang. De seguida, é apresentada a organização do estudo e descrevem-se as opções metodológicas conduzidas pela equipa, bem como a operacionalização do projecto e, num quarto momento, discutem-se os resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as conclusões.

2. Contextualização do estudo

O Conselho da Europa vê a coesão na educação como um factor vital para manter os direitos humanos e as liberdades na Europa. Não está apenas preocupado com a incrementação da diversidade linguística e cultural dos seus Estados-membros mas também com a promoção do multilinguismo e do multiculturalismo entre os seus cidadãos (Sedgwick, 2007: 236). O Conselho apoiou a Declaração de Bolonha, financiou o desenvolvimento do Quadro Europeu Comum de Referência 2001 (QECR) e o desenvolvimento do Portefólio Europeu de Línguas (Council of Europe, s.d.: 2001) através do projecto *Políticas Linguísticas para uma Europa Multilingue e Multicultural*. Através desta acções, o Conselho da Europa pretende desenvolver a abordagem harmoniosa do ensino da língua baseado em princípios comuns, nomeadamente uma abordagem coerente centrada no aluno:

To develop a harmonious approach to language teaching based on common principles by pooling, through international co-operation, member States' experience and expertise in this area. The aim is to promote a coherent learner-centred approach to language teaching, integrating aims, content, learning experiences and assessment. (Council of Europe, s.d).

O nosso estudo situa-se neste contexto mais alargado da prossecução dos fins estabelecidos pelo Conselho da Europa para o ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras e da alteração do paradigma de ensino baseado no professor para o desenvolvimento de estratégias mais centradas no aluno, incluindo estratégias e estilos de aprendizagem individuais.

O ensino da língua inglesa em cursos de ensino de inglês para fins

específicos²tem como objectivo não só a motivação dos alunos para o domínio da língua (Gardner, 1991; 2001) mas, essencialmente, a sua preparação para a utilização eficaz da língua no contexto do mercado de trabalho (Weigle, 2002: 1).

Todavia, a nossa experiência enquanto docentes do ensino superior politécnico mostra-nos que os conhecimentos da língua inglesa dos alunos portugueses que terminam o ensino secundário são, muitas vezes, insuficientes e, por isso, surgem estudantes no ensino superior com um domínio mínimo de inglês. O nível de língua das disciplinas de inglês oferecidas no ensino superior corresponde à expectativa que estes alunos, universitários, representem o resultado de sete ou oito anos de aprendizagem de inglês nos níveis de ensino anteriores e que sejam capazes de revelar competências linguísticas e bases sólidas desta língua. O percurso de aprendizagem de Inglês até ao 11.º ou 12.º corresponderia assim ao nível B2 do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECRL).³

Porém, um dos problemas com que os professores se deparam nas aulas de língua inglesa da ESGHT – e que julgamos não se limita apenas a esta instituição - reside no facto de, numa mesma turma (Inglês I para Turismo) o professor ter de lidar, na maior parte das vezes, com alunos que nunca estudaram inglês ou que estudaram inglês somente entre três a cinco anos em simultâneo com alunos com um nível de proficiência bastante elevado. Esta assimetria gera problemas no funcionamento em sala de aula uma vez que o professor se vê confrontado com alunos com necessidades e processos de aprendizagem muito díspares (Shank e Terrill, 1995). Embora não constituam o nosso objecto de investigação neste estudo, é importante explicitar outras duas variáveis importantes neste processo: o facto de os alunos apresentarem estratégias individuais de aprendizagem muito distintas que, naturalmente, condicionam a evolução dos

² O ensino de línguas para fins específicos (ESP – English for Specific Purposes) pode ser definido, de um modo genérico, como uma abordagem centrada nas necessidades presentes e/ou futuras do estudante (Hutchinson e Waters, 1987: 19).

³ Desenvolvido pelo Conselho Europeu entre 1989 e 1996, o QECRL é um guia utilizado para descrever os objectivos a serem alcançados pelos estudantes de línguas estrangeiras na Europa que é, presentemente, o quadro de referência mais reconhecido no domínio da aprendizagem de línguas.

seus conhecimentos e competências e também os próprios professores oferecerem estratégias de ensino diferenciadas (ver Vermunt e Verloop, 1999).

Ao longo dos anos, os docentes de língua inglesa da ESGHT têm verificado que estes estudantes, quando submetidos ao ensino de inglês para fins específicos, não conseguem lidar com esta aprendizagem, manifestando sérias dificuldades na activação de competências devido à falta de conhecimentos linguísticos sólidos de base (Dudley-Evans e St John, 2006: 5), o que os impede de desenvolver trabalho autónomo. Dickinson (1994) e Dudley-Evans e St. John (2006: 5), mais recentemente, referem aliás que muitas das dificuldades no desenvolvimento do trabalho autónomo na aprendizagem do inglês como língua estrangeira (EFL – English as a Foreign Language) se devem à falta de conhecimentos prévios.

A crescente heterogeneidade face aos conhecimentos e competências dos alunos em inglês torna cada vez mais problemática a gestão do programa e das turmas (Wrigley e Guth, 1992: 57), o que origina, por vezes, a desmotivação dos alunos que não conseguem acompanhar o ritmo da turma devido à sua deficiente aprendizagem anterior ou, no extremo oposto, dos que acabam por ser forçados a repetir conteúdos (Bell, 1991; Shank e Terrill, 1995; Trang e Baldauf, 2007). Por outro lado, também se nota nos alunos desta disciplina alguma incapacidade para aferir as suas reais dificuldades ou necessidades de aprendizagem nas várias competências e, tal como Trang e Baldauf (2007) observaram, nota-se igualmente uma forte resistência ao desenvolvimento de rotinas de auto-aprendizagem, tais como a utilização de dicionários, gramáticas ou mesmo a *Internet*.

Dado que os professores se confrontam cada vez mais com esta disparidade e, também, porque a capacidade para falar e escrever a língua inglesa ao nível intermédio avançado (ver secção 3 abaixo) é uma competência fundamental e indispensável do aluno do ensino superior, resolvemos seguir o conselho de Weigle (2002:1): “Wherever the acquisition of a specific language skill is seen as important, it becomes equally important to test that skill.” Assim, considerou-se da maior relevância i) testar e aferir o nível de conhecimentos da língua inglesa,

nas suas várias componentes, deste grupo de alunos, recorrendo a um instrumento fiável, ii) confrontar esses resultados com a própria auto-avaliação dos alunos e iii) enquadrá-los nos níveis propostos pelo QECRL.

Em suma, pretende-se contribuir para uma actividade docente mais informada, para uma maior motivação dos alunos relativamente à aprendizagem da língua inglês a assim como para uma maior eficácia da sua aprendizagem aspectos fundamentais já tipificados por Warschauer (1996) e Dickinson (1995) respectivamente.

3. O sistema de avaliação da língua - Dialang

O sistema de avaliação Dialang é um *software* para avaliação linguística que permite conhecer e melhorar as competências linguísticas em catorze línguas europeias (alemão, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, grego, holandês, inglês, irlandês, islandês, italiano, norueguês, português e sueco). O projecto foi desenvolvido por vinte e quatro universidades⁴ e instituições europeias, e teve o apoio financeiro da Comissão Europeia de Dezembro de 1996 a Junho de 2004.⁵

Este sistema oferece testes diagnósticos metodologicamente desenvolvidos e validados por especialistas europeus, permite a aferição das diferentes competências linguísticas (compreensão oral, compreensão escrita, expressão escrita, domínio vocabular e estruturas gramaticais) e proporciona o *feedback* imediato dos resultados e aconselhamento de especialistas. Este programa pode ser descarregado gratuitamente da *Internet* e os seus utilizadores têm de estar *online* para poderem utilizar o *software*.

É também importante sublinhar que se trata do primeiro sistema de avaliação linguística que tem como base o QECRL. A estrutura de avaliação do sistema Dialang, assim como as escalas descritivas usadas para reportar os resultados dos

⁴ Em Portugal, por exemplo, estiveram envolvidas neste projecto as Universidades de Coimbra e de Aveiro.

⁵ O projecto Dialang foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia ao abrigo do programa Sócrates – LINGUA 2.

seus utilizadores, fundamentam-se directamente neste quadro de referência que se encontra dividido em seis níveis (A1, A2, B1, B2, C1 e C2; a escala estende-se do A1=utilizador básico ao C2=utilizador proficiente) (Huhta et al., 2002).

Os seis níveis de referência estão estabelecidos para as diferentes competências comunicativas: leitura, escrita, oralidade e compreensão oral. A utilização de níveis comuns de referência contribui para a clareza e uniformidade do Dialang, para a comparação dos processos de ensino e aprendizagem e também para o respectivo reconhecimento dos níveis de competência alcançados. Os materiais de avaliação deste sistema compreendem todos estes níveis e apresentam avaliações independentes para as várias componentes linguísticas.

Os testes diagnósticos realizados com este sistema têm como objectivo compreender os pontos fortes e fracos dos utilizadores relativamente à língua e, simultaneamente, aconselhar quanto à forma de melhorar o seu desempenho linguístico, para que o utilizador se torne mais consciente do seu domínio da língua.

A escolha deste *software* prende-se com o facto de, tanto quanto nos foi possível pesquisar, não termos encontrado nenhum outro sistema com estas características (livre acesso, cinco componentes linguísticas em catorze línguas europeias, diagnóstico imediato e *feedback* alargado baseado nas tarefas efectuadas). De facto, tal como os especialistas na área da avaliação de línguas estrangeiras que descrevem o Dialang como uma “ferramenta de diagnóstico única” (Alderson, 2005: 3; Hughes, 2003:16), consideramos que este *software* proporciona uma excelente base para um diagnóstico eficaz das necessidades individuais do seu utilizador.

3.1 Procedimentos para a utilização do sistema Dialang

O sistema de avaliação Dialang está disponível para *download*. Depois de iniciarem o programa, é pedido aos utilizadores que escolham a língua em que desejam que todas as instruções e *feedback* sejam apresentados e a língua do teste

que pretendem realizar. De seguida, seleccionam o teste a que desejam responder, escolhendo uma das cinco alternativas possíveis: leitura, escrita, audição, vocabulário e gramática.

O Dialang funciona com testes de nível adaptado, ou seja, com base nas respostas da auto-avaliação, o sistema escolhe um teste com o nível de dificuldade adequado ao utilizador a partir de três escolhas possíveis: elementar, independente ou proficiente. São utilizados dois procedimentos que possibilitam a definição do nível do aluno: em primeiro lugar, um pré-teste baseado no conhecimento do vocabulário e, seguidamente, um conjunto de perguntas através das quais o utilizador faz uma auto-avaliação dos seus conhecimentos de inglês. Inicialmente, os utilizadores do Dialang têm de reconhecer, de entre uma lista de palavras, os verbos que existem na língua inglesa e os que não existem (por exemplo “to fear” ou “to fabulation”⁶). Este teste é utilizado para determinar a variedade vocabular do utilizador. No segundo passo é apresentado ao utilizador uma escala com seis níveis de capacidade e, de seguida, um conjunto de afirmações iniciadas por “I can” (por exemplo: “I can write simple isolated phrases and sentences” ou “I can give clear detailed descriptions of complex subjects”⁷) que solicitam uma resposta de sim/não, através das quais o próprio utilizador avalia as suas competências linguísticas na língua seleccionada. As respostas dadas permitem, então, seleccionar o nível de dificuldade adequado ao nível do utilizador e a partir do qual o teste se inicia. Cada teste é composto por um total de trinta itens (por exemplo, escolha-múltipla, preenchimento de espaços, respostas curtas).

No final de cada um dos testes, e após completar o total do conjunto de tarefas, o sistema fornece o *feedback* ao utilizador, apresentando os resultados que, como já foi referido, se baseiam na escala de seis níveis do QECRL e dá a oportunidade aos seus utilizadores de compararem as respostas dadas com as respostas correctas do teste a que responderam. No final desta secção, o utilizador pode escolher realizar o teste numa outra componente linguística na

⁶ Fase II – Teste diagnóstico

⁷ Fase III – Auto-avaliação

mesma língua ou não continuar. Como limitação, o programa não permite nenhuma impressão ou gravação dos testes durante a sua execução, nem dos resultados e do *feedback*.

4. Método

No que diz respeito ao método seguido, foi já referido que estes testes diagnósticos foram realizados por um total de vinte e dois alunos, o que representa cerca de 50% dos alunos inscritos numa turma (o número médio de alunos inscritos é de quarenta e cinco) e quase 100% dos que frequentam as aulas numa base regular. A aplicação dos testes diagnósticos teve lugar no início do segundo semestre de 2010.

Tabela 1: Fases e duração das sessões

Fases das sessões	Duração aproximada em minutos
1. Aplicação do questionário	00:05
2. Leitura das instruções para a realização do teste	00:05
3. Pré-teste	00:10
4. Teste de Leitura - <i>feedback</i> e registo dos resultados	00:45
5. <i>Pausa</i>	00:10
6. Teste de Escrita - <i>feedback</i> e registo dos resultados	00:45
7. <i>Pausa</i>	00:10
8. Teste de Vocabulário - <i>feedback</i> e registo dos resultados	00:20
9. Teste de Estruturas gramaticais - <i>feedback</i> e registo dos resultados	00:20
Duração total	02:50⁸

A estes alunos foi pedido, no primeiro momento, que preenchessem um questionário com informação sobre o seu percurso na aprendizagem da língua inglesa de forma a procedermos à caracterização da população. Neste

⁸De notar que a longa duração das sessões se deve à forma como os testes Dialang estão estruturados. Uma forma de evitar o cansaço dos participantes será dividir a realização dos testes em diversas sessões de menor duração.

questionário pedimos também aos alunos que fizessem uma auto-avaliação dos seus conhecimentos nas competências e componentes que seriam depois avaliadas pelo Dialang. No segundo momento, e após serem dadas informações sobre o programa Dialang e instruções para a realização dos vários testes, estes alunos responderam ao pré-teste e, de seguida, aos testes de leitura, escrita, estruturas gramaticais e domínio vocabular. Nesta fase foi também fornecido um documento escrito com a listagem de todos os procedimentos a seguir na realização dos vários testes. O terceiro momento consistiu no registo escrito dos resultados dos testes num documento concebido especificamente para esse efeito. Os documentos foram todos elaborados em inglês. Cada um dos quatro momentos acima referidos foi organizado da forma apresentada na Tabela 1.

5. Caracterização da amostra

A partir do questionário inicial preenchido pelos alunos, a nosso pedido, com o objectivo de obtermos informação sobre o seu percurso na aprendizagem da língua inglesa, conseguimos fazer a caracterização da amostra.

Tabela 2. Anos de aprendizagem de Inglês

Anos de Inglês	Nº de alunos	%
1 a 2 anos	1	4,5
3 a 4 anos	2	9,1
5 anos	2	9,1
6 a 7 anos	8	36,4
8 a 9 anos	6	27,3
> 10 anos	3	13,6
Total	22	100,0

Dos vinte e dois alunos inquiridos, vinte são de nacionalidade portuguesa, um de nacionalidade brasileira e um de nacionalidade timorense. Destes alunos, dezasseis são do Algarve, cinco vêm do resto do país e um é de Timor (mas encontra-se a frequentar o curso em Portugal). Todos estes estudantes estudam ou estudaram outras línguas, principalmente francês e alemão mas também italiano e espanhol. Dos vinte e dois alunos, dezasseis têm menos de 20 anos e cinco têm entre 21 e 33 anos.

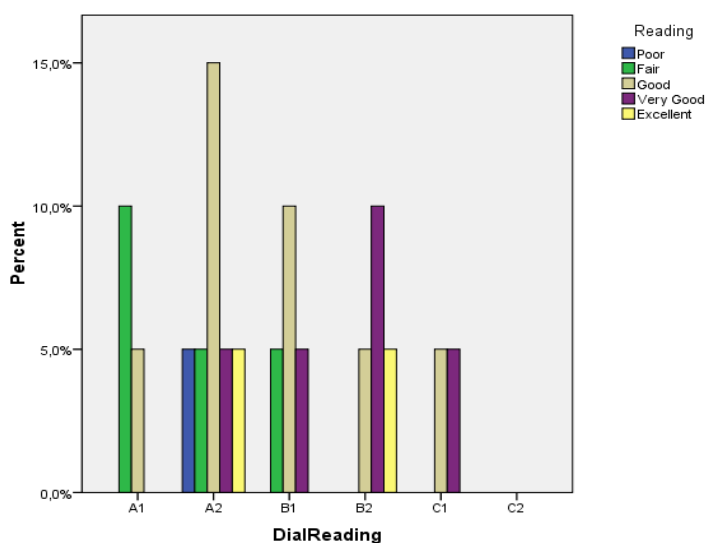
Podemos também verificar na Tabela 2 a grande dispersão do número de anos em que estes alunos estudaram inglês, por exemplo, temos um aluno que só estudou inglês durante um a dois anos e nove alunos que estudaram mais de oito anos.

6. Resultados

Como referido anteriormente, ao preencherem o nosso questionário inicial, todos os alunos tiveram que indicar o nível (*poor; fair; good; very good; excellent*) que consideravam corresponder aos seus conhecimentos (nas quatro componentes: leitura, escrita, gramática e vocabulário) antes de iniciarem os testes do Dialang.

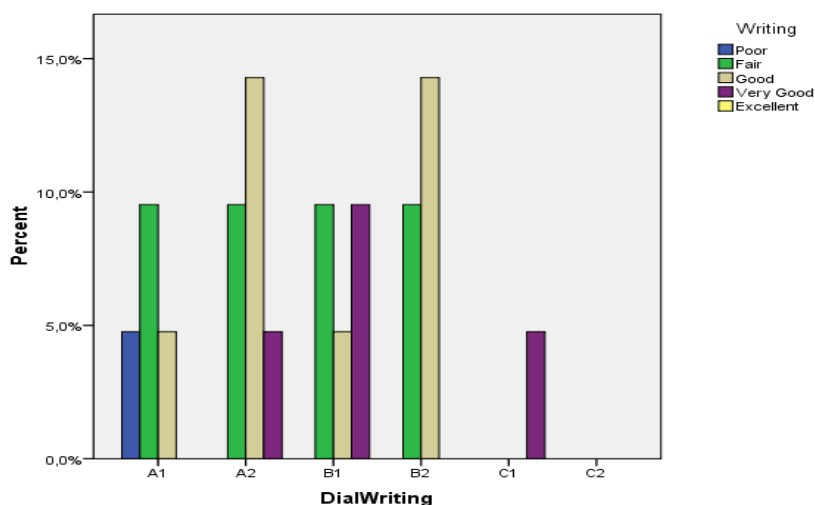
O gráfico 1 apresenta o cruzamento entre a auto-avaliação que os alunos fizeram das suas capacidades de leitura e o resultado do teste de leitura do Dialang. Podemos verificar que 40% dos alunos que consideraram as suas capacidades de leitura boas, muito boas e excelentes (*good, very good, excellent*) foram posicionados no nível A1 e A2, ou seja, no nível elementar. Este grande desfasamento entre o que os estudantes consideram dominar e o que na realidade dominam é consistente em vários dos testes realizados, como veremos ao longo deste artigo.

Gráfico 1: Leitura: Auto-avaliação vs Dialang



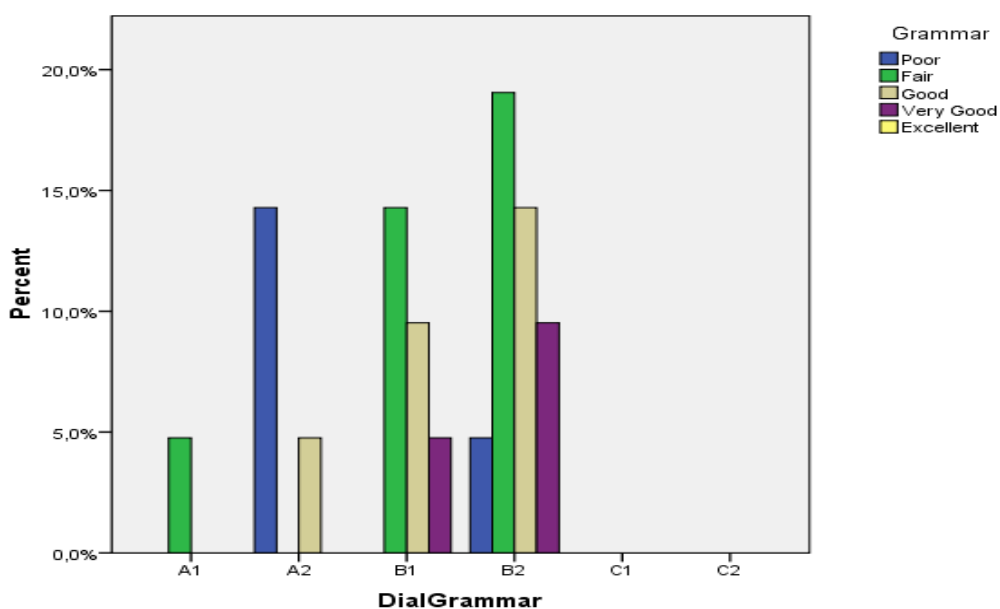
No que diz respeito à expressão escrita, continuamos a verificar alguma inconsistência no que os alunos julgam ser as suas capacidades (e o que na verdade são). Os dados mais relevantes observados são a percentagem de estudantes que afirma ter um conhecimento bom – 15% (*good*) ou mesmo muito bom – 5% (*very good*) e são posicionados pelo Dialang no nível A2.

Gráfico 2: Escrita: Auto-avaliação vs Dialang



Relativamente ao conhecimento das estruturas gramaticais, no gráfico 3 podemos verificar que há uma maior correspondência entre aquilo que o aluno julga saber e aquilo que sabe na verdade. Se somarmos os alunos que dizem ser bons e muito bons na gramática (*good, very good*), verificamos que uma grande maioria se posiciona no nível B1 e B2 e destes temos também cerca de 35% dos alunos que fazem uma avaliação muito conservadora do que sabem, ou seja, avaliam os seus conhecimentos de gramática como suficientes (*fair*) e são posicionados no nível B1 e principalmente B2.

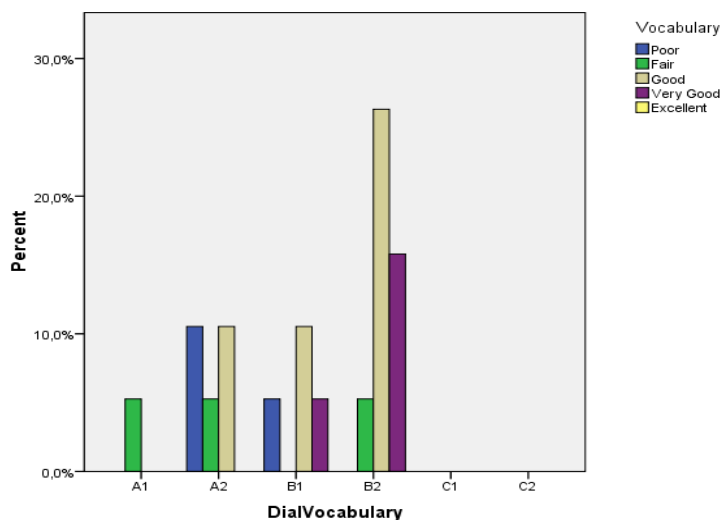
Gráfico 3: Gramática: Auto-avaliação vs Dialang



No que diz respeito aos resultados para o vocabulário, no gráfico 4 podemos também verificar que há uma maior correspondência entre a auto-avaliação do aluno e os resultados do teste de vocabulário do Dialang. Os alunos que dizem ser bons (*good*) (35%) e muito bons (*very good*) (20%) no domínio vocabular são maioritariamente posicionados no nível B1 e B2.

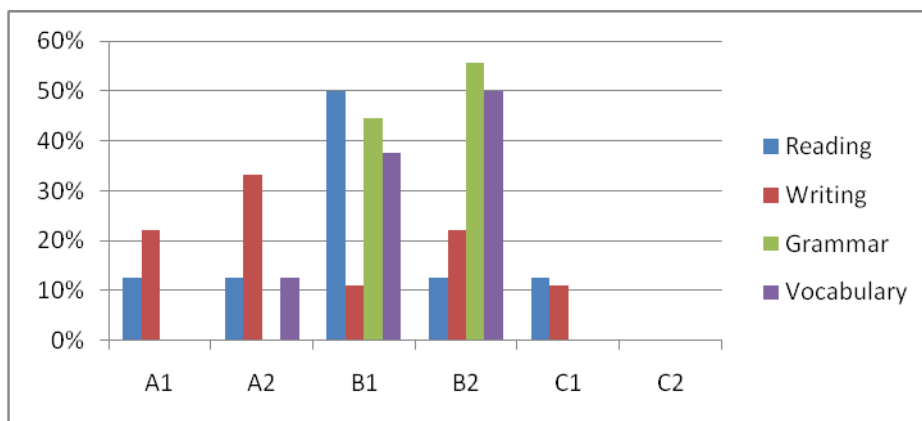
Procurámos também comparar o número de anos de aprendizagem de inglês dos alunos com o nível geral obtido nos quatro testes Dialang aplicados (*reading, writing, grammar, vocabulary*).

Gráfico 4: Vocabulário: Auto-avaliação vs Dialang



Quando fizemos o cruzamento dos nove alunos com oito ou mais anos de inglês (ver Tabela 2, acima) com as quatro componentes avaliadas pelo Dialang, verificámos que as competências da leitura (*reading*) e da escrita (*writing*) estão muito abaixo do que se esperaria para oito ou mais anos de aprendizagem uma vez que muitos destes alunos aparecem posicionados nos níveis A1-A2 e também B1.

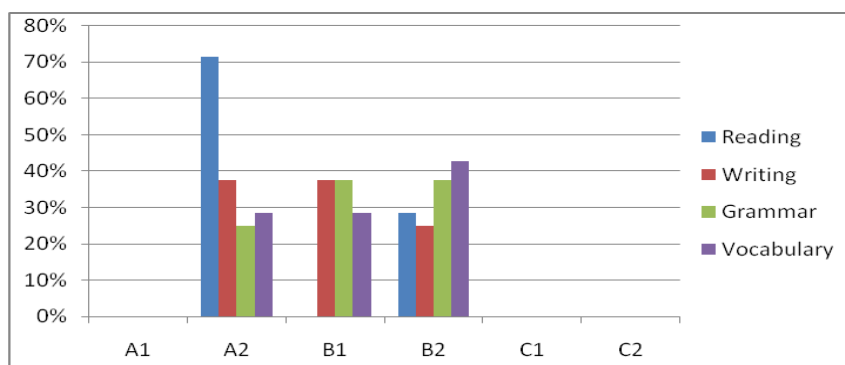
Gráfico 5: Alunos com oito ou mais anos de aprendizagem



Também se verifica que os resultados dos testes de gramática e vocabulário estão maioritariamente ao nível do B1 e B2 e que não se avaliam alunos com resultados ao nível do C1 e C2.

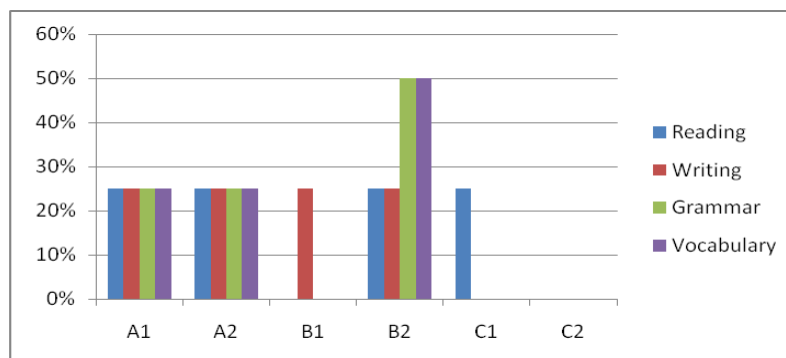
No gráfico 6 podemos verificar que os estudantes que estudaram inglês durante seis ou sete anos (total de oito alunos da amostra) ou seja, até ao 11.º ano do ensino secundário, são maioritariamente incluídos no nível A2, principalmente no que diz respeito à competência de leitura (*reading*). Paradoxalmente, estes alunos com seis - sete anos de aprendizagem parecem ter globalmente melhores resultados do que os que têm oito ou mais anos de aprendizagem, uma vez que não há inquiridos com nível A1.

Gráfico 6: Alunos com seis a sete anos de aprendizagem



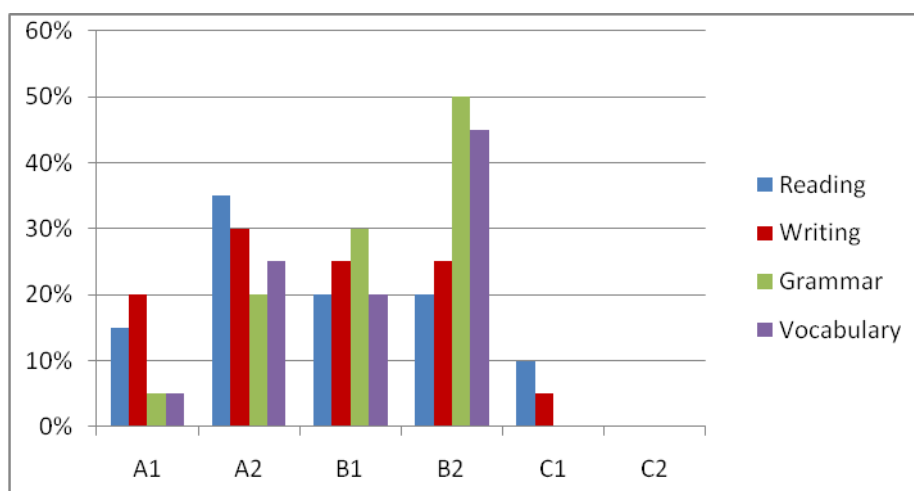
Surpreendentemente, no gráfico 7, temos alunos que dizem ter três a cinco anos de aprendizagem de inglês e que se distribuem pelos cinco níveis de conhecimento.

Gráfico 7: Alunos com três a cinco anos de aprendizagem



O gráfico 8 (abaixo) apresenta a síntese da situação na sala de aula da disciplina de Inglês I para Turismo da ESGHT, ou seja, vinte e dois alunos de uma mesma turma apresentam-se com esta dispersão de nível de conhecimento nas quatro componentes, quando esperaríamos eventualmente ter apenas um ou dois alunos nas pontas e a larga maioria (cerca de 85 – 90%) nos níveis B1 – B2. Como balanço dos resultados apresentados, verificamos que a turma de Inglês I para Turismo possui alunos de cinco níveis diferentes, desde o nível A1 ao C1. Podemos também adiantar que para a leitura e escrita temos dez alunos posicionados no A1-A2, ou seja, cerca de 50% dos alunos que frequentam a disciplina numa base regular. Na gramática e no vocabulário temos cerca de 25% dos alunos nestes níveis elementares. Posicionados no nível esperado para 1.º ano do curso de Turismo temos 40% (9) na Leitura (B1-B2), 50% (11) na Escrita, (B1-B2), 80% (17) na Gramática (B1-B2) e 65% (14) no Vocabulário (B1-B2). Para terminar, verificamos que os resultados apresentados no gráfico-síntese provam claramente que o professor tem uma tarefa muito complexa ao ter de gerir um conjunto de alunos com níveis tão díspares, e comprovam também que os alunos têm a sua aprendizagem de língua muito dificultada.

Gráfico 8: Síntese: Nível global de aprendizagem



7. Limitações do estudo-piloto

No decorrer do nosso estudo, deparámo-nos com algumas limitações, nomeadamente o facto de não se encontrarem quaisquer outros estudos com populações internacionais ou com a população portuguesa nos quais o sistema Dialang tenha sido aplicado. Como também não foram encontrados estudos nos quais se investigasse a aferição do nível de inglês de grupos de alunos portugueses, não foi possível proceder-se a uma análise comparada ou contrastiva na população universitária portuguesa.

Não obstante o tamanho reduzido da amostra, consideramos que este estudo nos permite tirar alguns resultados preliminares que devem ser comprovados em estudos futuros.

Uma limitação adicional foi a não realização do teste de compreensão oral por razões técnicas, uma vez que necessitaríamos de equipamento áudio para cada computador respectivamente e laboratório de línguas equipado com auscultadores individuais.

8. Conclusões

Partimos do pressuposto que, conforme enuncia Weigle (2002: 1), há uma necessidade cada vez maior de encontrar formas válidas e fiáveis para testar os conhecimentos de língua. Estamos conscientes da importância das duas vertentes promovidas pelo Conselho da Europa aqui apresentadas: por um lado, a promoção do ensino centrado no aluno e, por outro, a importância vital do multilinguismo no contexto Europeu (e também global). Este estudo teve como objectivo aferir o nível de inglês de vinte e dois alunos que frequentaram o 1.º ano da Licenciatura em Turismo da ESGHT (2009/2010) e, para tal, foi utilizado o *software* de avaliação Dialang. O presente estudo assume uma natureza de estudo exploratório no qual procurávamos testar várias componentes: a aplicação

da ferramenta Dialang na população da ESGHT; a exequibilidade num conjunto grande de alunos; a utilidade da ferramenta na aferição dos conhecimentos dos alunos; a utilidade da ferramenta para fornecer informação fiável e válida sobre os conhecimentos de língua inglesa dos nossos alunos.

Como conclusões, podemos afirmar que o Dialang foi considerado uma ferramenta útil, fácil de utilizar para aferir, com rigor, a capacidade linguística destes alunos. Verificámos e comprovámos que numa mesma turma/sala de aula nos deparamos com alunos com os mais diversos níveis de conhecimentos de inglês. Este facto fundamenta o carácter de urgência de uma avaliação diagnóstica dos alunos desde cedo no ano lectivo e também comprova a necessidade do professor de língua compreender os diferentes estilos de aprendizagem individuais (Vermunt e Verloop, 1999), que poderão também ser responsáveis pela dispersão encontrada.

No que diz respeito aos alunos, o estudo contribuiu para a autopercepção das suas próprias dificuldades e do nível em que se encontram, para tomarem consciência face à sua própria aprendizagem e domínio da língua e para uma maior motivação e eficácia relativamente à aprendizagem da língua inglesa.

Do ponto de vista do professor, contribuiu para uma actividade docente mais informada e sustentada uma vez que nos permitiu ter uma maior percepção do nível dos nossos alunos e, conseqüentemente, pensarmos em definir estratégias para ultrapassar as dificuldades com que somos confrontados. Por outro lado, esperamos que a aplicação desta ferramenta e a avaliação cuidadosa dos seus resultados conduza a uma reavaliação das estratégias usadas em sala de aula.

O nosso próximo passo será aplicar este estudo a todos os alunos do 1.º ano do curso de Turismo e confirmar ou infirmar os resultados agora apresentados, bem como aferir a metodologia e os instrumentos utilizados. Por fim, estamos conscientes que há um imenso trabalho a desenvolver na área da conceptualização da aprendizagem do estudante, uma vez que estudos recentes apontam para a investigação das inter-relações entre as componentes cognitiva, reguladora e motivacional (Vermunt e Vermetten, 2004).

Referências

- Alderson, J. (2005). *Diagnosing foreign language proficiency. The interface between learning and assessment*. New York: Continuum.
- Bell, J. (1991). *Teaching multilevel classes in ESL*. San Diego, CA: Dominic Press.
- Council of Europe.(2001). *Common European framework of reference for languages: learning, teaching, assessment*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Council of Europe. (n.d.).*European language policy*.
<http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/default_EN.asp>consultado em 3.01.2011.
- Dialang, <<http://www.lancs.ac.uk/researchenterprise/dialang/about;atualizado>> consultado em 10.11.2010.
- Dickinson, L. (1994). Learner autonomy: what, why and how? In V. J. Leffa (Ed.), *Autonomy in Language Learning* (pp. 2-12). Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Dickinson, L.(1995). Autonomy and motivation: a literature review. *System*, 23/2, 165 - 174.
- Gardner, R.C. (1991). Attitudes and motivation in second language learning. In Allan. G. Reynolds (Ed.), *Bilingualism, Multiculturalism, and Second Language Learning* (pp. 43-63). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gardner, R.C. (2001). Language Learning Motivation: The Student, the Teacher and the Researcher. *Texas Papers in Foreign Language Education*, 6, 1-18.
- Hughes, A. (2003). *Testing For Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huhta, A., Luoma, S., Oscarson, M., Sajavaara, K., Takala, S. e Teasdale, A. (2002). DIALANG - A Diagnostic Language Assessment System for Learners. In J.C. Alderson (ed.), *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment - Case Studies* (pp.130-146). Strasbourg: Council of Europe.
- Sedgwick, C. (2007). Survey to investigate expectations of achievement in written English on English Language Degree Programmes in Europe.*Language Assessment Quarterly*, 4 (3): 235-256.
- Shank, C., & Terrill, L. (1995). *Teaching multilevel adult ESL classes*. ERIC Digest. Washington, DC: National Clearinghouse for ESL Literacy Education.
- Trang, T. T. R., & Baldauf, R. B. (2007). Demotivation: Understanding resistance to English languagelearning: The case of Vietnamese students. *The Journal of Asia TEFL*, 4, 1, 79–105.
- Vermunt, J. D. e Verloop, N. (1999). Congruence and friction between learning and Teaching. *Learning and Instruction*, 9: 257-280.
- Vermunt, J. D. e Vermetten, Y. J. (2004). Patterns in Student Learning: Relationships Between Learning Strategies, Conceptions of Learning, and Learning Orientations. *Educational Psychology Review*, 16, 4: 359-384.
- Warschauer, M. (1996).Motivationalaspectsofusingcomputersforwritingandcommunication.In M. Warschauer (Ed.), *Telecollaboration in Foreign Language Learning* (pp. 29-48). Honolulu: University of Hawaii Press.
- Weigle, Sara Cushing. (2002). *Assessing Writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wrigley, H.S. & Guth, G.J.A. (1992).*Bringing literacy to life: Issues and options in adult ESL literacy*.San Mateo, CA: Aguirre International.

ANA PAULA CORREIA é equiparada a Professora adjunta da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve onde lecciona desde 1997. Tem ministrado diversas disciplinas na área das Línguas, nomeadamente Inglês para Turismo, Inglês para Gestão, Inglês para Gestão Hoteleira e Inglês para Assessoria de Administração. É, desde 2006, membro da Comissão de Avaliação das Provas de Avaliação e Capacidade para a Frequência do Ensino Superior para Maiores de 23 anos (candidatos às Licenciaturas em Turismo e Informação e Animação Turística). Em 2009 foi convidada para integrar o conselho editorial da revista *Dos Algarves*, sendo, actualmente, revisora desta publicação. Tem um mestrado em Estudos Anglisticos pela Universidade Clássica de Lisboa. Actualmente, está a fazer doutoramento na área dos Estudos Ingleses na Universidade Aberta.

FILIPA PERDIGÃO RIBEIRO é professora adjunta da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve onde lecciona desde 1993. Tem ministrado diversas disciplinas na área das Línguas, nomeadamente Inglês para Turismo e Inglês para Gestão. Foi uma das fundadoras do CLIMT – Centro de Línguas Modernas e Tradução da ESGHT – e dirigiu este Centro durante vários anos. Frequentou o módulo de *Language Assessment* com o professor Charles Alderson na Lancaster University, U.K. Foi também nesta instituição que obteve o grau de doutor na área de Linguística Aplicada.

Submetido: Novembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011

In Eroticization of the religious in the poetry of Florbela Espanca

Maria da Conceição Lopes Gordon
Instituto Superior de Línguas e Administração – Lisboa
Maria.Gordon@lx.isla.pt

Resumo

Deus e religião em Florbela Espanca: um discurso de ambivalência e de (in)devida apropriação. Florbela Espanca nasceu em 1894 e morreu em 1930, um período agitado na História de Portugal que abarcou o declínio da Monarquia, a implementação da Primeira República e a emergência do que viria a ser o regime salazarista. Em paralelo, houve também várias oscilações na relação entre o Estado e a Igreja. Este artigo começa por apresentar indícios da conexão da autora com, por um lado, o seu tempo em termos históricos e religiosos e, por outro, a sua faceta pagã. Procedemos então para uma análise de alguns dos poemas das suas três últimas coleções – *Livro de Soror Saudade*, *Charneca em Flor* and *Reliquiæ* –, realçando sobretudo a presença de aspectos religiosos associados a metáforas de sexualidade, e substituindo assim a associação clássica entre a religião e o saudosismo na sua poesia.

Palavras-chave: Florbela Espanca; Primeira República; paganismo; sexualidade; religião.

Abstract

God and religion in Florbela Espanca: a discourse of ambivalence and (mis)appropriation. Florbela Espanca was born in 1894 and died in 1930, a tumultuous period in Portuguese history that encompassed the decline of the Monarchy, the implementation of the First Republic and the emergence of what was to become the Salazarist regime. In parallel, there were many fluctuations in the relationship between Church and State. This paper begins by, on the one hand, addressing the connection between the author and her time in terms of history and religion, while considering her pagan facet on the other hand. What follows is an analysis of some of the poems of her last three collection – *Livro de Soror Saudade*, *Charneca em Flor* and *Reliquiæ* –, seeking to emphasize religious aspects linked to sexuality metaphors and, thus, to offer a fresher perspective in opposition to the classic association between religion and *saudosismo* in her poetry.

Keywords: Florbela Espanca; First Republic; paganism; sexuality; religion.

1. Introduction

Florbela Espanca lived through a turbulent political period in Portuguese history, the First Republic (1910-1926). Amongst other things, the regime was controversial in terms of its approach to the Church. The present study begins by addressing this issue, which is followed by a discussion of the pagan facet of Florbela's lyrical voice in opposition to the religious. The final and the lengthiest section concerns the discussion of the intertwinement of sexual and religious imagery in three of the poet's collections: *Livro de Soror Saudade*, *Charneca em Flor* and *Reliquiæ*. These are the last three published poetry works of the author which, I would suggest, convey a more mature image of the relationship between the sexual woman and the religious aspects of her time.

2. The First Republic

In accordance with its anticlerical attitude, the First Republic adopted strict measures in relation to the strong influence of the institution of the Church. In the opinion of Paul Christopher Manuel, this was one of the most successful enterprises of the administration, an affirmation that could be disputed (2002: 78). To the effect of capping the Church's control over the population, the Prime Minister at the time, Afonso Costa, instituted the well-known *Lei da Separação* (1911), whereby Church and State were made completely separate entities and the former was stripped of most of its power. Luís Aguiar Santos rationalizes this law in the following way: “uma tentativa de controlo administrativo de todas as actividades eclesiásticas, com a manutenção do mecanismo regalista do beneplácito” (2002: 17). While this position had a practical intent, namely to free the people from what the State considered to be a blind devotion to the Catholic Church and to allow them to have choices hitherto unimaginable – the act of divorce, for example –, it was, first and foremost, fuelled by the anticlerical Portuguese Freemasonry. The radicalism implied in shifting from the clergy as

the dominant force in the nation's psyche – something that worked remarkably well at a parish level, as Eça's *O Crime do Padre Amaro* (first published in its definitive version in 1880) mordantly demonstrates – to eradicating this in favour of a depersonalized political figure and centralized government was far from straightforward. Vitor Neto argues that:

Daí as razões de um combate infindável entre posições, que pareciam irreduzíveis, numa época em que a questão do combate contra o clero assumia grande relevância e ocupava o espaço mental das elites republicanas e de largos sectores das camadas populares. (2004: 27-8)

Neto's statement may be overambitious in declaring the support of a large part of the Portuguese population. Traditionally, Portugal had – and it could be argued that nowadays it is still the case – a divide between the macrocephalic capital, Lisbon, and the rest of the country, and between coastal and rural areas. This separation also reflected the position of the Church, which was stronger outside of Lisbon, and particularly inland, where progress usually arrived at a distinctively slow pace. Therefore, it is difficult to imagine “largos sectores das camadas populares”, little accustomed to change, to have readily accepted such a drastic overturning. In this context, Paul Christopher Manuel argues: “although there were cases of popular anticlericalism in Portugal, it should be noted that the anticlericalism under the First Portuguese Republic was found primarily among the political elite” (2002: 76). Furthermore, as the regime became more unsteady and the elites began to feel the instability and to express fear towards the current situation, their position also changed. It is Santos who stresses the crucial point that the Church, contrary to what the First Republic anticipated at first, was a force with which to be reckoned and that, this being the case:

Muitas pessoas nas elites secularizadas, convencidas já da dificuldade de desmantelar a Igreja e reduzir repentinamente a influência clerical, mostrar-se-iam até seduzidas pelo seu aparato dogmático, institucional e hierárquico, capaz de fornecer à sociedade uma superestrutura de valores e, a partir destes, uma uniformidade cultural muitas vezes contraposta, em termos de paradigma, à “desordem”. (2002: 18)

The alleged stability provided by the institution of the Church was one of many factors that, eventually, led to the demise of the First Republic and to the ascension of the Second Republic (1926) and the *Estado Novo* (1933), both with António de Oliveira Salazar as the prominent figure and both fundamentally pro-Church at their core.

3. Paganism

The historical outline provided above is not without relevance to Florbela Espanca as an author who lived through a time of socio-political change in Portugal and to the poetic subject in her poetry who, despite questioning the existence of one superior entity, frequently addresses a Catholic God in her quest. In “Florbela Espanca e a subversão de alguns topoi”, Isabel Allegro de Magalhães highlights:

Na poesia florbeliana existem frequentes marcas reveladoras da sua inserção num país de cultura católica. No entanto, vêmo-la escapar-lhes, procurando libertar-se de quaisquer amarras, religiosas e outras, que restrinjam a sua liberdade. Não é, contudo, sem hesitação que esses escapes se fazem, pois várias vezes a ouvimos falar de culpa, de blasfémia ou da sua situação de “perdida”. (1997: 224)¹

Furthermore, Magalhães’s deliberation that the lyrical voice oscillates between the pagan who adores nature and the religious who searches for God – while pursuing Self and Other –, at times appropriating the God-like image to describe herself or the lover, makes a valid point. In relation to the overwhelming pantheism conveyed in some of the author’s sonnets and to “the sense of nature as a manifestation of the law”, Northrop Frye is illuminating: “Local deities of rivers, trees, mountains, along with the sun and the moon, are among the most primitive of divinities” (1991: 59). All of these mark their presence in Florbela’s

¹ Indeed, Florbela has two sonnets titled “Minha Culpa” (*Charneca em Flor*, p. 343) and “Blasfémia” (*Reliquiae*, p. 369), and several of her poems allude to her status as *perdida*, one of which being “Fanatismo” (*Livro de Soror Saudade*, p. 262).

lyric and are employed by the poet to reveal a state of being.² Frye also underlines that, etymologically, a pagan is a peasant (*paganus*), and a wanderer (1991: 60). Florbela's poetry offers several examples of the *Judeu Errante* who does not know where he has come from and, least so, where he is headed. In *Livro de Soror Saudade*, the sonnet "Hora Que Passa" presents the "Judeu Errante que a ninguém faz dó!" (p. 292), whereas in *Charneca em Flor* the poetic subject affirms that it was exactly the "Mocidade" "que fez de [si] Judeu Errante" (p. 321). She borrows the image of the deserted wanderer with no homeland to portray her own feeling of abandonment and subsequent solitude. This yields to intense solipsism.

4. Sexual and religious imagery

The last aspect to be considered before proceeding to an analysis of poems with specific semantics is the eroticization of the religious. According to Angélica Soares, even if obliquely so, Florbela's poetry has a social dimension when blending the two concepts:

A recuperação poética do carácter religioso do erotismo conduz a uma superação do estreitamento das religiões ocidentais, que sempre se empenharam em separar o sagrado do profano, situando neste último as manifestações do corpo e reunindo-se às noções de impureza e de mácula. E note-se ainda que o moralismo das instituições religiosas, ligado a estratégias de dominação masculina, acabaram por interditar, mais fortemente, à mulher, a vivência do desejo. (1997: 133)

² There are numerous exemplary poems throughout the three collections of the present study, most of which in *Charneca em Flor*. Examples of such are "Charneca em Flor" (p. 299), "Espera" (p. 326), "Volúpia" (p. 328), "Sou Eu!" (p. 339) and "Panteísmo" (p. 340). Florbela, the author, also provides evidence of the belief in a pagan nature in her letters and diary. Pantheistic symbols abound in her poetry, a quality that she reiterates in her diary, in the entry dated 21 January 1930: "Não esgotei ainda, graças aos deuses, o arrepio de prazer, o estremecimento de entusiasmo, este *élan* quase divino, para tudo o que é belo, grande e puro: flor a abrir ou tinta de crepúsculo, raminho de árvore, ou gota de chuva, cores, linhas, perfumes, asas, todas as belas coisas que me consolam de resto. Serei eu apenas uma panteísta?" (2002: 258).

While not contending with the argument that the junction of the two prerogatives may be interpreted as a subversion of patriarchal dominance, it could nonetheless be suggested that this is a response to a personal, rather than social, need. As for the poetic subject, Magalhães observes the following: “[Ela está] a viver a sensualidade como elemento constitutivo da sua religiosidade” (1997: 225). Even when denying the existence of religion, she is still affirming it, as illustrated in the line: “E eu, que não creio em nada, sou mais crente” (“Anoitecer”, p. 275), in *Livro de Soror Saudade*.

4.1 *Livro de Soror Saudade*

Florbela was born during the monarchic regime, lived through the First Republic and, in the last few years of her life, experienced the initial period of the rule of Oliveira Salazar, the chief-to-be of the *Estado Novo*. Coming from the inland region of Alentejo and not being part of the elites, one would suspect her not to be entirely persuaded by the anticlerical rule that characterized the First Republic. Moreover, she was actively writing when the later phase of the First Republic was instituted and when the Second Republic commenced, the two representing a gradual shift towards clericalism.³ The author was, therefore, familiar with Catholic rituals. Despite the “beijos estáticos, pagãos” (“Exaltação”, p. 295), which will afterwards symbolize the awakening of an active predatory female sexuality, her poetry provides evidence of this acquaintance. In the poem

³ As Neto explains: “Durante a vigência da 1ª República existiram duas fases bastante diferenciadas: a primeira, entre 1910 e 1917, caracterizada pela ausência de relações políticas e diplomáticas com a Santa Sé e por uma verdadeira ‘guerra religiosa’ no conjunto do país; a segunda inaugurada pelo Sidonismo, após o reatamento das relações diplomáticas entre Portugal e o Vaticano” (2004: 17). In respect to Florbela, she writes in her diary, in an entry dated 3 August 1930: “Eu não sou católica, como não sou protestante nem budista, maometana ou teosofista. Não sou nada.” (2002: 274). Nonetheless, in another entry, dated 11 January 1930 and presented in a more recent version of her diary, she acknowledges her belief in God: “Deus malicioso e frívolo que tão lindos mantos teces sobre os ombros das mulheres que vivem. Para mim és um fantoche, ora amável ora rabugento, de que conheço todos os fios, de quem eu sei de cor todas as contorções” (1986: IV, 123). Furthermore, there are abundant references to God in her diary. For example, “Deus do Céu” (2002: 270), “Pelo amor de Deus” (2002: 274), “meu Deus” (2002: 276), “graças a Deus” (2002: 278) and “Deus lho pagará” (2002: 296).

“Sol Poente”, for instance, she makes reference to the rite of mass at the end of the day: “Tardinha... <<Avé-Maria, Mãe de Deus...>> | E reza a voz dos sinos e das noras...”. This is the time of the “cabeças mart’rizadas | [que] ficam pensativas... meditando...”, that moment of the day when, just as the evening is about to settle in, the pain of the poetic voice is most exacerbated (p. 294). Hence, it is associated with religious imagery appropriated by the subject in order to convey a concordant state of being. Considering the designation of *Soror Saudade*, Maria Lúcia Dal Farra highlights that:

Assumindo com convicção essa máscara poética propícia e convincente, ao mesmo tempo que com o título veste o hábito e se recolhe à sua cela, Florbela tem oportunidade de *vasculhar*, para conhecer, o que de recolhimento, de unção, de “hóstia comungada”, de humilhação e de renúncia o percurso amoroso encerra. A partir de então, o amor se revela via de martírio e de calvário, e a desistência do mundo, sondada agora no signo “convento”, encontra justificativa no uso poético anterior e posteriormente incisivo da sua “precoce velhice”. (1995: 45. Author’s italics.)

Conversely, it could be suggested that she employs religious symbolism to express negative feelings as a reaction to the oppression received from society and, intrinsically, the institutional Church itself, as a long-standing representative of the symbolic realm. Therefore, she reacts instinctively against what she perceives as an aggressive exertion of power. In “Ódio?”, her “olhar de monja, trágico, gelado” is “como um soturno e enorme Campo Santo” (p. 285). As the lover has departed and she undergoes a period of mourning in isolation, common icons of religiosity acquire a darker connotation. In “Cinzento”, there are:

Monges soturnos deslizando lentos,
Devagarinho, em mist’riosos passos...
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...
Ergue-se a minha cruz dos desalentos! (p. 279)

This is the cross of disillusionment, of an inevitable march to death, as she feels crucified by emotional scarring. In fact, with its strong image of intangibility conferred by terms such as *poeiras*, *fumo leve* and *névoa*, the poem may also be alluding to the weak foundations of both individual and religious feeling. The religious appropriation of the cross, itself a visual representation of the referential

horizontal and vertical axes, is recurrent in Florbela's poetry. Although broadly correlated with pain, it serves different purposes.⁴ In "Renúncia", her youthfulness "passa dias, noites, sempre presa, | Olhos fechados, magras mãos em cruz...", a sacrificial scenario that is not sufficient for the lyrical subject to express her extreme condition of suffering. Hence, she addresses herself imperatively: "Prende os teu braços a uma cruz maior!". As time slowly elapses, she prays for a hastier death, the cure for the future of anguish she foresees. Yet:

Lá fora, a Noite, Satanás, seduz!
 Desdobra-se em requintes de Beleza...
 É como um beijo ardente a Natureza...(p. 286)

The poetic subject is fully alert to the world outside her confinement and is making an effort to abdicate from it, in an attempt to shield herself from agony. This is a form of *moral masochism*, as termed by Freud, "where the subject, as a result of an unconscious sense of guilt, seeks out the position of victim without any sexual pleasure being directly involved" (Laplanche & Pontalis, 2004: 244-45). "Satanás", the one who, according to Catholic rhetoric, is the "supremo inimigo do ser humano, ao qual trata de manter sob a escravidão do pecado", is employed here as the irresistible seducer (A Bíblia, 2005: 83).⁵ In actual fact, she is becoming the direct agent of self-inflicted pain, which leads to the lack of self-definition expressed in "Não sei o que em mim ri, o que em mim chora | Tenho bênçãos d'amor pra toda a gente!" ("Anoitecer", p. 275). Having been debilitated by pain and in need of protection, she cannot help but feel that there has been no retribution to all the *bênçãos d'amor* she has given. Chevalier and Gheerbrant suggest that "abençoar quer dizer, na realidade, santificar" (1994: 119). She feels

⁴ The entry "cruz, crucificação", included in the appendix of the *Bíblia de Estudo Almeida*, is the following: "Método de executar a pena capital que consistia em pendurar ou pregar o réu em um poste com uma madeira atravessada para os braços" (2005: 51). This image of crucifixion is one to which Florbela often alludes. However, the cross can also be seen as a spatial and temporal reference. As Chevalier and Gheerbrant point out, in the cross "se confundem o tempo e o espaço. Ela é o cordão umbilical, nunca cortado, do cosmos ligado ao centro original. De todos os símbolos, ela é o mais universal, o mais totalizante" (1994: 245). This confusion, both in relation to time and to space, and the need to define temporal and spatial boundaries in order to attenuate it, is typical of the poetic subject and is amply exemplified in Florbela's lyric.

⁵ The entry "Satanás" is also included in the appendix of the *Bíblia de Estudo Almeida* (2005).

that, like Christ, she has been sanctifying those around her, to endure pain as a response. The lyrical subject no longer bears the weight of a fruitless pursuit, in her view only equivalent to the crucifixion of the Christ. For this reason, the “Anoitecer” comprises:

Horas tristes que são o [seu] rosário...
 Ó minha cruz de tão pesado lenho!
 Meu áspero e intérmino Calvário!

Calvário was the place of Christ’s crucifixion. This reinforces the message that, progressively more distant from reality, to the extent that she is unable even to rely on her own fantasy world in order to tolerate the former, the lyrical voice’s spiritual being is what truly *anoitece*. The “saudades de saudades que não [tem]... | Sonhos que são os sonhos dos que [teve]...” indicate the absence of a referential axis that makes the soul of the “Princesa Desalento” “frágil como o sonho dum momento, | Soturna como preces de agonia” (p. 290). In this latter poem, there is, again, a refusal to accept the end of the relationship. As her soul “vive do riso numa boca fria”, it is visible that there is no emotional feedback from the lover, a cause of great anxiety for the subject. Consequently:

O luar ouve a [sua] alma, ajoelhado,
 E vai traçar, fantástico e gelado,
 A sombra numa cruz à [...] porta [do Amado]... (p. 290)

So imperative is the need to be part of the lover, emotionally unified with him, that moonlight itself delineates the shadow of a cross, the one which she bears, by his doorstep. Hence, the *sombra* can be interpreted as both the desired visualization of her despair by the lover so as to induce his pity, and the darker side of herself propelled by his departure. In *Livro de Soror Saudade*, arguably the collection of poems with the most striking religious imagery within Florbela’s body of work – in which she takes possession of the mantle of *Soror Saudade* –, this is employed primarily to emphasize the pain of the subject. Rituals and symbols of suffering are purposefully selected to illustrate the subject’s fragile state of being, thus feeding into a cycle of self-imposed torture, as her own

perception of *Soror Saudade* grows into a form of self-victimization. The last poem of the collection to be considered is “Da Minha Janela”. The main focus here is the sexual relation. It narrates the pattern of the relationship between the subject and the lover: the beginning leads to the sexual act, sex makes the sense of fusion more palpable, the lover departs and she struggles to let go of what they once shared. For the purpose of religious imagery, the second quatrain is the most important:

Sol! Ave a tombar, asas já feridas,
 Batendo ainda num arfar pausado...
 Ó meu doce poente torturado
 Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas! (p. 293)

The description of the post-coital act works here as a blend between the pantheism embedded in him as a *sol*, symbol of masculinity, who is also the *ave* that takes its flight inside her body, and the religious is encapsulated in her response as the recipient female in a passive sexual position, who cries with pleasure and pain. She mirrors the *jouissance* expressed in his “doce poente torturado”, whilst elevating him to the position of God when she prays to him with an open gesture. The altar of God becomes the sexual bed in which, more than just praying to him, she “prays him” inside her. This is the kind of blasphemous imagery that is explored further in *Charneca em Flor*.

4.2 *Charneca em Flor*

In the intermediate collection being discussed here, religiosity is articulated by prayers which are counterbalanced by sacrilegious statements expressing the sexualization of the religious. While the latter could easily be associated with *Soror Saudade*'s sadness and incarceration in the first phase, in *Charneca em Flor*, following on “Da Minha Janela”, it hints further at the sexual content (p. 293). An example of such is the chalice, symbol of the blood of Christ in the Eucharist which, in this collection, may allude to the blood of the woman who

offers herself to the lover as a sexual being: “Diluído numa taça de oiro a arder | Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!” (“Toledo”, p. 317). The *taça* contains blood, which is interpreted by Chevalier and Gheerbrant in this manner: “princípio de vida –; é, portanto, o homólogo do coração [...] o hieroglífico egípcio do coração é uma taça” (1994: 627). In fact, blood has an ambivalent meaning, as it can allude both to death and to life. In terms of female biology, it is a sign of promise of life, for without menstrual blood and the rupture of the hymen there would not be sexual or maternal fulfilment. Not only is she giving herself sexually, she is succumbing to the “grande amor [que] é sempre grave e triste” (p. 317). It follows that, in the sonnet “IX”, “perdi a minha taça” (p. 353) could be interpreted not only as symbolic of the loss of her virginity, but also as an expression of the loss of the sexual partner, who briefly gave her the emotional feedback to feel more coherent as a psychic being. What is left is nothing, the “mãos vazias”.

There are numerous references to God in *Charneca em Flor*, as one who fulfils different roles according to the message that is being conveyed. Let us first consider the instances in which the poetic subject addresses God directly. In the poem “Rústica”, the lyrical voice paints a picture of a simple and pretty country girl, in every manner the antithesis of her perception of Self as complex, ambitious and proud. In the first quatrain, the last line – “A bênção do Senhor em cada filho” (p. 301) – describes a utopian scenario that can accommodate no evil. In the last tercet, she appeals to God as the only means through which the impossible task of becoming that girl, “pura como a água da cisterna”, can be achieved: “Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!” (p. 301). He is her God, to whom she resorts in times of need. Likewise, in “Árvores do Alentejo”, the trees that “gritam a Deus a bênção de uma fonte” reflect her own despair: “– Também ando a gritar, morta de sede, | Pedindo a Deus a minha gota de água!” (p. 336). Pleading turns into questioning in “As Minhas Mãos”, a sonnet in which she queries the use of her hands if, faced with the lover’s absence, they can no longer feel the lines of his face: “– Pra que as quero eu – Deus!” (p. 311). Conversely, she wonders about the lover’s own relationship with God, in relation

to her role in his life: “– Que contas dás a Deus indo sozinho, | Passando junto a mim, sem me encontrares? –” (“II”, p. 346). The idea of God as the creator is also used. In “Conto de Fadas” he is the architect of the world. “Dou-te comigo o mundo que Deus fez!” (p. 303) offers another example of sexuality and religion, as sex is seen as a divine creation and in her body, which she wishes him to have, the world is contained. God is also her maker. In her manic phase, she exclaims:

O mundo quer-me mal porque ninguém
 Tem asas como eu tenho! Porque Deus
 Me fez nascer Princesa entre plebeus
 Numa torre de orgulho e de desdém! (“Versos de Orgulho”, p. 300)

From her perspective, God has created her as a superior being, who is above mere mortals. Yet, that is also the reason for her isolation from the outside world, locked up in her “torre de orgulho e de desdém”. If, on the one hand, she feels that “se Deus nos deu voz, foi para cantar!” (“Amar!”, p. 322), on the other, “Quis Deus dar-me o condão de ser sensível” (“O Meu Condão”, p. 310) and “Quis Deus fazer-me tua... para nada!” (ibid, 310) indicate that God’s enterprise in making her and their union has been to little avail in the course of her existence. After all, she remains on her own. There are also references to God making the lover – “Quis Deus fazer de ti a ambrósia | Desta paixão estranha, ardente, incrível!” (ibid, 310) – and the women that he will have after she is no longer in his life – “Erva do chão que a mão de Deus levanta, | Folhas murchas de rojo à tua porta...” (“Supremo Enleio”, p. 316). At this point, she is not intimidated by these other women, as the goddess implied in “Mas eu sou a manhã: apago estrelas!” (ibid, 316) discloses a higher ambition, that of finding an Other to the Self who is compatible with her in being above the common person:

O amor dum homem? – Terra tão pisada!
 Gota de chuva ao vento baloiçada...
 Um homem? – Quando eu sonho o amor dum deus!... (“Supremo Enleio”, p. 316)

Whether the pursuit is angled at the man as God or the God of Christian dogma (or both, perhaps), the suggestion of “Quem sabe?...” appears to be that

this has been an unfruitful pursuit in which she persists still: “Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!” (p. 337). This leads to questioning her previously ascertained source of origin, God as her maker: “E quem vestiu de monja a andorinha, [...] Quem me criou a mim?” (“?”, p. 334). The title of the poem itself is indicative of the poetic subject’s feeling of solipsism before the lover’s departure and realization that he is not to return. The *andorinha* that used to fly in the open fields has become the imprisoned *monja* as a result, “uma chaga sangrenta do Senhor” (“Minha Culpa”, p. 343). The blood that was symbolic of pleasure in “Toledo” (p. 317) becomes synonymous with pain in this sonnet. In a confession with the intent of attempting to expurgate herself of sin, she concludes with the following:

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,
Num mundo de maldades e pecados,
Sou mais um mau, sou mais um pecador... (“Minha Culpa”, p. 343)

Madalena Tavares Alexandre argues that this sonnet is “um dos mais representativos do labiríntico processo de busca de identidade e da ignorância de si mesmo” (1997: 72). The lyrical voice finds herself to be completely at a loss in the world.

The significance of the cross, and how it paves the way to death, will be considered next. In “O Meu Condão”, the lyrical voice exclaims: “– Vãos, os meus braços de crucificada, | Inúteis, esses beijos que te dei!” (p. 310), imitating the role of Christ on the cross. It is Angélica Soares who states that, in this poem: “é a religião ainda a fonte de metáfora, a unir as ideias de sacrifício e paixão” (1997: 134). The imagery of the crucified woman after the lover’s abandonment is stronger in the lines:

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei-de pousar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém. (“Crucificada”, p. 325)

Exhibiting an attitude of masochism towards herself and of possessiveness in relation to the ex-lover, she proceeds to express the sense of fusion in a joint crucifixion:

São mortos os que nunca acreditaram
 Que esta vida é somente uma passagem,
 Um atalho sombrio, uma paisagem
 Onde os nossos sentidos se poisaram.
 [...]

 Que Deus faça de mim, quando eu morrer,
 Quando eu partir para o País da Luz,
 A sombra calma de um entardecer,

Tombando, em doces pregas de mortalha,
 Sobre o teu corpo heróico, posto em cruz,
 Na solidão dum campo de batalha! (“VII”, p. 351)

The *Passion of the Christ*, not erotic in itself but capable of producing ecstatic reactions in fervent believers, here incites another kind of passion, involving on her part a megalomaniac bloodshed. She equates both her body and the ex-lover’s to that of Christ when making the ultimate sacrifice for the sake of humanity. His body, which she venerates still, is the one that is now also “posto em cruz”. This takes places after her thoughts of life as a passage (to a better world) prompt a call for her own death. It is in this new “País de Luz”, that her view of God as the creator returns, and she hopes that he will grant her more tranquillity. In the final sonnet of *Charneca em Flor*, “X”, the cross is associated with the Discoveries, a theme that is carried to the last collection. Pondering on all that she wanted from a life that has been of little more than disappointment, the lyrical voice asserts that she would have liked to have had “mais sangue sobre a cruz das caravelas!” (p. 354).

4.3 *Reliquiæ*

Reliquiæ has fewer semantic references to the religious. Towards the end of the collection, when the fragmentation of the subject leads to a psychotic

outbreak, her connection with the physical Other and with the ethereal God is lost, to be substituted by death. Before that, the topic of sexualization of the divine prevails. The divine is a concept used throughout Florbela's *oeuvre*. In *Livro de Soror Saudade*, while in the company of the lover, "toda a graça | Duma boca divina fala em mim" ("Fanatismo", p. 262), and *Charneca em Flor* highlights the lyrical subject's "divinos braços de Mulher" ("Mais Alto", p. 330). In the final collection, the divine is brought to the fore as the title of a poem that deals with the female orgasm, considered to be the "Divino Instante" (p. 376). Therefore, the notion of the divine is employed not as a person or a thing that is truly divine, but in the metaphorical sense of the divine as that which is perfect and beautiful. Sex and religion are unified more intensely in the last tercet of "Blasfémia":

Em ti sou glória, altura e poesia!
E vejo-me (Oh, milagre cheio de graça!)
Dentro de ti, em ti, igual a Deus!... (p. 369)

The author is aware of how blasphemous the poem is within the realm of a predominantly Catholic society. Hence the title is both a preview and a warning of what is to come. As was the case with the divine, the perception of a miracle is also notable in Florbela's poetry. From the lover's arrival in *Livro de Soror Saudade* – "Chegaste enfim! Milagre de endoidar!" ("Tarde Demais...", p. 277) – and, in *Charneca em Flor*, his hands, extraordinary because they are on her body – "E sobre mim, [...] | As tuas mãos [...] milagrosas" ("Tarde no Mar, p. 307) –, the "milagre cheio de graça" evolves naturally to lovemaking in *Reliquiae*. Whereas previously the lyrical voice had pleaded for the love of a God, a request she believes to have been answered in "O Meu Desejo" – "Ó minha perfeição que criou Deus | E que num dia lindo me fez sua!" (p. 374) attests to this –, in "Blasfémia" she is the one who is made God-like through her fusion with the lover. Additionally, this is one of the rare occasions in the collection in which she is the one in control sexually, as the last line illustrates. This is short-lived, and she soon begs for his return, addressing him as "Ó meu

Deus, ó meu dono, ó meu senhor” (p. 369) and unearthing the “doce e humilde escrava” (“Escrava”, p. 375) of the sacrificial “Mendiga” (p. 315) of *Charneca em Flor*. Faced with the lover’s desertion and being no longer capable of engaging in her cyclical pattern, the poetic subject isolates herself in the cell of the convent of *Livro de Soror Saudade* in the fittingly named “Último Sonho de <<Soror Saudade>>”: “Soror Saudade abriu a sua cela” and “entrou no seu convento” (p. 384). In the end, she confesses to God: “Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...” (“Loucura”, p. 386).

5. Conclusion

In the three collections under discussion, religion functions on several levels. Firstly, it demonstrates the prevalence of Catholic rhetoric in Portugal at the time; secondly, it reflects the ambivalence of the lyrical subject who, in this instance, questions the existence of a God to whom she turns in times of need; thirdly, and most importantly for the argument underway, it provides the poetic subject with the appropriate means to convey her state of being, both in the presence and the absence of the lover, and their physical union. The “linguagem da carne para recobrir uma semântica da alma” (Ana Luísa Vilela, 1997: 121) articulated earlier is thus inverted, resulting in inflammatory sexual descriptions, a concept that is epitomised in the sonnet “Amar!” (*Charneca em Flor*, p. 322).

References

- Alexandre, M. T. (1997). A Busca da Identidade na Poesia de Florbela Espanca. In Lopes et al. (Ed.), *A Planície e o Abismo: Actas do Congresso sobre Florbela Espanca* realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994 (pp. 69-74), Lisbon: Vega.
- A Bíblia. (2005). *Bíblia de Estudo Almeida*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Chevalier, J. and Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário dos símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trans. C. Rodriguez and A. Guerra. Lisbon: Teorema
- Dal Farra, M. L. (1995). O amor na poesia de Florbela Espanca. In J. R. Paiva (Ed.), *Estudos sobre Florbela Espanca* (pp. 39-52). Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão

- Emerenciano.
- Espanca, F. (1998). *Diário do Último Ano* (1981). 4th ed. Amadora: Bertrand.
- Espanca, F. (2000). *Poesia Completa* (1985). R. Guedes (Ed.), Lisbon: Publicações Dom Quixote.
- Espanca, F. (2002). *Afinado Desconcerto: contos, cartas, diário*. M. L. Dal Farra (Ed.). São Paulo: Iluminuras.
- Frye, N. (1991). *The Double Vision: Language and Meaning in Religion*. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press.
- Laplanche, J. and Pontalis, J-B. (2004). *The Language of Psycho-analysis*. London: Karnac Books.
- Magalhães, I. A. (1997). Florbela Espanca e a Subversão de Alguns Topoi. In Lopes et al. (Ed.), *A planície e o abismo: actas do Congresso sobre Florbela Espanca* realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994 (pp. 215-226). Lisbon: Vega.
- Manuel, P. C. (2002). Religion and Politics in Iberia: Clericalism, Anticlericalism and Democratization in Portugal and Spain. In T. G. Jelen and C. Wilcox (Ed.), *Religion and Politics in Comparative Perspective: The One, the Few and the Many* (pp. 71-98). Cambridge: Cambridge University Press.
- Neto, V. (2004) O Estado e a igreja na Primeira República. In Museu Bernardino Machado (Ed.), *A Igreja e o Estado em Portugal - Da 1.ª República ao limiar do Século XXI: actas do Encontro de Outono*, 21-22 de Novembro de 2003 (pp. 17-28). Vila Nova de Famalicão: the author.
- Santos, L. A. (2002). *Elites culturais e políticas em Portugal no contexto da secularização da sociedade (séculos XVIII, XIX e XX)*
<http://www.causaliberal.net/documentosLAS/Elites.pdf>, 24 pp. accessed on 27.09.2010.
- Soares, A. (1997). O Erotismo em *Charneca em Flor*. In Lopes et al. (Ed.), *A planície e o abismo: actas do Congresso sobre Florbela Espanca* realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994 (pp. 127-136). Lisbon: Vega.
- Vilela, A. L. (1997). “Minh’Alma, de sonhar-te, anda perdida” Erotismo e Mística de Soror Florbela. In Lopes et al. (Ed.), *A planície e o abismo: actas do Congresso sobre Florbela Espanca* realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994 (pp.119-126). Lisbon: Vega.

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES GORDON’S research interests lie on late 19th and 20th century Portuguese literature, Lusophone African literature, comparative literature, national identity studies, cinema and critical theory. She has recently published an article on the Cape Verdean novel *O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, focusing on women’s subversion under the scope of patriarchy, and is finalizing a comparative paper for publication, on the poetry of Florbela Espanca and the American author Sylvia Plath.

Submetido: Novembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011

O intérprete estúpido

Rui Lopes
Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano - Santarém
rlealopes@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma análise da forma como reagimos a coisas estranhas - entre as quais se destacam os textos literários. Após ter identificado uma tendência para rirmos dos disparates dos outros, comentarei textos de Robert Musil, Walter Pitkin, E.A. Poe e H.P. Lovecraft, entre outros, e analisarei a acusação frequente de estupidez na sua relação com as formas através das quais nos revelamos e descrevemos como intérpretes.

Palavras-chave: teoria; literatura; interpretação; cómico; estupidez.

Abstract

This paper analyses some ways of reacting to strange things - literary texts, for instance. After identifying a tendency to laugh at other people's foolishness, I will be reading texts by Robert Musil, Walter Pitkin, E.A. Poe, and H.P. Lovecraft, among others, and I will analyse the frequent charge of stupidity in its relation to the ways through which we reveal and describe ourselves as interpreters.

Keywords: theory; literature; interpretation; comic; stupidity.

Introdução

Este artigo tem uma personagem principal: o intérprete estúpido. Este intérprete debate-se inevitavelmente com a necessidade de construir sentidos num universo de objectos estranhos - para simplificar, chamemos-lhes "textos", já que é nessa dimensão textual que a estranheza se torna mais perspícua. Consciente da imperfeição dos meios ao seu dispor, o intérprete persiste na tarefa de tornar inteligíveis as suas percepções e intuições, tentando simultaneamente reforçar o carácter cognitivo da sua relação com os outros intérpretes e com os textos que eles produzem. A história dos seus sucessos e falhanços não poderia ser aqui contada - entre outras razões, por ser objecto de constantes actualizações

(às quais o autor deste ensaio não pretende ser imune, já agora). Os seus problemas são *o problema* deste artigo.

1. O princípio da estupidez

No conto “The System of Doctor Tarr and Professor Fether” de Edgar Allan Poe, encontramos um narrador que pernoita numa *Maison de Santé* (eufemismo para hospício) no Sul de França. Aí é muito bem recebido pelo director, que lhe explica os métodos revolucionários empregues no tratamento dos doentes mentais internados naquela instituição, caracterizando-os como métodos de *reductio ad absurdum*:

We have had men, for example, who fancied themselves chickens. The cure was, to insist upon the thing as a fact – to accuse the patient of stupidity in not sufficiently perceiving it to be a fact – and thus to refuse him any other diet for a week than that which properly appertains to a chicken. (Poe, 1982: 309)

Durante um jantar com uma série de personagens que o narrador descreve como “apparently people of rank – certainly of high breeding” (Poe, 1982: 310), pela forma como se vestiam e pelo seu porte, embora estranhe o excesso de jóias e outros adereços – que atribui ao que lhe tinham dito sobre as peculiaridades dos provincianos do sul -, a descrição de antigos doentes e das suas manias é ilustrada pelos convivas com gestos e atitudes que provocam estranheza. O próprio serviço de mesa e os pratos apresentados começam a perturbar o narrador:

“Pierre,” cried the host, “change this gentleman’s plate, and give him a side-piece of this rabbit *au-chat*.”
“This what?”, said I.
“This rabbit *au-chat*.” (Poe, 1982: 313)

O narrador então recusa a proposta gastronómica, reflectindo da seguinte forma:

There is no knowing what one eats, thought I to myself, at the tables of these people of the province. I will have none of their rabbit *au-chat* – and, for the matter of that, none of their *cat-au-rabbit* either. (Poe, 1982: 313)

Ao longo do jantar, as narrativas acerca das peculiaridades de antigos pacientes sucedem-se, sempre ilustradas pela imitação dos comportamentos descritos: um que julgava ser um burro, outra que julgava ser uma galinha, outra ainda que pretendia vestir-se por fora da roupa e não por dentro – ficando despida, conseqüentemente -, entre outros casos exemplarmente descritos e ilustrados pelos convivas.

Abrevio a sinopse, avançando para o desenlace, onde se fica a saber que todos os convivas eram, afinal, os doentes internados naquele hospício, que tinham conseguido fechar os guardas, sob o comando de Monsieur Maillard, destituído do seu cargo de director por também ter enlouquecido.

O que julgo ser exemplar neste conto é, antes de mais, a forma como a personagem / narrador resiste até ao final sem suspeitar do que realmente está a ocorrer, mesmo com os comportamentos mais excêntricos das pessoas que com ele se sentam à mesa de jantar, e até com a narrativa de um incidente que durante algum tempo colocou os doentes no lugar dos encarregados e dos médicos:

But I presume a counter-revolution was soon effected. This condition of things could not have long existed. The country people in the neighborhood – visitors coming to see the establishment – would have given the alarm.

There you are out. The head rebel was too cunning for that. He admitted no visitors at all – with the exception, one day, of a very stupid-looking young gentleman of whom he had no reason to be afraid. He let him in to see the place – just by way of variety, - to have a little fun with him. As soon as he had gammoned him sufficiently, he let him out, and sent him about his business. (Poe, 1982: 319)

A perversidade desta descrição consiste em acentuar o que o leitor já sabe, mas o narrador desconhece. Não poderia ser uma pista para este narrador que não duvida da seriedade da personagem que o descreve sem que ele disso tenha consciência.

As razões para tal ausência de dúvida são, numa primeira fase, cuidadosamente inseridas na narrativa, como a já referida associação das vestes exageradas à informação de que o narrador dispunha relativamente às idiossincrasias das pessoas do Sul de França, inclusivamente tidas como algo antiquadas. O comportamento de Monsieur Maillard funciona, de um modo semelhante, como garantia de alguma normalidade, não dando origem a qualquer perturbação das expectativas existentes relativamente a um director de uma instituição para doentes mentais. O breve episódio do “coelho com gato” ilustra igualmente a forma como o narrador atribui as causas de algo insólito aos hábitos das pessoas da província, isto é, a um sistema moral e cultural que praticamente desconhece, e em relação ao qual não possui qualquer crença firme que possa fornecer expectativas definidas.

O sistema descrito por Monsieur Maillard constitui um primeiro elemento de estranheza que, paradoxalmente, evita que o narrador estranhe os acontecimentos subsequentes. O seu desconhecimento de métodos psiquiátricos para curas de doentes mentais deixa-o numa posição de estúpido ingénuo”, sujeito a um fluxo de acontecimentos que não pode interpretar por não possuir qualquer informação pertinente. Rimo-nos dele por essa razão. No final do texto, quando se ouvem ruídos provenientes das caves, seguidos de pancadas nas portas, o narrador grita para Monsieur Maillard: “Gracious heavens! [...] the lunatics have most undoubtedly broken loose”; ao que este responde “I very much fear it is so” (Poe, 1982: 319). Neste momento, a ironia atinge o seu ponto culminante, depois de o leitor ter a certeza – já não só a suspeição – de que os loucos se encontravam soltos há bastante tempo, através do contraste com um narrador que persiste no erro, apesar de todas as evidências. Para o leitor, é estranho que este narrador-intérprete não reconheça as marcas da repetição excessiva de actos insólitos, que normalmente indicia a intenção cômica. Este narrador não ri. Não poderia rir, pois associa a estranheza dos comportamentos que observa a um conjunto indistinto de preconceitos sobre uma gente que não conhece e a quem atribui um sistema de valores incomensurável relativamente ao seu.

Merecerá, então, o narrador de Poe o epíteto -“very stupid-looking young gentleman” - que lhe é atribuído por M. Maillard? Para responder a esta questão, torna-se necessária uma digressão por um território vasto e pouco explorado, embora possamos encontrar algumas contribuições notáveis em áreas diversas.

Comecemos – até pela ambição do título - por Walter B. Pitkin, que em 1932 publicou *A Short Introduction to the History of Human Stupidity*, legitimando a necessidade de tal investigação desta forma:

Pode-se provar facilmente que a Estupidez é o supremo Mal Social. Três factores combinam-se para a estabelecer como tal. Em primeiro lugar, o número de estúpidos é legião. Em segundo lugar, grande parte do poder no comércio, finanças, diplomacia e política está nas mãos de indivíduos que são, mais ou menos, estúpidos. Finalmente, capacidades elevadas estão muitas vezes ligadas à estupidez, de tal forma que essas capacidades brilham perante todo o mundo enquanto o fundo de estupidez se esconde na sombra para só ser descoberto por amigos íntimos ou por jornalistas curiosos. (Pitkin, 1932: 6) ¹

Perante a constatação da praga, Pitkin tenta definir com precisão os contornos do mal. A dificuldade desta tarefa é, aliás, corroborada por diversos autores, com maior ou menor ironia, sendo frequentemente atribuída a uma resiliência particular do ser humano a confrontar-se com um tema que lhe pode devolver uma imagem pouco abonatória de si próprio. A proximidade com a loucura, a idiotice, e outros conceitos que relevam de comportamentos e lógicas pouco habituais compromete a pesquisa, sendo necessário recorrer à etimologia e à tradição semântica para esclarecer a natureza da estupidez.

Assim, começemos por ver alguns dos resultados de Pitkin. Percorrendo diversas culturas e dialectos, o autor conclui que os termos habitualmente utilizados para descrever este conceito – na sua forma mais vaga - apontam para “falta de sensibilidade”, “estados de confusão” e inabilidades diversas. Focando a etimologia, sobressai igualmente o carácter de *inacção perante um qualquer acontecimento*, que se mantém nos termos “estupor”² e “estupefacção”,

¹ Tradução minha, a partir do original em inglês.

² Refira-se que também neste caso o sentido original sofreu alterações profundas no uso, nomeadamente quando o termo é utilizado como adjectivo.

remetendo o problema para o domínio da incapacidade de reagir positiva ou eficazmente a acontecimentos surpreendentes, sobretudo quando a surpresa advém do desconhecimento prévio das características desses acontecimentos. O uso actual do termo não descarta este sentido, embora amplifique semanticamente os significados possíveis em contextos diversos: não perceber, não reagir da forma mais eficaz, não se fazer entender.

Pelo que ficou exposto anteriormente, poderemos acrescentar “não rir, quando este é o comportamento esperado”, o que se poderia explicar por uma incapacidade associativa peculiar, consonante com esta descrição de Pitkin (que a considera ainda insatisfatória, porque incompleta):

Uma primeira classificação fácil levar-nos-ia a juntar num grupo todos os defeitos dos sentidos primários, dos olhos, ouvidos, língua, nariz e pele; e, num outro grupo, todos os sistemas deficitários de associação e integração central envolvidos nas funções mais importantes da memória, imaginação, análise, linguagem, e outras similares. (Pitkin, 1932: 37)³

Uma primeira conclusão levar-nos-ia também a pensar que M. Maillard não poderia revelar mais acuidade na caracterização do seu hóspede, pois a segunda parte da classificação acima transcrita parece descrever o problema que o aflige. Como intérprete, carece da capacidade de efectuar uma transposição para além do que vê, mesmo perante o que considera um conjunto de situações absurdas. Ao mesmo tempo, é a capacidade de aceitar provisoriamente comportamentos e lógicas diferentes, classificando-os por vezes como “exóticos”, que permite a ocorrência de situações como esta. Ou, nas palavras de um antropólogo:

Afinal de contas, o que torna o homem ímpar entre as espécies? É precisamente o ele ser a única criatura que vê o Mundo perscrutar os seus próprios motivos e ao mesmo tempo [ser capaz] de olhar para as outras pessoas como se elas fossem, não ele próprio repetido, mas qualquer outra espécie estranha. (Bronowski, 1985: 24)

Acontece, no entanto, que partilhamos sempre com esta “espécie estranha” mais do que por vezes supomos. Acontece também que ter consciência disto

³ Tradução minha, a partir do original em inglês.

mesmo, por si só, não resolve os problemas que persistem em surgir nas mais diversas situações.

O episódio que passo a relatar é a paráfrase possível de um *cartoon* lido há bastante tempo e cujo paradeiro e referência bibliográfica não posso, infelizmente, fornecer. Ainda assim, não resisto a apresentá-lo como um exemplo das questões aqui discutidas. Com um cenário de selva africana, vemos um grupo de nativos, adornados com os inevitáveis ossos que lhes perfuram o nariz, com expressões de enorme felicidade, à volta de um caldeirão que se encontra sobre uma fogueira; dentro do caldeirão com água em ebulição, um explorador/antropólogo, com o também inevitável chapéu colonial, o suor a pingar-lhe por toda a face, empunhando um bloco de notas e uma caneta, pergunta: “E, para concluir, o prato principal é acompanhado com...?”.

Independentemente do que podemos considerar como uma sátira ao conceito de “observação participante” (polémica cara às Ciências Sociais), a analogia com o narrador do conto de Poe parece-me por demais evidente. A perspectiva séria da questão assenta nesta tendência curiosa para assimilar situações assumidamente estranhas, procurando enquadrá-las num sistema partilhável de referências. Perante as dificuldades, no entanto, as decisões demoram mais tempo a ser tomadas, enquanto o fluxo de acontecimentos não se detém a aguardar. Se o intérprete sobrevive ao momento decisivo, a descrição retrospectiva poderá conter valiosos ensinamentos para futuras ocorrências similares, como no caso do conto de Poe; já o explorador/antropólogo não teria a mesma sorte, nem o seu livro de notas se apresentaria provavelmente como um elemento de grande valor didático. A ter esse valor, o conto de Poe acaba por descrever um problema peculiar da interpretação: atribuir intenções, crenças e contextos é não só um processo inevitável como igualmente um processo com fortes probabilidades de erro.

A nota pessimista que se pode adivinhar pela conclusão agora apresentada é ilustrada por uma afirmação de Robert Musil:

Todos nós somos, por vezes, estúpidos; por vezes também, somos constrangidos a agir cegamente ou semicegamente, sem o que o mundo se deteria; e se alguém retirasse dos perigos da estupidez esta regra: Abstém-te de julgar e de decidir cada vez que te faltam informações”, ficaríamos imobilizados! (Musil, 1994: 35)

Walter Pitkin, curiosamente, apresentara já o problema em termos muito semelhantes:

Já não existem domínios de conhecimento comum, nem áreas de verdades simples que possam ser conhecidas por comuns mortais. Se todos evitássemos falar excepto quando soubéssemos exactamente o que estávamos a dizer, que silêncio de morte assombraria este mundo de palradores natos! (Pitkin, 1932: 35) ⁴

Resta-nos, portanto, um universo de tentativas. A modéstia, proposta por Musil como antídoto para a estupidez, constitui-se na exacta medida da consciência de que uma grande parte dos nossos juízos acerca das coisas é provisória, tornando-os sujeitos a constantes reavaliações e demonstrações de erro. Aquilo que parece uma situação insustentável, quando apresentada em termos meramente teóricos, encontra na prática quotidiana soluções que derivam do senso comum: aprendemos a procrastinar ou apressar decisões de uma forma que torna esses actos quase instintivos. O que se segue frequentemente a estes momentos são descrições retrospectivas com base na avaliação dos efeitos que essas decisões provocam. A margem de erro destas duas actividades é, como já afirmei, consideravelmente elevada: da primeira, porque obviamente não existe uma forma de avaliar na sua totalidade as consequências de uma decisão no exacto momento em que é tomada; da segunda, porque se sujeita aos mesmos condicionalismos que derivam da primeira, embora muitas vezes este facto passe despercebido. Arthur Koestler chama a atenção para uma situação análoga:

A história da ciência é abundante em exemplos de descobertas recebidas por gargalhadas estridentes, por parecerem ser um casamento de parceiros incompatíveis - até que esse casamento deu frutos e a alegada incompatibilidade dos parceiros revelou ser um resultado do preconceito. (Koestler, 1964: 95). ⁵

⁴ Tradução minha, a partir do original em inglês.

⁵ Tradução minha, a partir do original em inglês.

O preconceito que aqui surge como explicação para as atitudes descritas deriva do hábito. É, aliás, congénere do instinto que vai garantindo a preservação das espécies – e, em particular, da humana –, razão pela qual as perturbações infligidas às expectativas criadas e estabilizadas por estes factores surgem frequentemente como ameaças, o que talvez possa explicar, em parte, a frequente – e por vezes desproporcionada – hostilidade face a novas teorias que ameacem os códigos consensuais. A sombra do louco paira, ameaçadora, sobre as normas que guiam o funcionamento das sociedades, pois devolve, como num espelho distorcido, uma imagem que não se resigna ao distanciamento da alteridade, já que este “outro” é ainda um potencial “eu”.

Daí também o anátema do “estúpido”, sobretudo quando este adjectivo serve para descrever uma radical incomensurabilidade entre formas diferentes de pensar, maioritariamente alicerçada na pretensão de uma superioridade intelectual que atribui a este jogo um carácter menos inofensivo do que se pode por vezes julgar. Ao descrever este mecanismo, não pretendo de forma alguma sugerir que deveria – nem sequer que poderia – desenrolar-se de forma diferente. As regras do jogo, aliás, adaptam-se a situações diversas – com uma certa perversidade irónica –, como já pudemos ver por alguns exemplos citados, ao qual acrescentarei mais uma citação do texto de Robert Musil:

Pensemos um instante nas anotações que cobrem as margens dos mais ambiciosos romances que permaneceram muito tempo nos circuitos quase anónimos das bibliotecas que emprestam livros: constatar-se-á que o juízo dos leitores que se encontram finalmente a sós com o autor se exprime de preferência pela palavra estúpido! ou os seus equivalentes: palerma!, absurdo!, estupidez insondável!, etc. (Musil, 1994: 21)

O riso e a atribuição da estupidez ao outro têm em comum o facto de se constituírem como estratégias económicas para lidar com determinadas anomalias, permitindo a manutenção de normas e paradigmas que já deram provas de eficácia. Mas, paradoxalmente, certos tipos de cómico e certas formas de estupidez têm também em comum o facto de exibirem os mecanismos que contribuem para a originalidade e a criatividade. Ao tentar resolver as

dificuldades de interpretação criadas pelos “romances mais ambiciosos” com a atribuição de estupidez ao autor, os leitores referidos por Musil confessam a sua própria incapacidade de reagir positivamente a algo que lhes é estranho - o que, como já vimos, pode ser um dos sinónimos dessa mesma estupidez. Continuando com Musil, a ilustração das consequências desta dificuldade revela-se ainda mais violenta:

Para voltar aos exemplos citados atrás, vê-se, em tais casos, os quadros - à falta daquele que os pintou - a serem atacados a golpes de guarda-chuva e livros lançados ao chão, como se um tal gesto bastasse para os desfazer. Mas também nestes casos se verifica a opressão paralisante que precede estes acessos que supostamente deveriam permitir libertá-la: “está-se quase a asfixiar” com a irritação; “já não se tem palavras”, além das mais gerais e mais pobres, para traduzir o estado em que se está; “perde-se a palavra”, “tem-se a respiração cortada”. O homem que perdeu a palavra e a cabeça a um tal ponto só pode rebentar. Sofre um sentimento intolerável de insuficiência e as palavras que precedem muitas vezes a explosão: “finalmente, era demasiado estúpido”, revelam-se espantosamente perspicazes. Mas era “fui demasiado estúpido” que seria necessário dizer. (Musil, 1994: 26)

A descrição é familiar, enquadrando uma vasta gama de situações que se caracterizam precisamente pela incapacidade de atribuir um carácter significativo a objectos para os quais “a linguagem não dispõe ainda, uma vez mais, de outra palavra que não a de estupidez” (Musil, 1994: 29). É, portanto, e ao contrário do que pode parecer, o último reduto defensivo de uma racionalidade impotente; ou, com outro vocabulário, é a demonstração da incapacidade de assimilar eventos estranhos na estrutura criada pelo hábito.

A estupidez surge-nos como uma contingência incontornável nas suas causas e efeitos, como uma consequência inevitável da necessidade de apreender dados que, pela sua natureza de coisas exteriores aos meios que temos ao nosso dispor, exigem uma mediação. Chamemos, portanto, a esta instância mediadora “interpretação”, abrangendo assim todas as operações que realizamos com o objectivo de incorporar o que nos é estranho no conjunto dos conceitos e vocabulários familiares de que dispomos, e é precisamente neste ponto que a estupidez fará a sua aparição.

2. O cúmulo da estupidez

Dois indivíduos conversam acerca do indizível. Um deles, empenhado na defesa do extra-sensível e dos poderes ilimitados da imaginação; o outro, crente na ciência e no predomínio da razão. Conversam num cemitério abandonado, onde um salgueiro gigantesco servirá como pretexto para o início de uma discussão que os vai conduzir a uma estranha experiência - e é também de experiências estranhas que se trata aqui.

Esta breve sinopse pretende dar conta da situação inicial do conto “The Unnamable”, de H. P. Lovecraft. De forma quase inevitável, o carácter da conversa entre as duas personagens - “speculating about the unnamable” (Lovecraft, 1971: 99), nas palavras de Randolph Carter, narrador e *alter-ego* de Lovecraft - introduz neste conto a ideia do paradoxo: falamos, portanto, do que não se pode falar. E, no entanto, o que dizem apresenta-se sob a forma de um discurso argumentativo que ilustra e resume, de um modo algo perverso, as ideias que nos têm ocupado neste texto.

O tom desta troca de argumentos oscila entre a cordialidade e a frontalidade - que seria insultuosa caso as personagens não fossem colegas e amigos de longa data - o que é compreensível, já que as posições que assumem os deixam perante a evidência da incomunicabilidade, sujeitos à tentativa de demonstração do que não se pode demonstrar, ou, pelo menos, do que não se pode demonstrar nos termos de um interlocutor com crenças profundamente divergentes.

Joel Manton, o amigo de Carter, caracteriza-se pela impaciência perante a exuberância da imaginação do seu interlocutor:

I had made a fantastic remark about the spectral and unmentionable nourishment which the colossal roots must be sucking from that hoary, charnel earth; when my friend chided me for such nonsense and told me that since no interments had occurred for over a century, nothing could possibly exist to nourish the tree in other than an ordinary manner.

Besides, he added, my constant talk about “unnamable” and “unmentionable” things was a very puerile device, quite in keeping with my lowly standing as an author. (Lovecraft, 1971: 99)

A autoridade intelectual de Manton é justificada por partir de dois argumentos fortes: ciência e senso comum - o que lhe permite resumir as crenças do narrador, caracterizando-as como absurdas e pueris, e estendendo a reprovação ao seu valor enquanto autor literário. Discute-se também literatura, portanto. Ou melhor, discute--se acerca do que se pode também discutir em literatura. Manton prossegue, em discurso indirecto:

I was too fond of ending my stories with sights or sounds which paralyzed my hero's faculties and left them without courage, words or associations to tell what they had experienced. We know things, he said, only through our five senses or our religious intuitions; wherefore it is quite impossible to refer to any object or spectacle which cannot be clearly depicted by the solid definitions of fact or the correct doctrines of theology (...)

It was his view that only our normal, objective experiences possess any aesthetic significance, and that it is the province of the artist not so much to rouse strong emotion by action, ecstasy, and astonishment, as to maintain a placid interest and appreciation by accurate, detailed transcripts of everyday affairs. (Lovecraft, 1971: 99-100)

Locke é convocado por Manton para teorizar, entre outras coisas, acerca do objecto e função da literatura, apoiado num empirismo que permite algumas concessões à intuição religiosa. O discurso indirecto facilita a sugestão desta contradição, sem que por isso Carter abdique de responder às teses do seu interlocutor. A resposta é longa e recorre à paráfrase de dois textos: um conto do próprio Carter / Lovecraft e o texto de Cotton Mather que o influenciou, *Magnalia Christi Americana*. A escolha não é inocente, pois permite uma resposta ao argumento religioso invocado por Manton, via Mather.

Mas antes de prosseguirmos com a demonologia de Randolph Carter, vejamos com alguma atenção o conteúdo das críticas apresentadas no excerto transcrito. Manton parece acusar Carter de estupidificar os seus heróis, paralisá-los, deixá-los sem palavras e reduzir-lhes o poder de associação. Todas estas incapacidades se conjugam para não permitir a essas pobres personagens uma descrição da sua experiência. O argumento reside, então, nessa particular crueldade que consiste em retirar a um intérprete os meios que lhe permitem a mediação - isto é, a possibilidade de transformar os dados da experiência num discurso que consubstancie a sua plena apropriação. O que Manton também

parece querer dizer é que, se essa experiência é tão bizarra e perturbante, as regras estão viciadas à partida e nenhum intérprete conseguirá concluir o jogo. Deixarei o essencial dos comentários ao segundo parágrafo transcrito para um momento posterior, já que a resposta de Lovecraft / Carter permitirá, com extrema ironia, retomá-los em tom de conclusão. O conceito de literatura que resulta dessas palavras é construído com o recurso a conceitos que pretendem afirmar de forma cada vez mais evidente o verdadeiro motivo desta discussão. Afinal, na superfície deste confronto encontra-se a resistência heróica de uma época -na qual a imaginação, enquanto valor criativo, foi o guia da produção artística- a uma nova época, que pretende redireccionar o olhar para a realidade. E, no entanto, este é um tópico superficial, como já afirmei, pois Lovecraft não é propriamente exemplo do romantismo tardio que perpetuou uma polémica já gasta e desprovida de pertinência. Antes pelo contrário, é Manton quem se presta à caricatura, ao basear os seus argumentos nos conceitos imprecisos e improfícuos que podemos ler no segundo parágrafo transcrito. Numa manifestação do que Manton provavelmente designaria como “verosimilhança narrativa”, Carter ajuda-nos a conhecer melhor o seu interlocutor:

[...] for although believing in the supernatural much more fully than I, he would not admit that it is sufficiently commonplace for literary treatment. That a mind can find its greatest pleasure in escapes from the daily treadmill, and in original and dramatic re-combinations of images usually thrown by habit and fatigue into the hackneyed patterns of actual existence, was something virtually incredible to his clear, practical, and logical intellect.

[...] for I knew that Joel Manton actually half clung to many old-wives' superstitions which sophisticated people had long outgrown; beliefs in the appearance of dying persons at distant places, and in the impressions left by old faces on the windows through which they had gazed all their lives. (Lovecraft, 1971: 100)

As regras do jogo continuam, assim, a ser viciadas. Manton confirma-se como uma personagem que se caracteriza pela contradição, também ele um produto de uma época na qual o ritmo do progresso científico não é suficiente para exterminar de vez a superstição e outros resíduos medievais que tanto parecem inquietá-lo. É esta debilidade que vai ser aproveitada por Carter:

[...] since spirit, in order to cause all the manifestations attributed to it, cannot be limited by any of the laws of matter; why is it extravagant to imagine psychically living dead things in shapes - or absences of shapes - which must for human spectators be utterly and appallingly “unnamable”? “Common sense” in reflecting on these subjects, I assured my friend with some warmth, is merely a stupid absence of imagination and mental flexibility. (Lovecraft, 1971: 101)

Que melhor ilustração para as teses apresentadas sobre a estupidez? Dois indivíduos que mutuamente se consideram estúpidos tentam chegar a uma conclusão acerca do que não se pode dizer... Ambos parecem julgar que o outro é irredimível no que respeita às suas crenças e ainda assim persistem na discussão, esgrimindo argumentos que falham sucessivamente. Nesta última transcrição, Carter deixa bem claro o que pensa do senso comum: falta de imaginação e flexibilidade mental.

Apesar de tudo isto, será precisamente a partir deste momento que o diálogo começa a revelar as suas virtudes. Após a caracterização de Manton como um indivíduo ainda sujeito a crenças pouco científicas, Carter passará à narração dos episódios descritos no conto já mencionado - e que julgo dispensar sinopse -, criando um ambiente que propiciará um final inesperado para toda esta situação. A progressiva utilização do discurso directo permite revelar a inquietação de Manton, influenciado pela história-dentro-da-história:

“I’d like to see that house, Carter. Where is it? Glass or no glass, i must explore it a little. And the tomb where you put those bones, and the other grave without an inscription - the whole thing must be a bit terrible.”

“You did see it - until it got dark.”

My friend was more wrought upon than i had suspected, for at this touch of harmless theatricalism he started neurotically away from me and actually cried out with a sort of gulping gasp which released a strain of previous repression. It was an odd cry, and all the more terrible because it was answered. (Lovecraft, 1971: 105)

Como se compreenderá pela última frase transcrita, Carter não teve tempo para saborear a vitória sobre o seu oponente. Após a manifestação de um fenómeno assustador e inexplicável, os dois acordarão no hospital com marcas estranhas no corpo. Carter terá vencido o confronto, mas a questão que aqui se pode colocar diz respeito aos reais ganhos obtidos com esta vitória. Provar que existem coisas

indizíveis é ainda provar alguma coisa, certamente. E, no entanto, é a maior derrota para a razão: a constatação da impossibilidade de apropriação e assimilação pelos meios de que o ser humano dispõe. As últimas palavras de Manton, a encerrar o conto, mostram que a solução possível para estes casos é ainda tentar descrever o que não se compreende verdadeiramente, inventando perífrases e citando o que outros já disseram (Edgar Allan Poe, neste caso):

It was everywhere - a gelatin - a slime -yet it had shapes, a thousand shapes of horror beyond all memory. There were eyes - and a blemish. It was the pit - the maelstrom - the ultimate abomination. Carter, it was the *unnamable*. (Lovecraft, 1971: 106)

O recurso que acaba por permitir maior expressividade, para além dos já referidos, constitui a coroa de louros para Carter: a descrição de Manton só é possível por este conseguir associar ideias estranhas, descobrir semelhanças inusitadas que lhe permitem descrever até mesmo o que não pode ser descrito. Na sua qualidade de intérprete de uma estranheza que desafia as suas crenças e, conseqüentemente, revela as limitações dos meios de que dispõe para a assimilar, Manton rende-se à necessidade de substituir o seu vocabulário por outro que, não sendo ainda o ideal - até por ser o resultado de uma aprendizagem recente -, revela a virtude pragmática de facilitar a descrição do fenómeno que presenciou. Essa descrição é aqui a verdadeira prova do conhecimento e a derradeira vitória sobre o potencial risco da estupidez - e é extremamente irónico que o meio utilizado seja a mesma literatura que Manton caracterizara como inexacta e estupidificante, justificando assim uma descrição pouco simpática do seu autor.

A irritação que as técnicas literárias de Carter provocam a Manton é análoga de observações como a que Sigmund Freud faz, em “Das Unheimliche”, a propósito de um conto de Arthur Schnitzler:

Ficamos com um sentimento de insatisfação, uma espécie de rancor por tentarem enganar-nos. Reparei nisto particularmente depois de ter lido “Die Weissagung” [A Profecia] e histórias semelhantes que cortejam o sobrenatural. (Freud, 1990: 374)⁶

⁶ Tradução minha, a partir da tradução inglesa.

As causas desse rancor devem-se, no caso a que se refere, à forma como alguns autores inserem o elemento sobrenatural, ou misterioso [uncanny]⁷ em narrativas com um aparente carácter realista, o que contrasta com narrativas do género dos contos de fadas, nas quais o elemento irrealista é, por assim dizer, estrutural. A vantagem destes últimos é que permitem ao intérprete um maior grau de previsibilidade no respeito ao tipo de acontecimentos que podem aí ser descritos, enquanto os primeiros se caracterizam precisamente por um mecanismo que o induz a expectativas que não se cumprirão. O engano a que Freud faz referência consiste na ausência de explicações conclusivas para fenómenos estranhos introduzidos por subtilezas da arte literária na esfera do nosso quotidiano. O conto em questão é de facto um excelente exemplo deste tipo de problemas, já que à natural atitude do leitor que diz “estas coisas não acontecem na realidade”, Schnitzler responde com a objectividade distanciada de um Posfácio Editorial, asseverando a existência real das personagens e o conhecimento pessoal do narrador, que o teriam convencido do carácter de verdade da narrativa. Este autor disfarçado de editor a comprovar a idoneidade do narrador é a imagem perfeita do logro a que Freud se refere.

De facto, ninguém gosta de ser enganado, mas algumas pessoas gostam ainda menos do que outras, o que pode sugerir que talvez não se apercebam da verdadeira dimensão do problema. Nesta pequena nota dos diários de Robert Musil, as palavras do imperador austro-húngaro Francis Joseph lembram os termos de Freud:

Expressão frequente do Imperador: “Ele enganou-me”. Isto representa a atitude de permanente desconfiança própria de alguém que se julga estúpido. (Musil, 1998: 206)⁸

Ser enganado por pessoas e textos é uma inevitabilidade que adquire contornos quase grotescos quando um intérprete persiste na crença de que a pode

⁷ A dificuldade em encontrar na língua portuguesa um equivalente satisfatório para o termo “uncanny” (“unheimliche”, no original alemão) é comprovada por Sigmund Freud: “As línguas italiana e portuguesa parecem contentar-se com palavras que podemos descrever como circunloquções.” (Freud, 1984: 342)

⁸ Tradução minha, a partir da tradução inglesa.

evitar. De certa forma, esta descrição sugere um paradoxo que acompanha a interpretação, na medida em que o ponto de partida possível para qualquer intérprete é a pretensão de uma verdade que nasce do erro.

O que isto também sugere é que a ameaça da ininteligibilidade suscita violentas reacções de defesa, disfarçadas frequentemente pelo tom cómico, como nesta anedota: “What happens if you cross a Mafioso with a deconstructionist? Someone who makes you an offer you can't understand”. (Berger, 1997: 57)

Embora permita vários níveis de leitura, na sua origem encontra-se muito certamente uma crença que podemos reconstruir a partir das últimas palavras de ambas as frases, invertendo a sua ordem: “you can't understand / a deconstructionist”. Atendendo à natureza das propostas que nos habituámos a associar a mafiosos - aqui na variante Corleone -, uma parte do efeito cómico desta anedota deve-se a podermos imaginar a difícil posição em que se encontraria um indivíduo que não conseguisse entender o seu interlocutor na situação aludida, com as consequências trágicas que daí poderiam advir. Dito de outra forma, o que a anedota sugere é que temos sorte por não dependermos - de uma forma tão vital, digamos - das propostas que nos são habitualmente feitas por desconstrutivistas. Mafiosos e desconstrutivistas têm ainda em comum o facto de possuírem um código semi-privado - uma gíria, por assim dizer - que cumpre funções diferentes em cada um dos casos. Se para um Mafioso esse código é essencialmente uma questão de sobrevivência e de manutenção da inviolabilidade do grupo, adivinha-se que para o autor anónimo desta anedota o desconstrutivista usa um código estranho unicamente para não ser compreendido por quem o lê ou ouve - o que, excluídos os motivos de segurança pessoal, só pode ser considerado como uma idiosincrasia irritante.

Ao contrário do que algumas destas reacções poderiam sugerir, poucos serão os casos em que o autor almeje a ininteligibilidade do texto que produz. Uma excepção notável encontra-se na carta que o Cavaleiro de Oliveira escreve ao padre Joseph Augusto (Oliveira, 1982: 14-34), para que (não) seja traduzida por um italiano que se afirma capaz de verter para a sua língua natal qualquer texto escrito em português:

O fim para que V. M. me obriga a fazer este papel terá o seu efeito. Esse presumido estrangeiro, que promete traduzir em italiano todo e qualquer discurso que se fizer em português, sabe tanto desta língua como eu da alemã, com a diferença que neste caso não sei o que os brutos podem falar, e ele no mesmo caso ignora o que os homens podem dizer. Creia V. M. que o seu compatriota se há-de ver em tremuras com este papel, porque não só é impossível que o traduza, porém incrível que o entenda. (Oliveira, 1982: 14-15)

Em tom de bravata, o Cavaleiro redige um texto repleto de regionalismos, expressões coloquiais e frases verdadeiramente absurdas, pontuadas por exclamações como estas: “Que galante tradução será a do nosso italiano! Quem me dera já vê-la!” (Oliveira, 1982: 14-15); “Parece-me que estou já vendo a tradução do italiano!” (Oliveira, 1982: 23). Temos, portanto, um texto que anuncia previamente o insucesso do seu intérprete, exibindo ostensivamente que é esse o seu objectivo. De todos os textos até agora citados, este é o único que pretende verdadeiramente a estupidação de quem o vai ler, e esse leitor é também o único a poder queixar-se com propriedade de ser alvo de um logro.

Outro caso curioso encontra-se em *The Talent for Stupidity*, de Edmund Bergler. Entre os vinte factores que identifica como constituintes da estupidez, Bergler aponta a “incapacidade de admitir ignorância, mesmo quando confrontado com tópicos pouco familiares” (Bergler, 1998: 215). O exemplo que fornece é a narração de um episódio em que participa como personagem:

O volume de conhecimento especializado aumentou de tal forma que ninguém, hoje em dia, pode afirmar ter uma verdadeira informação enciclopédica. Mesmo uma pessoa com estudos só se sente à vontade com um sector pequeno da sua própria área, tendo, no mínimo, uma noção vaga de sectores tangenciais. “Os especialistas”, afirma Nicholas Murray Butler, de Columbia, “são pessoas que sabem cada vez mais acerca de cada vez menos”. [...]

Há alguns anos atrás, publiquei um livro científico, *The Battle of the Conscience*. Era extremamente técnico e escrito exclusivamente para psiquiatras. Devido a um erro do editor, o livro foi enviado para jornais diários e semanais para ser objecto de recensão crítica. Para minha surpresa, descobri pelas recensões que tinha escrito um livro “excelente” e “nada complicado”, que podia ser lido com grande proveito e sem dificuldade por qualquer leigo. [...]

Esta experiência ensinou-me que as pessoas nunca admitirão as limitações do seu conhecimento. Para mim, transformou-se numa diversão aguardar o aparecimento de uma recensão feita por um crítico que admitisse a sua ignorância nesta matéria. (Bergler, 1998: 215-216)⁹

⁹ Tradução minha, a partir do original em inglês.

Decorrendo naturalmente do que tenho vindo a afirmar, o factor identificado por Bergler parece corresponder a um dos antídotos para a estupidez, sobretudo tomando em conta o exemplo acima transcrito. Afinal, Bergler queixa-se de ter encontrado bons intérpretes para a sua obra, o que parecerá algo contraditório à luz do ponto que anteriormente apresentara: “Falta de capacidade ou de vontade para procurar informação e falta de imaginação, combinados com uma recorrência persistente de noções preconceituosas” (Bergler, 1998: 212).

A diferença entre “não ser entendido por um tradutor italiano” e “ser exclusivamente entendido por um pequeno grupo de pessoas que partilham de um mesmo quadro de referências” é aqui de somenos importância. O aspecto essencial desta questão é que Bergler não diz que o seu livro ostentava claramente a indicação da intenção que posteriormente confessará. Para todos os efeitos, é mais um livro sobre psiquiatria que sai para o mercado, sujeito a ser adquirido e lido por leigos, ignorantes da complexidade que, aparentemente, só o seu autor e dois críticos -respectivamente, do *Brooklyn Eagle* e do *Greensboro News*- reconhecem. Estes dois homólogos do tradutor italiano (do qual, infelizmente, não sabemos mais nada) representam a confirmação de que, por vezes, a intenção do autor deve ser usada como argumento para a prática da interpretação.

O exemplo *de* Bergler (e não o exemplo fornecido *por* Bergler) representa mais um caso em que se mostra quão difícil é lidar com a estupidez. Musil tinha proposto a modéstia como antídoto; agora, devemos acrescentar a atenção e algum distanciamento, a partir de Bergler e das frases que passo a citar:

A febre tifóide é uma doença terrível; ou se morre, ou se fica idiota. Sei do que falo: já a tive. (*Frase célebre atribuída ao marechal Mac Mahon*. Reproduzido em Bechtel e Carrière, 1984: 504).¹⁰

O paradoxo de Mac Mahon acompanha parodicamente o do cretense Epiménides de Gnosso, segundo o qual “todos os cretenses são mentirosos”.

¹⁰ Tradução minha, a partir do original em francês.

Independentemente das tradicionais considerações filosóficas acerca do valor de verdade destes enunciados, interessa aqui realçar como - superficialmente, pelo menos - estes exemplos sugerem a impossibilidade de um qualquer intérprete se retirar voluntariamente do contexto dos objectos interpretados, sobretudo quando partilha com eles esse mesmo contexto. E como é que o intérprete se esquece disto? A citação de Bronowski, na primeira secção deste artigo, pode ser uma resposta, mas acrescento-lhe agora o epítome da falta de modéstia - que completa o retrato da espécie:

Eu, que sou culto, não encontro nada de errado em mim; e em todas as ocasiões sinto-me espontaneamente levado a apreciar o que me parece mais belo. Se todos fossem tão cultos como eu, todos se encontrariam, tal como eu, na feliz impossibilidade de agir erradamente. (Renan (1947). *l'Avenir de l'intelligence*, reproduzido em Bechtel e Carrière, 1984: 133)¹¹

A inclusão destas frases no *Dictionnaire de la Bêtise* é também o símbolo de uma ironia particular que assinala os caminhos da estupidez. Se é sempre ao outro que atribuímos o epíteto “estúpido” (mesmo quando o outro é um eu-há-duas-horas-atrás), vemo-nos confrontados com a necessidade de uma descrição alternativa que nos garanta um lugar no panteão dos que não são estúpidos. O que todos estes exemplos revelam é que essa descrição não depende de nós - ou, pelo menos na maior parte dos casos, não é a descrição que fazemos de nós próprios que marca a diferença. No confronto com a estranheza do outro, cresce um paradoxo irredutível, verdadeiro obstáculo às capacidades do intérprete que tem sido a personagem principal deste artigo.

Para concluir, imaginemo-lo agora em monólogo: “Todos os meus semelhantes são diferentes de mim. Dizem coisas bizarras acerca dos objectos que partilho com eles; associam, de forma estranha, ideias que me parecem não ter qualquer relação umas com as outras; e chegam mesmo a ser estúpidos, pois desconfio que não entendem o verdadeiro significado daquilo que os rodeia.” Curiosamente, como admitirá o nosso intérprete, é precisamente este estado de coisas que o impele a interpretar. Verdadeiro romance de aprendizagem, a sua

¹¹ Tradução minha, a partir do original em francês.

história através dos tempos e lugares permitir-lhe-á, então, dizer que sabe do que fala quando fala da estupidez.

Referências

- Bechtel, G. e Carrière, J-C. (1984). *Dictionnaire de la Betise e des Erreurs de Jugement*. Paris: Robert Laffont.
- Bergler, E. (1998). *The Talent for Stupidity. The Psychology of the Bungler, the Incompetent, and the Innefectual*. Madison/ Connecticut: International Universities Press.
- Berger, P. L. (1997). *Redeeming Laughter. The Comic Dimension of Human Experience*. New York and Berlin: Walter de Gruyter.
- Bergson, H. (1991). *O Riso*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bronowski, J. (1985). *Magia, Ciência e Civilização*. Lisboa: Edições 70.
- Freud, S. (1990). *Art and Literature*. London: Penguin Books.
- Koestler, A. (1964). *The Act of Creation*. London: Penguin Books.
- Lovecraft, H.P. (1971). *The Lurking Fear and Other Stories*. New York: Ballantine Books.
- Musil, R. (1998). *Diaries*. New York: Basic Books.
- Musil, R. (1994). *Da Estupidez*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Oliveira, C. (1982). *Cartas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Pitkin, W. B. (1932). *A Short Introduction to the History of Human Stupidity*. New York: Simon and Schuster.
- Poe, E. A. (1982). *The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. London: Penguin Books.
- Schnitzler, A. (1999). *Selected Short Stories*. London: Angel Books.

RUI LOPES é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses/Ingleses (F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa) e Mestre em Teoria da Literatura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Professor do Ensino Básico e Secundário, desde 1994. Entre outras obras, traduziu *O Dicionário do Diabo*, de Ambrose Bierce (Tinta-da-China), *O Espaço Vazio*, de Peter Brook (Orfeu Negro), e *Correios*, de Charles Bukowski (Antígona). Fundou e dirige o grupo de teatro AN!MAL, tendo já encenado peças de Dennis Kelly e Tiago Rodrigues, entre outros.

Submetido: Dezembro 2010

Aceite: Fevereiro 2011